

Este volume contém as seguintes  
obras:

Branca de Rossis

D. Luiz d'Ataide, ou a tomada de Sabul

O Sebastianista

O vicis sem mascara

1<sup>as</sup>  
edicoes

RB 198513



Presented to the  
LIBRARY of the  
UNIVERSITY OF TORONTO  
by  
Professor  
Ralph G. Stanton







BRANCA DE ROSSIS.

TRAGEDIA.

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

---

ANNO 1819.

---

*Com Licença.*

## PERSONAGENS.

EZELINO . . . . .	
BEATRIZ . . . . .	<i>Mulher de Ezelino.</i>
BRANCA DE ROSSIS . . . . .	
ALBERTO . . . . .	<i>Filho de Branca.</i>
GERARDO . . . . .	<i>Tio paterno de Alberto.</i>
ALDOVRANDO . . . . .	<i>Confidente de Beatriz.</i>
GORGIA . . . . .	<i>Capitão d'Ezelino.</i>

Soldados , e Guardas , que não fallão.

---

A Scena representa Bassano.

---

# ACTO I.

## SCENA I.

Atrio de Palacio Real. Em cada hum dos lados se descobre o exterior de hum Templo com a porta aberta, que deixa ver no interior hum sepulcro. Torres em distancia com as Bandeiras de Ezelino.

*Ezelino, Aldovrando, Gorgia.*

GORGIA.

**P**ORQUE razão, Senhor, neste momento  
 Em que a mais nobre das virtudes tuas  
 Se acclama, e se bemdiz, turbido, e triste  
 A teus Vassallos o semblante mostras?  
 Já cede tudo ás tuas armas, tudo.  
 Estão dispersos os rebeldes: nestas  
 Excelsas torres de Bassano ondeão  
 Teus estandartes triunfaes aos ares.  
 Debalde alçar a temeraria frente  
 Se hão de atrever os destroçados restos  
 Dos inimigos teus. D'horror se cobre  
 Todo o Dominio Paduano, ouvindo  
 Os eccos de teu nome; e arrependido  
 (Mas tarde, e em vão) da muito audaz empreza  
 Será desbaratado, e até sujeito.

A 2

EZELINO.

Da vingança o desejo arde em meu peito,  
 Me agita, e me commóve, eu paz não tenho  
 Em quanto, em quanto não prostrar de todo,  
 E humilhada não vir ímpia Cidade,  
 Que fomentar rebelliões se atreve  
 Ainda contra mim. Vamos, amigos,  
 Vamos de novo ao Campo, e morrão todos  
 Quantos rebeldes cidadãos se atrevem  
 Contra mim, seu Senhor; seja hum delicto  
 Hum rasgo só de piedade. Soffrão  
 Dos crimes seus a merecida pena.

ALDOBRANDO.

Senhor, perdôa, se me atrevo a expôr-te  
 Meus sentimentos; ao rancor que nutres  
 Contra infelices taes, hum termo, hum freio  
 Em fim debes impôr: se ao Sceptro aspiras  
 Faze que o povo se sujeite, e dobre  
 A cerviz com prazer ás Leis que dictas  
 Com doçura e amor. O estrago, o sangue  
 Farão qu' incerta, e vacillante seja  
 A estrada das conquistas . . .

EZELINO.

Que conselho  
 Incauto me propões? Quem para o Sceptro  
 Nascido se julgou, deve com força,  
 Deve ter com vigor sujeito o povo.  
 Util foi sempre ao Vencedor aos povos  
 Descobrir seu poder. Dize, que susto,  
 S'impune deixo seu delicto, os homens,  
 E meus indóceis inimigos, podem  
 Da minha espada ter? Sempre inclinados

A' sedição , recusaráõ constantes  
 Homenagem prestar-me, e acatamento.  
 Tu sabes já que duas vezes Padua,  
 De meu Imperio o jugo sacudira,  
 Em quanto, novas palmas conquistando,  
 N'outro paiz o exercito eu guiava.  
 Quantas mortes crueis, e estragos quantos  
 Aos arrazados inimigos muros  
 Não levou meu poder? Que grão castigo.  
 Não soffrêrão d'audacia os vís rebeldes?  
 Eu, o Duque de Porta, o Chefe indigno  
 Dos rebelados, a supplicio infame.  
 Neste lugar sentencieí; mandando  
 Que a troncada cabeça exposta fosse,  
 No ferro d'huma lança, aos inimigos,  
 Dest'arte o peito de terror enchendo.  
 Assim julgava que ficasse extincto  
 Da vil rebelião o infausto germen;  
 Porém eu m'enganei, sua esposa Branca,  
 Do sexo debil a despeito, armada  
 De virtude guerreira, em odio aceza  
 Contra mim suscitou aos Paduanos  
 O temerario ardor; e em fim vencida,  
 Depois de longa, e sanguinosa guerra,  
 A tenho em meu poder; e a bellicosa  
 Sua audacia cruel, qu'incendio immenso  
 De amor no peito meu me atêa, ó Gorgia!  
 Quando no Campo a vi, de estrago, e sangue  
 Cobrindo meus exercitos, de todo  
 Eu m'esqueci de mim: lisonjas, rogos  
 Nada poupei, para vencer-lhe o peito.  
 Oppôz-se sem conselho aos meus desejos,

Aquelle insano amor, e os meus primeiros  
Amorosos transportes se mudarão  
Em profundo rancor . . .

GORGIA.

Suas repulsas  
Conhecidas me são, e ingrata, e dura  
Se oppôz ao teu amor. Como de antigos  
Ultrages, semrazões, inda lembrar-se  
Póde o teu coração . . .

EZELINO.

Presente o tenho.  
Quem de offensas s'esquece, ou não tem força,  
Ou cobardia tem: pedem vingança  
Meu odio, meu amor; seja cumprida.  
Venha a meus pés a ingrata, envolta em ferros,  
Aviltada, submissa, observe, e sinta  
Que poder tenha o desprezado amante;  
Veja-me vencedor, temido, e grande,  
De raiva se penetre, e s'arrependa!  
Porém de balde; da soberba sua  
Soffra o mesmo supplicio a que sujeito  
O seu espozio vio. Corre, Aldobrando,  
Traz-me a indigna prisioneira . . .

ALDOBRANDO.

E pódes,  
Ind' antes d'ultimar os teus triunfos,  
D'hum desprezado amor tomar vingança?  
Suspende o teu furor, té que acabada  
Tão digna empreza seja, e que vencido  
De teus Vassallos o ardimento seja.  
Deixa aquella infeliz no temeroso  
Horror d'huma prizão, deixa nos braços



D'hum tormento cruel , c' o filho amado ,  
E com Gerardo o confidente , seja  
Envolta em mágoa , o seu castigo espere.

EZELINO.

Não quero demorar minha vingança ,  
Cumpre o qu' eu mando , vai , e a morte sua  
Ha de servir de exemplo aos vis traidores.

( *Aldobrando parte.* )

## S C E N A II.

*Ezelino , e Gorgia.*

EZELINO.

**D**IZE , amigo fiel , que sentimentos  
Me mostra o povo , de prazer , ou mágoa ,  
Neste dia fatal ? . . .

GORGIA.

Todos applaudem  
Tua illustre victoria , em seu semblante  
Se descobre o prazer. Mas sabes quanto  
Nos homens seja o coração diverso  
Daquillo mesmo que lhe mostra o rosto !  
Mas ainda antes que feneça o dia  
De teus guerreiros sustentando o esforço  
Contra inimigos teus , podes de todo  
As iras saciar , e já seguro  
Tu tens o teu triunfo ; apenas restão  
Para vencer huns esquadrões dispersos ,  
Sem força já , e de terror seguidos.  
O inflexivel rigor que a teus contrarios

Mostrado tens , e o derramado sangue  
 De tantos , tantos Cidadãos , naquelle  
 Valle que cerca a subjugada Padua  
 Os faz tremer , Senhor , são teus vencidos ,  
 Entre si já murmurão , ledó instante  
 Appetecem da paz , e o grave risco  
 Em que todos estão por ti combate.

EZELINO.

Aquelles monstros rebelados , todos  
 Igual ao crime seu terão castigo ,  
 A meus pés humilhando a altiva fronte  
 Piedade pedirão . . . mas eis se avança  
 A prisioneira para nós ! Oh Fados !  
 Que gentil rosto ! Ignoto sentimento  
 Me assalta o peito ! Oh Ceos ! A antiga chamma  
 De novo em mim se accende , em mim se atêa !

### S C E N A III.

*Branca encadeada no meio das Guardas : entra volvendo os olhos para a parte do Templo , sem advertir em Ezelino. Aldovrando , e os ditos.*

BRANCA.

**E**is o Templo! o Sepulcro!.. Oh vista horrenda!  
 Oh Sepulcro ! Oh Sepulcro ! Infausto objecto  
 De ternura , e de dôr ! Meu desditoso  
 Doce esposo alli jáz . . . Com pranto inutil  
 Te mostro a minha dôr ! . . . Féros Ministros  
 ( *Para os Guardas.* )  
 D'hum barbaro Tyranno , hum pouco ao menos

Desafogar no Mausoléo deixai-me  
 Meu triste coração... Eis Ezelino.  
*(Vendo o Tyranno.)*

Impio homicida ! Quando o vejo , toda  
 Sinto em fogo abraçar-me. E posso acaso  
 Fitar meus olhos no odioso aspecto ?

ALDOVRANDO.

Olha , Senhor , de que crueis tumultos  
 Combatida a infeliz se te apresenta !

BRANCA.

Inda farto não he de atormentar-me  
 O meu destino barbaro ! Tyranno ,  
 Dize , que queres mais ? Queres tirar-me  
 Esse amargo prazer qu'inda me resta  
 De carpir meu esposo ? Inda tens sêde  
 Talvez de sangue meu ? A aborrecida  
 Vida me tire teu furor extremo !  
 Eu mesma o quero assim ! Cruel , ao menos  
 A raiva atróz , que te atassalha o peito  
 Contra os tristes oppressos Paduanos ,  
 Desafoga em mim só ! Então só tinha  
 Apenas de deixar filho innocente ,  
 Privado aqui do maternal soccorro.  
 Deste infeliz , e misero menino  
 Tem dó , tem compaixão , se a mão da morte  
 Deve cortar da minha vida a têa.  
 E minhas frias , e caladas cinzas ,  
 De meu esposo ás cinzas misturadas ,  
 Manda qu' hum mesmo tumulo as esconda.  
 Eu supplico isto só . . . .

EZELINO.

Mais do que julgas

Me penetro de dor! D'alma desterra  
 Esse susto cruel, que assim te opprime,  
 Modéra o teu furor! . . .

BRANCA.

De que maneira  
 Eu me posso dar paz? De toda a parte  
 Contra meu coração se vibrão golpes  
 D'hum homicida vencedor! Tu sentes  
 Piedade de mim! Queres que o creia?  
 Dize, dize cruel, quem te obrigava  
 Meu esposo a matar? Inda cumprido  
 O claro Sol não tem seu annuo gyro,  
 Em que em tudo espalhando alta ruina  
 Entraste nestes desgraçados muros.  
 Abrirão teu caminho armas, e enganos.  
 Neste dia fatal ao caro esposo,  
 Como a vil malfetor, no cadafalço  
 Foi a illustre cabeça decepada.  
 Então viuva, afflicta, e não temendo  
 Ou transe, ou risco algum, o estrago, a morte  
 Eu destinei levar aos teus soldados,  
 Minha patria vingar, vingar o esposo  
 Derramando teu sangue... Oh Ceos! De balde!  
 Não foi propicio o fado, e envolta em ferros  
 A huma obscura prizão fui conduzida.  
 O horror, o luto, as lagrimas, o espanto  
 De tantos infelices cruelmente  
 Consumidos da fome, e do pezado  
 Dubio destino seu, que duos golpes  
 Derão no peito meu! Quando a meus olhos  
 Vi conduzir o misero Gerardo  
 Com meu tenro filhinho, oh! que torment

Então senti , que dor ! Elle fazendo  
 Ressoar as abóbadas com pranto ,  
 Por seu pai perguntava a cada instante ;  
 De mil affectos combatida , oppressa  
 Só com meu pranto responder podia ;  
 Nossas magoas em fim , nosso martyrio ,  
 Ah ! Cruel Ezelino , de teus olhos  
 Algumas ternas lagrimas tirarão.  
 Mas que tormento o coração no peito  
 Me fere , e despedaça ! Oh Ceos ! té quando  
 Tantas maldades soffrereis na terra !  
 Teme os raios de hum Deos : sua vingança  
 Quanto mais se detem , mais he pezada.  
 Pede vingança o sangue derramado  
 D' infelices a quem por vãs suspeitas  
 Tiraste a vida com tormento estranho ;  
 Bráda inda aos Ceos de Padua , e de Verona ,  
 De tantas povoações , o acerbo estrago ,  
 Que o teu furor ... Tyranno ! Eia , que pensas ?  
 Por qu' incerto , e confuso os olhos fitas  
 Nos tristes olhos meus ? Por que arde , e córa  
 Com minha voz teu rosto ? Não respondes ?  
 Volves acaso n' alma hum novo crime ?

EZELINO.

A muito chegas , Branca ! o teu perigo  
 Não s' evita dest' arte , antes s' augmenta ,  
 E se acceléra mais ! Quando te observo  
 De tantos males combatida , esqueço  
 Já passadas offensas ; tu modéra  
 O féro orgulho , e desterrar procura  
 Do pensamento imagens de tristeza.  
 De mim porque te queixas ? Constrangido

Eu da razão d'Estado a teu consorte  
 Mandei tirar a vida, e tu conheces  
 Quantos já contra mim se rebellarão.  
 Em mim que crime, ou que delicto encontras?  
 Tu me reprendes, Branca, e não conheces  
 O qu'eu sinto por ti! Se neste peito  
 Ah! tu podesses lêr! ou se a mim dado  
 Fosse agora explicar-me! ... Oh lá, Soldados,  
 Estes ferros soltai, e a liberdade  
 Hoje seu filho, com Gerardo, tenha.  
 E tu modéra a tua dor; teus passos,  
 Onde quizeres, livremente guia;  
 Só te védo sahir dos patrios muros.

BRANCA.

Eu devo acreditar-te? E não m'enganas?  
 E sentes dó das minhas desventuras?  
 Socegou teu furor? Meu caro filho  
 Devo tornar a ver? . . . .

EZELINO.

Sim, Branca amada,  
 A tua dor me desarmou! . . .

BRANCA.

Consente,  
 Que aquellas graças eu te renda ao menos,  
 Que esta viuva misera só pôde  
 Dar-te em tamanha dôr! Tanta clemencia  
 N'hum inimigo! Oh Ceos! ... Oh filho amado,  
 Em tantos males unico conforto!  
 Tu me tornas mais doce a liberdade,  
 Mais dôce a vida! Oh suspirado filho!  
 E devo ver-te em fim dos ferros solto?



EZELINO.

Eu to permitto, sim . . .

BRANCA.

E he certo? Em pouco  
 Eu o devo abraçar? Oh filho amado!  
 Oh Ceo piedoso! para mim não foste  
 Tão avaro, e cruel; meus duros males  
 Te merecêrão dó! . . . Mas que suspendo?  
 Eu vou buscar meu filho . . . E tu que dentro  
 (*Volta-se ao Tumulo.*)

Dessas pedras estás, ó cinza fria,  
 Tu me perdoa se occultar procuro  
 Hum odio atroz, que devo ao teu contrario.  
 O' Alma grande, do estellante assento  
 Onde sentado estás, tu bem conheces  
 Que aceito a vida, porque salvo o filho . . .  
 Ezelino, eu me aparto, eu sempre grata,  
 Sempre lembrada da clemencia tua  
 Para sempre serei; e tu prosegue  
 A ser benigno como foste agora,  
 Aos vencidos será teu jugo leve.

EZELINO.

Vai com ella, Aldovrando . . .

(*Branca sahe acompanhada de Aldovrando.*)

## S C E N A IV.

*Ezelino , e Gorgia.*

EZELINO.

EM fim tu viste  
 Quão estranha mudança em mim fizera  
 Desta mulher o lisongeiro aspecto.  
 As queixas , o lamento , a dor , as iras  
 Não excitarão meu furor tremendo.  
 Era do odio , e da vingança objecto ,  
 Hoje intentava derramar seu sangne :  
 Não sei que compaixão n'hum só momento.  
 Porque a quiz inda vêr ? Sinto mudado  
 Em suave ternura o odio antigo.

GORGIA.

Tu que dizes , Senhor ? ... Pois Branca póde ..

EZELINO.

Tu com razão te assombras , e eu conheço  
 Quanto indigno de mim seja este fogo  
 De novo aviventar : mas sinto , ó Gorgia ,  
 Que cede o meu valor ; força bastante  
 Para lhe oppôr não tenho. De meu peito  
 Achou da prisioneira o fero orgulho  
 Modo de ser senhor . . .

GORGIA.

Eu , que t'escuto ,  
 Não conheço Ezelino ! Onde se occulta  
 Teu coração tão grande , e valoroso ?

E terá tanto imperio amor tyranno,  
 Que opprima a tua gloria! Ouve, Ezelino,  
 Ella ao triumpho te convida, e manda  
 Qu' em fim destruas a Cidade infida,  
 E que teus Campiões no Campo esperem  
 Teus acenos, Senhor . . .

EZELINO.

Gorgia, não valem  
 Conselhos em amor, debalde busca  
 Razão oppôr-se a meu affecto antigo;  
 Já n'outro tempo suspirei por ella.  
 Fiel ao esposo seu, tentei debalde  
 Seu coração vencer; foi passageiro  
 Aquelle affecto então: guerras, cuidados,  
 E o tempo (que mais póde) o desterrarão.  
 Hoje se avivão mortas esperanças,  
 Mais em meu peito se renova a chaga:  
 Hoje agradar-lhe intento, e seus desvios,  
 Qu' eu tanto temo, supportar não posso!

GORGIA.

Mas qu' esperança conservar tu podes,  
 Que teus transportes reduzir consigão  
 Aquella alma inflexivel? Tu cortaste  
 De seu esposo os desgraçados dias! . . .  
 Cuida em reinar, Senhor, cuida em triumphos,  
 Cuida em vencer os inimigos, nunca  
 De hum baixo affecto seduzir te deixes.

EZELINO.

Eu não pertendo indignamente amalla.  
 Escuta, eu quero expor-te alto segredo;  
 Cinco lustros ha já, que o sacro laço  
 Do Matrimonio a Beatriz me liga

Sem poder ter hum successor no Imperio.  
 Nella a idade declina, e já de todo  
 Tal esperança em mim se desvanece.  
 Que meio posso achar? Ah! Branca, Branca  
 Sómente poderia; . . . mas receio  
 Qu' irada, qu' orgulhosa, e altiva negue  
 Remedio á chamma, que minha alma abraza.

GORGIA.

Tu te illudes; Senhor . . .

EZELINO.

Mas sem esposo,  
 Sem ter soccorro humano, e prisioneira . . .  
 Tu m'entendes, amigo! Em fim eu reino,  
 E que não póde huma ambição d'Imperio?  
 Verás, verás ceder sua alma fera,  
 Quando amada se vir, no Solio posta  
 De seu conquistador. Ella ama a Patria,  
 E seus Concidadãos, seu filho adora,  
 E tanto basta; meus triunfos mesmos  
 Podem nella operar mudança estranha.  
 Determinado meu divorcio tenho  
 Com Beatriz, e o coração de Branca  
 Prender, se lhe offertar d'esposo a dextra.

GORGIA.

Tu confias debalde, he muito austéra  
 A virtude de Branca, a dextra tua  
 A verás recusar, e invicta, e forte  
 Pizar o resplendor do Sceptro, e Throno.  
 Porém se a força, e violencia empregas,  
 Que fé tens d'esperar d'huma inimiga?  
 E cuidas qu' indolente hum tal divorcio  
 Beatriz soffrerá? Muda, Ezelino,

Muda hum projecto tal . . .

EZELINO.

Em vão procuras

Este incendio apagar, que assim m'inflamma.

Docil Branca será; e obediente

Deve soffrer Beatriz o seu destino:

Tu corre a expôr-lhe já minha vontade;

Tu mesmo a exhorta a dissolver o laço

Inutilmente conservado . . .

GORGIA.

Eu parto

A cumprir tuas leis; porém devêras

Outro tempo esperar mais opportuno.

EZELINO.

Impaciente estou, tudo me agrava

O duro mal que soffro; e neste dia,

Antes que o Sol s'esconda, á nova esposa

Me determino unir, meu peito afflicto

De todo socegar; tu prestes busca

A Beatriz, e minha lei lh'intima:

Emprega o artificio, emprega o medo,

Convencella procura; eu parto em tanto

A vêr o rosto que d'amor me abraza.

(*Sahe.*)

## S C E N A V.

GORGIA.

**C**OMO hei de expôr a Beatriz o feio  
 Projecto abominavel? Que tormento  
 Deve sentir esta infeliz! He certo,  
 Qu'esses heroes, d'amor victimas tristes,  
 Sem magestade, e sem rubor se aviltão!  
 Hum ligeiro relampago, hum vislumbre  
 D'hum vil prazer, e momentaneo, os céga  
 Vi feróz Ezelino, e triunfante,  
 Eu combater o vi; porém não póde  
 Vencer no coração hum vil transporte,  
 Que a fama lhe obscurece ... Eis s'encaminha  
 (*Vendo Beatriz.*)  
 Beatriz para aqui! Quando a devizo  
 Me sinto enternecer!...

## S C E N A VI.

*Beatriz, e Gorgia.*

BEATRIZ.

**O**Gorgia, he certo  
 Que medita Ezelino estragos novos?  
 Que arrazar quer de todo a minha Patria?  
 Que aos meus Concidadãos quer dar a morte  
 E seus triunfos, seu valor, e força



Só servirão de conseguir-lhe o nome  
 De tyranno, e cruel? Com sêcos olhos  
 Eu devo contemplar dos meus a morte,  
 Pizar a terra com meus pés, banhada  
 De seu illustre sangue inda fumante!  
 Tu procura applacallo, amansa, e doma  
 O seu cruel rancor, e as que atassalhão  
 Furias seu peito, que se apraz da morte.  
 Talvez que mais o movão os teus rogos  
 Que as minhas tristes lagrimas!... Suspiras?  
 Tu te affliges? Oh Ceos!... Falla, que he isto?  
 Tu me opprimes d'horror...

GORGIA.

Teus tristes males  
 Despertão em mim dó! Da tua Patria  
 Tu não tens que sentir sómente o estrago.  
 Outro mal, outro golpe te ameaça!

BEATRIZ.

E que desastre annunciar-me intentas?

GORGIA.

O mais cruel qu'imaginar tu podes.

BEATRIZ.

Falla Gorgia, ... eu desmaio!

GORGIA.

O teu esposo  
 Muito te preza e ama, e constrangido  
 Se vê com tudo a dissolver o laço,  
 O laço conjugal sempre infecundo,  
 Que contigo tramou...

BEATRIZ.

Oh Ceos! que escuto!  
 Meu esposo! Ezelino!...

GORGIA.

Assim do Estado  
Quer que valha a razão ; e elle deseja  
No Throno hum Successor. Ah! não t'opponhas.

BEATRIZ.

Eu qu' escuto infeliz ! Que accezo raio  
Meu coração ferio ! Que horror gelado  
Me aperta o seio ! E chega a tanto excessõ  
Hum pérfido Marido ? Eu não resisto  
A tal annuncio . . .

GORGIA.

Imaginar não pódes  
Com que amargura a barbara noticia  
Eu te venho trazer ! Por mais que chore ,  
Minha dor, meu pezar ... tudo he frustrado !  
( Sahe )

## S C E N A VII.

BEATRIZ.

**D**EST'ARTE me despreza, e assim m'expulsa  
Ezelino cruel ? E assim dissolve  
O laço marital ? Traidor ! Dest' arte  
Pizados hei de ver sagrados votos,  
Que proferira á face dos altares,  
Que a dura morte quebrantar só póde !  
E tu, ó Ceo, tão feios attentados  
Impunes deixarás ? Com tal infamia  
Eu deverei viver ? Serei de todos  
Mostrada com a mão ? Mas eu me perco  
Nestes inuteis míseros queixumes ! . . .

Vai, Beatriz, desafogar teu odio  
Deste traidor no scelerado sangue :  
Trahida esposa , o coração lhe arranca ,  
O coração sem fé , do peito ao monstro ,  
E aquelle monstro barbaro conheça  
Quem intenta insultar. D'injurias tantas  
Vingar me saberei ! Mas que vingança ,  
Intentar poderei ? Bem que trahida ,  
No peito escuto amor , qu'inda me falla ,  
E me falla o dever. Este inhumano  
Com minhas dôces lagrimas primeiro  
Tentarei abrandar . . . Desesperada  
De odio , de amor , de magoa , de ciume  
Me veja o esposo indigno : huma esperança  
Inda sinto raiar ! Talvez suspenda  
A sacrilega acção , que os Ceos offende ,  
Que enche d'espanto a Natureza inteira.

---

## A C T O II.

### S C E N A I.

*Branca, Alberto, Gerardo.*

BRANCA.

*(Mostrando a Alberto o Tumulo.)*

**A**LLI tens, filho meu, eis o Sepulcro  
 (Oh tormentosa vista!) onde s'escondem  
 Os ossos de teu pai. Ao cadafalço  
 O fez subir o barbaro Tyranno,  
 Qu'entre cadêas te encerrou té gora.

ALBERTO.

Oh desgraçado Pai! Tu sepultado  
 Aqui jazes ... Oh Ceos! Qu'horror profundo  
 O cruel espectaculo m'inspira!  
 E quando apenas conheci teu rosto,  
 Eu orfão te perdi . . .

BRANCA.

Quanto, meu filho,  
 Despedaça minh'alma esse teu pranto.  
 Ah! queira o justo Ceo, que n'outra idade  
 O mesmo sintas; que com odio eterno,  
 Como huma herança paternal, tu vingues  
 O sangue de teu Pai, da Patria os males;  
 E já que teu semblante he d'elle a imagem,

Possas inda imitar suas virtudes !  
 Procura, ó filho, no mister das armas  
 Teu braço exercitar, e os teus triunfos  
 Possão hum dia despertar a inveja  
 Dos inimigos teus. Nunca te apartes  
 Das veredas da gloria, e fortaleza,  
 Que os avoengos teus, teu pai te abrirão !  
 Mas ah! devo esperar que a vida tua  
 Poupe o fero Ezelino? Oh! desgraçado  
 Filho, em tão tenra idade, exposto a tantos  
 Dezastres tão crueis! Entre estes muros  
 He tudo para nós perigo, e morte!  
 A cada instante se me antolha o monstre.  
 Impio tyranno, de furor armado,  
 Destes meus braços maternas tirar-te.  
 Este me altera triste pensamento!  
 Talvez seja a vez ultima qu'escutes  
 Tua chorosa Mãi! . . .

GERARDO.

Sempre de magoa  
 Serás victima triste! E qu'importuño  
 Fantasma de terror te segue, ó Branca?  
 Ora que a sorte variou de aspecto;  
 Cuidava ver-te mais tranquilla . . .

BRANCA.

Nesta  
 Torre fatal, e nos lugares tintos  
 De meu esposo c'o fumante sangue,  
 Entre lembranças taes da sua morte,  
 No palácio horróroso onde domina  
 O Tyranno feróz, tão perto deste  
 Sepulcro, devo sem terror mostrar-me?

GERARDO.

Mas Ezelino nossos duros ferros  
Em fim quebrou, e respiramos livres.  
Que outra mais firme segurança exiges?

BRANCA.

Tu não conheces d'Ezelino o peito!  
He hum monstro, Gerardo, he hum infame,  
Cuja barbaridade off'rece horrenda,  
Fatal memoria aos seculos futuros.  
He detestavel a clemencia sua,  
Eu a temo, Gerardo; e se he piedoso,  
Porque sahir daqui me veda, e tolhe?  
Porque s'intenta separar da esposa  
Com divorcio cruel? Talvez se atreva  
Inda a amar-me o cruel! Eu temo tudo;  
E como poderia n'um momento  
Em amor transformar seu odio e raiva?  
Tu conheces, Gerardo, que motivos  
Tem de odiar-me, e perseguir-me o monstro!  
O desprezado amor, e os rebelados  
Povos contra seu jugo, os desbaratos  
Que tem soffrido, o natural instincto,  
Que não conhece o dó, sempre indomavel,  
Desperta em mim suspeitas horrorosas:  
E contra a nossa Patria hum odio immenso  
Conserva aquelle coração de tigre;  
Os caminhos tentou mais vís, e iniquos;  
Para a tyrannizar medita, emprega  
Toda em seu damno a barbara fereza.  
Flexivel póde ser quem he tyranno?  
Quem estragos quer só, quem sangue anhéla?  
Debalde o esperas! Virão-no meus olhos



Cioso , e vacilante n'hum Governo  
De hum povo tão feróz , que recusava  
Dobrar a frente á servidão , e humilde  
Obedecer a usurpador medonho.

Tudo , tudo tentou ; torres excelsas  
Abateo , destruo , e os ornamentos  
Da captiva Cidade , á morte dando  
Mil e mil Cidadãos ; as mãis , e espozas ,  
Tremulos velhos , e innocentes filhos ,  
Sem ter respeito ao gráo , á idade , ao sexo.  
E tu , Padua , Cidade tão famosa ,  
Infeliz prêza do Tyranno foste.

De tua antiga Magestade apenas  
Resta huma triste lacrimosa imagem !  
Depois de tanto estrago , e tanta morte  
Que não devo eu temer ? Ah ! por piedade ,  
D'hum monstro tão cruel , este innocente  
A' vingança se roube. Ah ! se eu te perco  
Como posso existir , misero filho ?  
Em tanta magoa , e dor ... (Chora.)

ALBERTO.

Que he isto , choras ?  
Ah ! não suspires , minha mãi , que idéas  
Te conturbão assim ? Toda em mim sinto  
A alma agitar-se , ao descobrir-te entregue  
A tal perturbação , tão funda mágoa !

BRANCA.

Tu não percebes , desgraçado filho ,  
Que tempestade horrisona de males  
Sobre ti se condensa !

ALBERTO.

Oh Ceos ! que escuto ?

Acaso intenta o barbaro Tyranno  
 Juntar ao sangue de meu pai meu sangue?  
 Oh consternada mãe! Fugamos prestes  
 Destes lugares detestaveis . . .

BRANCA.

Filho,  
 Sim, meu querido filho, algum conforto  
 Podéra ter se te salvasse a vida:  
 Hes o penhor o mais suave e doce  
 Que me póde ficar nesta funesta  
 Situação de minh' alma.

(Para Gerardo.)

E tu, que observas  
 Minha pungente dôr, ah! tem piedade,  
 Soccorre o filho meu, talvez dependa  
 De ti sómente a salvação; tu busca  
 O meio de occultallo aos inimigos.  
 Eu por mim nada posso, que observando  
 Satellites crueis meus passós andão:  
 Tempo opportuno escolhe, inda espiado  
 Vejo que tu não hes. Tenta, Gerardo,  
 As Guardas seduzir, seja levado  
 Occultamente ao valoroso Estense;  
 Nelle sómente as esperanças tenho . . .

ALBERTO.

Oh minha afflicta mãe! Como podéra  
 Retirar-me sem ti? Nem posso, ou devo  
 Abandonar-te mais . . .

BRANCA.

Oh! caro filho,  
 Não permite meu barbaro destino  
 O poder-te seguir. Faze que ao menos,

Entre as desgraças que me cercão, possa  
 Não recear por ti...

GERARDO.

A mais tremendo  
 Perigo o vais expôr; e tu não sabes  
 Quantos Tyrannos com malignos olhos  
 Vigião sobre nós? Hum movimento,  
 Huma palavra só. lhe dão suspeitas:  
 Póde ser perigosa esta fugida;  
 Inda de mores desventuras causa.  
 Cessa já de temer, não exasperes  
 D' Ezelino o furor com vã coragem;  
 Talvez que o peito, inexorável sempre,  
 Se mude alguma vez...

BRANCA.

Tuas palavras  
 Não podem desterrar negras suspeitas,  
 Que o coração afflicto me lacérrão;  
 Mas ah! por onde quer que alongo os olhos,  
 Vejo a morte girar; do fundo seio  
 Os écos sinto d' huma voz ignota,  
 Que me manda esconder o amado filho  
 D' hum perigo inaudito!... Ah! para sempre!  
 He esta a voz do pranteado espozoz!  
 Dentro em minh' alma s'esvaéce todo  
 O prazer que senti; quando as cadêas  
 Cahirão destas mãos, toda a maldade  
 M'esqueceo do Tyranno! Oh Ceos! agora,  
 Que devo resolver? Com tantas ancias  
 Eu não posso existir! Tudo se tente.  
 A fuga disporei para salvar-se  
 Este filho infeliz, eu não recuso

Expôr a vida a perigosos transes.  
Vainos . . . . . (Começa a caminhar.)

## S C E N A II.

*Ezelino , e os ditos.*

EZELINO.

**S**USPENDE O PASSO . . .

BRANCA.

Oh Ceos ! Que vejo !

GERARDO.

Que desgraçado encontro ! . . .

EZELINO.

He este o filho ?

(*Observando attentamente Alberto.*)

BRANCA.

Sim he este , Senhor , mostrar tu deves  
Para com este desgraçado infante  
Hum rasgo ao menos da clemencia tua ;  
He digno de piedade . . . Alberto ajuda  
De tua Mãi as supplicas ardentes . . .

ALBERTO.

De minh' afflicta mãi , de seus tormentos  
(*Ajoelhando.*)

Tende , Senhor , piedade , ella o merece.  
Immersa em sua dôr , geme , e suspira.

EZELINO.

Querido filho meu , (desde hoje intento

(*Levantando o.*)

Dar-te este doce nome ,) hum pai piedoso

Sempre terás em mim. Talvez qu' herdeiro  
 Sejas hum dia das empresas minhas !  
 Verás mudado teu destino em breve !  
 Chega, chega-te a mim, e neste abraço  
 Sente o penhor de meu paterno affecto . . .  
 E tu, que tanto teu semblante triste

(*Para Branca.*)

Mostras com tanta dôr, d'alma desterra  
 D'huma vez o temor.— Todos se ausentem ;  
 E tu, Gerardo, á minha estancia leva  
 O pequeno menino . . .

BRANCA.

Ah ! que ternura !

Quão excessiva me parece ! . . .

(*Gerardo parte com Alberto.*)

### S C E N A III.

*Branca, e Ezelino.*

EZELINO.

PÓDES

Por isto conhecer quanta piedade  
 Os infelices miseros me excitem !  
 Se alguma vez castigo, e causo astragos,  
 Crueldade não he, he só justiça  
 Quem me lèvanta o braço ; eu devo o louro  
 Cingir na frente, e supplantar rebeldes :  
 E tyranno por isto eu sou chamado.  
 Mui differente me verás, ó Branca :  
 Tanto merece a dôr, e tanto a mágoa,

Que a formosura no teu rosto augmenta.  
 Surrio-se em teu favor hoje o Destino.  
 De ti depende só mudar a sorte  
 D'Alberto , e tua , se o melhor escolhes . . .

BRANCA.

E que devo fazer ? . . .

EZELINO.

Attenta escuta.

Lembra-te , Branca , quanto fost' hum tempo  
 Amada d'Ezelino ? Eu bem me lembro ,  
 Inda qu' a meu pezar : eu dava accesso  
 A indevida paixão , á qual se oppunha  
 Tua virtude , e natural candura.  
 D'aspecto mudou tudo , a antiga chamma  
 Mudou de condição ; e tu sem pejo  
 A podes sustentar. Intento agora  
 Separar Beatriz do Solio , e Throno.  
 O divorcio está feito , e a dextra tua  
 Eu supplico ; do thálamo consorte  
 Hoje t' escolho , minha mão te off'reço.  
 Com este laço o odio antigo , e justo ,  
 Qu' eu tinh' á tua Patria , de meu peito  
 Hoje se arrancará ; vêr-se-ha florente  
 A suspirada paz . . . Ah ! tu prantêas ?  
 E a taes promessas tu descóras , tremes ?

BRANCA.

Qu' escuto ! Que disseste ? Oh Ceos ! Que gêlo  
 Me corre pelas veias ! E podeste  
 Tanto esperar de mim ? Meu Deos ! . . . Eu morro !

EZELINO.

Falla . . . .



BRANCA.

Que hei de dizer? . . .

EZELINO.

Falla! . . .

BRANCA.

Que escuto!

Tu não foste, Ezelino . . . Ah! tu não foste  
Do meu esposo o matador? . . .

EZELINO.

Esquece,

Tudo o que já passou. Lembre-te, Branca,  
Que vez ante teus olhos supplicante  
Hum heróe vencedor, e em toda a parte  
Formidavel, temido; este te pede . . .  
E poderás negar-me? . . . E não m'entendes?  
E chorando, de mim trémula apartas  
Teus lacrimosos ollios?

BRANCA.

E não julgas

Tão miserando meu estado, e triste,  
Que não mereça pranto? Eia, Ezelino,  
Vê quanto a tua pertença macúla  
A tua gloria, e feitos! . . . Mas que gloria  
Tu podes ostentar? Hum só vislumbre  
Qu'inda em tua alma de virtude houvesse,  
D'ella a idéa fatal te desterrára . . .  
Não Ezelino, não . . . Dá-me os meus ferros.  
Ah! são mais doces que o funesto laço!  
Menos espanto me causára a morte!  
Tu me off'reces a mão, e tu te atreves  
Propôr de Beatriz repudio injusto?  
Esperar podes . . . Mas qu' horror! . . . Qu' escuto!



Deixa, Ezelino, que de ti m' esconda, . . .  
 E não descubras mais (se honra em ti vale!)  
 Os teus desejos, e as repulsas tuas . . .  
 ( *Sahe.* )

## S C E N A IV.

EZELINO.

**A**H! não partas! Qu'escuto? Assim me deixas!..  
 Assim fuge de mim tão vil escrava!  
 Dest' arte me despreza! Inda isto soffro?  
 Que aviltamento! Oh Ceos! Mulher soberba,  
 Tu nunca mais escutarás meus rogos,  
 Pedir não devo mais a dextra indigna...  
 Ezelino, entra em ti! D'alma desterra  
 A soberba, a cruel... Mas eu que digo?  
 Tanto não poderei! Que fero impulso  
 Sente meu coração, que a amar m'obriga!  
 Ah! que ao vèlla chorosa, absorta, e triste  
 Mais se accendia a chamma amortecida.  
 Ouço a voz da razão; mas como posso  
 O fogo reprimir, que força adquire?  
 Não tem meu coração valor tão forte;  
 Em vão o tentarei! . . . Tudo s'empregue  
 Para cumprir meus férvidos desejos:  
 A força empregarei; talvez que ceda  
 Seu duro coração, sua virtude;  
 E não se diga qu' Ezelino pôde  
 Tolerar, sem vingança, huma repulsa! . . .

## S C E N A V.

*Ezelino , e Gorgia.*

EZELINO.

**L**EVASTE, ó Gorgia, meu preceito, e mando  
A Beatriz?

GORGIA.

Senhor, tudo está feito.

Co' a inopinada nova huma improvisa  
Palidez, que demonstra hum fero orgulho,  
A turbou, e cobrio...

EZELINO.

Eu nada disse

Quero agora saber; faze que longe  
Fuja de mim, que busque hum novo asylo.

GORGIA.

Como, Senhor! Proscrita, e condemnada  
Ha de vêr-se a que já foi esposa tua  
A hum desterro fugir! Principe Augusto,  
Mil, e mil vezes, do que obrou o homem  
S'arrepente, Senhor; porém debalde  
Quando insensivel arrastrar-se deixa  
D' huma cega paixão. Mas que delicto  
Commetteo Beatriz?...

EZELINO.

*(Irado.)*

Nada mais digas;

O meu Decreto, subito se cumpra...

GORGIA.

Eu tudo cumprirei... mas vê que afflicta  
Ella mesma, Senhor, te busca...

EZELINO.

Venha . . .

Cumpre hum pouco fingir piedade, e magoa

## S C E N A VI.

*Beatriz, Aldovrando, e os ditos.*

BEATRIZ.

*(Voltando-se a Aldovrando, e parando a  
morisada no fundo da Scena.)***E**ZELINO alli está, eu gélo, eu tremo! . . .

ALDOVRANDO.

De teu valor té lembra, e da virtude;  
Talvez que nelle a piedade encontres.

BEATRIZ.

Esposo, e Senhor meu, porque te turbas  
Quando meu rosto vês? Porque delicto  
Teus olhos sobre os meus fitar-se negão?  
Que me póde tornar insupportavel  
A' tua vista? Oh Ceos! Por toda a parte  
Ouço uniforme voz, e o mesmo Gorgia  
Já ma fez escutar. E intentas firme  
Despedaçar indissolúvel laço,  
Jurado aos Ceos, á face dos Altares?  
E aquella dextra, offerecida hum dia,  
Ligar intentas hoje a nova Esposa?  
De que culpa sou ré? Que erro te move  
A condemnar-me assim? O amar-te muito,  
He este o crime atróz, que em mim castiga!

EZELINO.

He só, Beatriz, huma razão d'Estado  
 Quem me força a tal passo, e tu bem podes  
 Lêr em meu rosto quanto me atormente  
 Huma tal divisão. Junto a meu lado  
 Até gora te amei, dentro em meu peito  
 Tu só reinaste, nem de mim distante  
 Eu te queria, se tivesse hum filho.  
 Eia, socega, Beatriz, e a frente  
 Dobra ao destino teu imperioso;  
 Busca feliz habitação tranquilla.  
 Nestes Paços Reaes junta a meu lado  
 Mais tormentoso teu martyrio fora.

BEATRIZ.

Emmudece perjuro! Ah! não me ultrajes,  
 Nem com falsa ternura o meu tormento  
 Queiras exasperar. Dize, inhumano,  
 Assim m'expulsas da morada tua?  
 Como podes, amando, as minhas mágoas  
 Desta sorte escutar? Como, insensivel,  
 Podem teus olhos contemplar meu rosto?  
 Observa este meu pranto, e pensa, ingrato,  
 Que prazer esperar dos novos laços  
 Póde o teu coração! Eu desterrada,  
 De meu destino victima, meus dias  
 De clima em clima errante hirei passando;  
 Mas onde hirei? Que asylo, que morada  
 Póde prestar-me minha mesma Patria?  
 Se tu, cruel, sobre ella estragos tantos  
 Soubeste derramar! Se o povo todo,  
 Da injusta servidão temendo o jugo  
 Contra mim, contra ti, seus odios jura!

Dize , que terra , ou região piedosa  
 Me ha de acolher em si , qu' em si não tenha  
 Signaes impressos da sevicia tua?  
 A todos me fará dura inimiga  
 D' esposa tua o titulo funesto.  
 Entra em tua alma , se a não tens fechada  
 A's vozes do dever ; tua alma sinta  
 A desventura que me vai seguindo ,  
 De que hes causa , e author : muda a sentença  
 Suspenda a minha dôr o atroz desenho.  
 Lembre-te o dia que me deste terno ,  
 Como penhor da fé , tua regia dextra !  
 Oh ! Que negra traição , que horrendo engano  
 He este , Esposo meu ! E existe aquella ,  
 Que tanto amaste hum tempo , e a quẽ chamavas  
 Do teu amor , e da ternura objecto ?  
 Doces promessas , que tornadas vejo  
 Em fonte infausta de temor , e luto !

GORGIA.

(Quem pôde resistir a taes lamentos!)

BEATRIZ.

Melhor consulta teu decreto , enfreia  
 Teus pungentes remorsos . . .

EZELINO.

Tu conheces

Qu' hum severo dever a novas nupcias  
 Me força , me constrange . . .

BEATRIZ.

Se eu tivera

No peito hum coração , qual tens no peito ,  
 Em quem não tem religião dominio ,  
 Que o jugo arroja da virtude , e honra ,

Eu saberia desterrar d'est' alma  
 Todo o remorso que a traição m'inspira.  
 Porém eu da razão não quebro o freio . . .  
 Satisfaze teu barbaro desejo ;  
 Mas sabe , injusto , que em vingança minha ,  
 Desta iniqua traição tu' alma ingrata  
 Será preza fatal das furias todas ;  
 Por onde fores levarás presente ,  
 Com fero aspecto , teu delicto enorme ;  
 Teu repudio ... esta esposa... Ceos!... Que disse ?  
 Ah ! perdoa , Senhor , os meus transportes ,  
 De meu amor são filhos , e não sejam  
 Causa d'eterno pranto , e nunca , e nunca  
 Jámais senti por ti tão doce affecto  
 Como hoje sinto ! . . .

EZELINO.

Beatriz , abuzas  
 Da minha tolerância . . .

BEATRIZ.

Eu te conheço ;  
 Tira-me , ingrato , o coração do peito ;  
 Fere , fere , aqui tens ! . . .

EZELINO..

Onde te guia  
 Teu insano furor ? Com teus lamentos  
 Funestar meu prazer não venhas hoje ;  
 Sujeita-te ao destino ; e o meu Decreto ,  
 Eia , executa , e minhas iras teme . . .

( Sahe. )



## S C E N A VII.

*Beatriz, e Aldobrando.*

BEATRIZ.

QUE abysmo de delictos! E qu' enorme,  
 Que barbara traição! Sinto o ciume,  
 Que o coração me despedaça; e onde  
 Posso os passos volver, que me não siga  
 Minha desgraça, e dor? Tão deshumano  
 Póde Ezelino ser! Oh Ceos! não posso  
 Supportar-me a mim mesma! Antes a morte  
 Que huma existencia tal! Seu pezo aggravado  
 Estas, não vistas, barbaras desgraças! . . .

ALDOBRANDO.

Modéra a tua dôr, talvez que longe  
 De tão cruel esposo asylo encontres,  
 Onde tranquilla respirar tu possas,  
 Talvez que saiba aligeirar o tempo  
 Esta desgraça, que evitar não podes.

BEATRIZ.

Em tanto mal, em tanta desventura  
 Não tem poder o tempo; huma só parte  
 Jámais diminuirá da dor que sinto!  
 Horriavelmente m'espedaça o seio  
 Ciume, indignação, vingança, affecto.  
 He possivel que Branca a hum monstro indigno  
 Acceite a dextra, fumegante ainda  
 De seu esposo c'o fervente sangue?  
 Não póde ser, que a indole conheço



Desta infeliz mulher: nunca da estrada  
 Soube apartar-se da virtude, e-honra;  
 Mas se louca ambição... Todos sujeitos  
 Vivem do erro ás illusões!! Saiâmos  
 Deste transe fatal! Busquemos Branca,  
 Talvez que a minha dôr, que os meus suspiros  
 Movão seu coração. Talvez deteste  
 O furibundo affecto, qu' Ezelino  
 Agrilhôa, e seduz, que em tanto abysmo  
 O quer precipitar . . . . (Sahe.)

ALDOBRANDO.

Oh! Nume Eterno!

Tu que vês, desde o Ceo, nossos trabalhos,  
 Consola a triste, e vinga seus ultrajes.

(Sahe para o lado opposto.)

---

## A C T O III.

### S C E N A I.

*Aldovrando, Gerardo.*

GERARDO.

**C**ALA, Aldovrando, por piedade. Eu vejo,  
 Vejo, inda mal, chegar o fero instante,  
 Que talvez seja o mais funesto a Branca.  
 Cego, cego d'amor, hoje Ezelino  
 Pedio a mão daquella desgraçada.  
 Já se atrevo a seduzir meu zelo,  
 E me obriga a tentar com vãs lisonjas  
 Seu casto coração; por isto o monstro  
 Soltou meus pulsos das servís cadêas.  
 Mas engana-se o barbaro, se cuida  
 Que tanto possa em mim da liberdade  
 O desejo, o amor! . . . Mas muito disse,  
 E menos livre na presença tua  
 Eu devia fallar. Honra, homenagem  
 Te vejo dar a hum pérfido Tyranno.  
 Como tranquillo, e socegado pôdes  
 Vêr quasi immersa, em miserando estrago  
 Nossa Patria infeliz? . . .

ALDOVRANDO.

Com tal suspeita

Tu me vens offender: tão indolente  
 D'amada Patria aos eminentes damnos  
 Em Aldovrando o coração lhe julgas?  
 Cumpre em silencio disfarçar meu odio.  
 Dos meus concidadãos o estrago, o sangue  
 De mágoa, e dor no abysmo me sepultão.  
 Sempre, Gerardo, o natural affecto,  
 A honra, a gloria, as leis da nossa Patria  
 Ao coração me fallão. Nella existò,  
 Porque sigo a Beatriz: mas pois o monstro,  
 Impio tyranno com injuria tanta  
 A despreza, a repulsa, eu testemunha  
 Não serei mais de tantos attentados.  
 Onde quer que a levar seu mal, seu pranto,  
 Junto della estarei . . . .

GERARDO.

Taes pensamentos  
 São bem dignos de ti; mas de tão fero  
 Transe nas mãos, e exposta ao vil capricho  
 Podes Branca deixar? Não, tu não debes!  
 E pois teu coração conheço agora,  
 Hum meu segredo descobrir-te intento,  
 E teu soccorro imploro . . .

ALDOVRANDO.

E que destinas?

GERARDO.

Quero Branca roubar destes lugares,  
 E juntamente o desgraçado filho.  
 Muitos, sujeitos a Ezelino, chorão  
 Nossos males fataes, e em ira accezos  
 Contra o Tyranno estão, que só deseja  
 Dos innocentes derramar o sangue.

Eu com arte os dispuz , e nesta empreza ,  
 Soccorros me darão , ficando livres  
 D' huma vil servidão ; já tem jurado  
 Nossos passos seguir , e apenas venha  
 A espessa sombra da vizinha noute  
 A seu lado hão de ter Branca , e seu filho.

ALDOVRANDO.

Quem poderia não te dar soccorro ?  
 Té eu t'hei de seguir nest' ardua empreza.  
 Mas se esta fuga do Tyranno fosse  
 Suspeitada sómente ! . . .

GERARDO.

E que mais resta  
 Que possamos temer ? As nossas vidas  
 Estão na borda d' hum abysmo horrendo.  
 Cuidas que o monstro sem furor supporta  
 As repulsas de Branca ? O ultimo excesso  
 Se verá de seu ódio. As almas grandes  
 Ousão tudo tentar.

ALDOVRANDO.

Que demorâmos ?  
 Com astuto ciume , amigo , observa  
 Não vá trahir-te alguém n' hum tal segredo :  
 Vê qu' Ezelino tão tremendo arcano  
 Não possa descobrir . . .

## S C E N A II.

*Branca , e os ditos.*

BRANCA.

**T**u , meu Gerardo ,  
 Com tal descuido aqui , quando o meu filho  
 Nas mãos está dos nossos inimigos !  
 Tu não conheces que retêm no peito  
 Hum coração indómito o Tyranno ?  
 Ama-me indignamente , em modo estranho  
 Confunde com amor , d'hum tigre a raiva :  
 Furioso , agitado , ora foi visto  
 Suspirar , e bramir , e em mil affectos  
 Vacillante óndear ; seus pensamentos ,  
 No peito esconde sempre impenetravel ;  
 Terrivel , e feroz na voz , nos olhos  
 Só nos descobre hum vingador desejo.  
 Gerardo ! eu temo , que não saiba o ímpio . . .  
 Ah ! corre em busca de meu filho , corre ,  
 Precioso penhor de ti confio . . .  
 Em quanto hum golpe proximo prevejo ,  
 Sinto no peito incognito tumulto  
 Qu' eu não sei perceber ! Presagio he certo  
 De novas desventuras . . .

GERARDO.

Se tivesse

A mais leve suspeita , oh ! como certo  
 Seria o nosso mal ! De que maneira

Tu eximir-te poderás da infame  
Vontade do Tyranno? Não te esqueça  
Qu'elle fora o cruel que dera a morte  
A teu Esposo desgraçado . . .

BRANCA.

Calla ,  
Não queiras ser cruel. Muito m'aggravão  
A minha acerba dôr , memórias tristes :  
Tua suspeita meu valor ultraja.  
E julgas-me tão vil , que antigo affecto  
Deixe esquecer de meu esposo extinto ?  
Inda que triste gyra a sombra sua  
Nas regiões da morte , está presente  
Sempre ao meu coração ! Seja Ezelino  
Deshumano , cruel , clame , ameace ;  
Minha virtude saberá roubar-me  
A seu furor , á violencia sua.  
Inda que eu triste victima tivesse  
De cahir a seus golpes , expirára  
Cheia d'alto prazer , mas não vencida.  
Mas o tempo esperdiço em vão discursos .  
Que demoramos mais ? Leva meu filho  
A seguro lugar , e compassivo  
Tem dó da triste mãi dilacerada  
Pela mágoa , e temor.

GERARDO.

Tudo confio .  
Eu da virtude tua , o teu perigo  
Meu animo accrescenta. Do Tyranno  
Se hão de frustrar os pérfidos desenhos ;  
Eu vou , que ao zêlo meu , e aos teus desejos  
Me parece encontrar fado propicio :

Confiemos no Ceo , que a vida tua  
 Ha de guardar , e de teu filho os dias.  
 ( *Sahe.* )

S C E N A III.

*Branca , e Aldovrando.*

BRANCA.

**A**I de mim ! Desgraçada ! que tormento  
 Me assalta o peito , se apartar-me eu devo  
 Destes lugares em que deixo o filho !  
 Com trabalho supprimo os movimentos  
 D'hum amor maternal dentro em meu seio.  
 A cada passo do Tyranno o aspecto  
 Me parece encoñtrar. Entre estes males  
 ( *Encaminhando-se ao Tumulo.* )  
 Me resta hum desafoço ; aquellas pedras  
 Hir inundar de lagrimas ferventes.  
 Debil conforto meus pezados males  
 Só nisto podem ter . . .

ALDOVRANDO.

Todos lamentão

O teu destino miserando , oh Branca !  
 Mas muito incauta t' enfureces , muito  
 Diante d' Ezelino ; e bem conheces  
 Qual tenha o coração , que ávida sêde  
 D'humano sangue abrasa o monstro infando.  
 Cumpre illudillo , com prudentes modos  
 De seu furor o ímpeto abrandar-lhe :  
 Talvez , talvez que assim não seja longe



O momento fatal, que ao teu destino  
Faça mudar d'aspecto.

BRANCA.

Mas que queres  
Qu'inda possa esperar?

ALDOVRANDO.

Que a noute estend  
Seu luctuoso véo; com prompta fuga  
Verás como Gerardo então te rouba  
A's furias do cruel...

BRANCA.

E a tal ventura  
Posso credito dar? He tão contraria  
A sorte minha, qu'esperar não ousa.

ALDOVRANDO.

Branca, não temas, não; com meu soccorro  
Em mais seguro asylo... Oh Ceos! que vejo! ...  
Eu descubro Ezelino! ...

BRANCA.

Oh Deos! E como  
Posso soffrer a detestavel face  
Daquelle fero monstro! Eia, fujamos.

ALDOVRANDO.

Não, por que elle te vio.

BRANCA.

Oh Ceos! Eu morro!

## S C E N A IV.

*Ezelino, Gorgia, e ditos.*

EZELINO.

**T**u de meu pensamento o terno objecto,  
Amavel Branca, e poderei contente  
Menos dura encontrar-te a meus desejos?  
A importuna tristeza em fim deixaste?  
Socega o coração, e ao debil vulgo  
O pranto deixa, e prejuizo inutil  
De guardar fé ás sombras d'hum defunto.  
Affugenta de ti negras imagens,  
Cuida em satisfazer meu justo affecto  
Não ignoto a teu peito; e de teu filho  
Cuida em firmar a solida ventura.

BRANCA.

E tu conservas firme o presupposto  
D'alimentar o aborrecido affecto  
Que a mente te deslumbra? Ah! tem piedade  
Desta viuva inconsolavel, sabes  
Qual seja a Santa Lei sevéra, e justa  
Que me véda querer-te. E como podes  
Quebrar dest' arte o laço inviolavel,  
Qu' a Beatriz te liga?

EZELINO.

E inda abuzando  
Vais da minha clemencia? Os teus discursos  
Já dispertão em mim furor sopito.  
Se meu amor desprezas orgulhosa,

E se não mudas obstinado intento ,  
 Verás , ímpia , a que barbaras tormentas  
 A tua vida expões . . . Teme o meu braço . . .  
 Cuida , Branca , em ti só , jámais te lembres  
 Do que a mim me pertence , e com repulsas  
 Não me venhas ferir ! . . . Inda te adoro . . .

BRANCA.

Deixa , Senhor , qu' eu manifeste em tudo  
 Meu triste coração , e não te indignes ,  
 Se com sincera voz condemno a tua  
 Tão indigna paixão , tão cega , e dura !  
 Como te póde amar esta qu' esposa  
 Foi d'hum contrario teu ? Tu derramaste  
 O sangue seu no cadafalço ; e posso  
 Lembrar-me disto sem horror ? E quanto  
 Cresce em tua presença ! E devo acaso  
 Desterrar de minh' alma o atroz supplicio ?  
 E dar-te a dextra n'hum lugar , qu' eu vejo  
 Tinto do sangue do querido esposo !  
 Considera , Ezelino , qu' eu podia  
 Pára esquivar-me a teu furor insano  
 Lisongear com doces apparencias  
 Tua cega paixão ; mas eu não posso ,  
 Eu não devo enganar-te . . .

EZELINO.

Isto he sobejo.  
 Falsa ! Conheço em fim ! Tu me aborreces ,  
 Tu mo dizes assás , se assim clescobres  
 O vil desprezo da clemencia minha.  
 Olha mudado o meu amor em odio ,  
 Em furor meu affecto ; he obra tua ;  
 A importuna ternura , eu já não sinto ,

Que m'obrigava a offerecer-te a dextra.  
 Não he por certo a fé do Esposo extincto  
 A que te obriga a desprezar-me; o odio,  
 O odio he só que aniquilar não sabes.  
 Supprimillo julguei com beneficios;  
 Oh! Quanto m'enganei! Eu de teu filho  
 Mudar a sorte quiz, e a tua, ingrata.  
 Tu me ultrajas, cruel! Tyranno embora,  
 Implacavel, atroz me chame o mundo:  
 Eu me quero vingar, e altas suspeitas  
 Em tudo desterrar d'occultas tramas  
 D'intentada traição... Que mais demoro?  
 (*A's Guardas.*)

Oh lá! Soldados, conduzi-me promptos  
 O filho seu, verei se esta obstinada  
 O ama com verdade...

BRANCA.

(*A's Guardas.*)

Suspendei-vos!!

EZELINO.

Cumpri com meu decreto...

BRANCA.

E que pertendes,  
 Cruel, do filho meu?...

EZELINO.

Eu dou-te ainda  
 Hum instante a pensar; pensa, e responde.  
 A teus olhos será co' a minha espada  
 Traspassado teu filho.

BRANCA.

Oh Ceos! qu'escuto!

Desgraçada, onde estou? Que duros transes,

Que desventuras este dia trouxe !  
 Não tem termo , cruel , tuas maldades ?  
 De que culpas he réo este innocente  
 Desventurado filho ? Eis , inhumano ,  
 Se o teu furor as victimas procura ,  
 Eis tens diante aquella que te ultraja ,  
 Aquella que te illude ; eu sou culpada ,  
 Como inimigo te detesto , e odeio.  
 Dá-me a morte a mim só , se to mereço ;  
 Mas salva hum innocente . . .

EZELINO.

Com taes termos  
 Tu provocas o golpe. Eu me confundo  
 D'amor , e d'odio no contrario affecto :  
 Não conheço a razão ! E em fim decido.  
 Eu não sinto piedade ; o freio he roto  
 Do meu fero rigor ! Eia , contempla ,  
 Contempla o filho teu. Deste meu braço  
 Elle a morte ha de ter ; e tu , mãi terna ,  
 Resistir poderás a tão tremendo  
 Irreparavel e terrivel golpe . . .

## S C E N A V.

*Alberto conduzido pelos Guardas.*

ALBERTO.

*(Encaminhando-se a Branca.)*

OH! minha mãe!

BRANCA.

Oh Ceos! como te vejo,

Amado filho! A que mortal perigo  
Te vejo exposto! . . . O barbaro Tyranno,  
O cruel...ai de mim! ..Que a dôr me opprime,  
E aperta o coração... fallar não posso...

ALBERTO.

Tu choras, minha mãe! Que desventura  
Tanto t'afflige? Barbaros! deixai-me  
Que abrace minha mãe...

*(Aos Soldados que o segurão.)*

EZELINO.

Já. desse nome

Ella digna não he, se nada sente  
Vêr derramar teu sangue, ante seus olhos . . .  
Falla, ingrata mulher; *(Para B.)* inda te resta  
A suspender o golpe hum só instante . . .  
Meu transporte sustêm, sustêm meu braço . . .  
Docil triunfa em fim d'hum doce affecto,  
Que mudado em furor póde . . . responde,  
Escolhe inda huma vez . . . De ti depende  
A vida sua . . . .

BRANCA.

Oh Ceos! Oh Ceos! Qu'escuto!  
 Oh! mais que a morte tormentosa e triste,  
 Barbara escolha! Meu Senhor, tu buscas  
 Os modos todos de rasgar-me o peito.  
 Eu tua esposa!... e o crês...

*(Vendo desembainhar a espada a Ezelino.)*

Oh Deos! Que vejo!

Porque te iraste tanto!... Ah! não!... Perdoa  
*(Lança-se aos pés de Ezelino.)*

Aos meus transportes, desta mãe tão triste,  
 Sênviva, expirante, ah! tem piedade;  
 Toque-te a minha dôr, refreia as iras,  
 Qu'indignamente te refervem n'alma,  
 Salva-me este innocente...

EZELINO.

Em vão derramas  
 Esse pranto, esses ais... suster não posso  
 Por mais o meu furor, morra teu filho...

*(Levanta a espada em acção de matar Alb.)*

BRANCA.

Suspende....

EZELINO.

Suspendo!!...

BRANCA.

O filho deixa:..

EZELINO.

Logo....

BRANCA.

Não posso, oh! Ceos!...

EZELINO.

Morra...



ALBERTO.

Piedade!

BRANCA.

Oh! Deos!... (*Cahe desmaiada nos braços de Ald.*)

ALDOVRANDO.

Oh! que tyranno!

EZELINO.

Oh! que combate

D' affectos tão crueis sente o meu peito!!  
 Quem me tolhe o vigor? E qu' importuna,  
 Tardia compaixão minh' alma assalta,  
 Entre as iras me torna inerme, e fraco!  
 Devo punir esta ímpia que me ultraja;  
 Porém que dôr, qu' atrozes sentimentos  
 Desarmão meu furor! Escuta, ó Branca,  
 (*Branca torna em si, e olha anciosa se  
 Alberto he vivo.*)

Poucos momentos te concedo ainda,  
 Não queiras qu' infructifero se passe  
 Tão precioso tempo; a vida tua,  
 E de teu filho, d' hum só fio pende;  
 Tens sobre a fronte inevitavel golpe,  
 Se a meu querer resistes; em teu filho  
 Terá principio o maternal castigo;  
 Eu acharei prazer nos teus tormentos.  
 Depois qu' eu saciar minha vingança  
 Em tua acerba dôr, a mesma espada,  
 Que ha de teu filho traspassar, no peito  
 Toda ta embeberei. Pensa entre tanto;  
 Que não he tão medonho o imaginar-se  
 Da morte o negro aspecto, quanto he grave

E funesto morrer (*ás Guardas*) Oh lá! Soldados,  
Após de mim trazei-me este mancebo.  
Tu teme o meu rigor. (*Para Branca, e de-  
pois sahe.*)

ALBERTO.

Oh! mãe querida,  
Dest' arte entre estes barbaros me deixas,  
Que a morte me vão dar! Impios, tyrannos,  
Deixai por dó, que junto della expire.  
(*Parte arrastrado pelos Soldados.*)

BRANCA.

(*Quer seguir o filho, mas he detida, e quasi  
fóra de si se encosta a hum Bastidor.*)  
Ah! meu filho, meu filho!!...

## S C E N A VI.

*Branca, Aldovrando, e Gorgia.*

GORGIA.

**E**STES lamentos,  
Este pranto que vertes não defendem  
Do infausto golpe teu querido filho.

BRANCA.

(*Caminha sustentada dos lados por Aldo-  
vrando, e Gorgia.*)  
Oh! Justo Ceo piedoso!!...

GORGIA.

Sem detença  
Acceitar deves d'Ezelino a dextra:

De Padua o interesse, e de teu filho,  
De todos, e de ti, pede este laço.  
Assás torrentes d'espumante sangue  
Tem já corrido nesta terra infiausta!

BRANCA.

Que susto me acompanha! E que aterrada  
Tenho a minh'alma! Trémula, confusa,  
Com angustia, e pavor levanto os olhos,  
E contemplo os mortaes!! Oh! triste dia!  
Oh! negro dia de terror, de lucto!  
Que crua guerra me fizeste a hum tempo.  
Esposo, e filho com potentes vozes,  
Que troão dentro em mim, me agita, opprime  
A honra, a natureza; a fria cinza  
Do meu esposo está neste Sepulcro,  
E junto d'elle está quem lhe dêo morte.  
Este mesmo, oh Ceos!! (*P.<sup>a</sup> Gorg.*) Tu, deshumano,  
Intentas persuadir-me! .. Impio, t'enganas!  
Se eu não soubesse respeitar hum laço  
Do Ceo formado, o tramaria ainda,  
Só para o dissolver quando em seu peito  
No thoro conjugal cravasse hum feiro.  
Meu braço então soubéra obtêr vingança  
Da escravidão da patria, e morte injusta,  
Que o barbaro tem dado a heróes tão grandes.  
E tu, Senhor do Ceo, tu que descobres  
Esta alma vacillante, ah! Tu me ajuda  
Neste encontro fatal!

GORGIA.

Hum corpo exangue

Este sepulcro encerra, e infructuosa  
A cinzas frias he tua repulsa.

Não he este o momento em que tu deves  
 A'quelle ser fiel, que mudo existe  
 Na região dos mortos: se alli chegão  
 Os cuidados mortaes, sem que s'indigne,  
 Hum laço soffrerá, laço qu' em salvo  
 Põe de seu filho a vida! Ah! foge, ó Branca,  
 Deste Templo fatal, meus passos segue:  
 Talvez, talvez socegue o horror funesto,  
 Que aqui te cerca, e teu pezar augmenta.

BRANCA.

Qu' eu me parta daqui? E que conselhos  
 Ousas propôr a huma alma atormentada?  
 Este lugar tremendo, estes objectos  
 Espantosos, fataes, me são amaveis:  
 Livrementemente aqui choro, aqui pranteio  
 Meu acerbo destino... Mas o filho...  
 Este o bem que me resta; he elle a causa  
 De meu vivo pezar! Mãi desgraçada,  
 Em quanto em vãos lamentos te consumes  
 Teu filho está nas mãos de teus contrarios:  
 Talvez agora mesmo!!.. Ah! que soccorro  
 Neste transe... mulher... inerme!!.. Oh Filho!  
 Meu innocente filho, a dor, a angustia  
 Me levão a morrer, toda minh' alma  
 Sinto partir-se de pezar, de raiva.  
 Mas ah! meu Deos, meu Deos! negando a dextra  
 Ao Tyranno cruel, mãi deshumana,  
 Talvez apresse a barbara sentença!  
 Tu mesmo pois... ah! não! o acerbo golpe...  
 Suspendâmos... sou mãi... da Natureza  
 Escuto, escuto a voz... Amado filho...  
 Tu venceste... cedi... Oh Céos!... Que disse!...

Oh escolha!...Oh contraste!...E que!...Tão pouco  
 Sei honrar meu dever!! Eu hei de Esposa  
 Viver do indigno matador ao lado  
 Que me roubara unico bem qu' eu tinha?  
 Mas que resolvo em fim! D'hum lado a gloria...  
 D'outro lado me chama amor materno!...  
 Oh! tu, do esposo meu dilecta sombra,  
 O terror me arrebatá ao teu Sepulcro,  
 Aguardar, suspirando, o triste instante  
 A' escolha destinado... (*Entra no Templo.*)

ALDOVRANDO.

E não demóres

Levar soccorro ao desgraçado.---Muito  
 Immersa está na dor, muitos combates  
 Sente aquella alma afflicta! Amor, e honra  
 A fazem vacillar, qualquer que vença,  
 Iguälmente será de magoa opressa.

(*Sahe acompanhado de Gorgia.*)

---

# ACTO IV.

## SCENA I.

*Gerardo, e Aldovrando.*

ALDOBRANDO.

**F**IRME recusa, Beatriz, do Esposo  
 A lei cumprir d' huma partida prompta,  
 Que o tyranno lh'impoz. De balde sempre  
 Seus mais fieis amigos a aconselhão,  
 Que fuja do cruel! Vai delirante  
 Buscallo sempre; se o descobre, foge.  
 Merece compaixão, mas se não parte  
 Antes que chegue ao summo a raiva insana  
 Temo que a morte...

GERARDO.

Sim quanto seus males  
 Merecem nossas lagrimas! O susto,  
 O medo opprime a misera, e nos cerca!  
 Mas de que sorte a desgraçada Branca  
 Vai soffrendo o Cruel? Como suspende,  
 Como rebate os impetos do monstro?

ALDOBRANDO.

A si mesma se vence em tal perigo.  
 Com que valor, Gerardo, e com que força  
 Do ímpio a dextra regeitou! Parece

Que do nome de mãe té s'esquecia ;  
 Mas depois qu'obrigada o filho amado  
 Abandonou do déspota ao capricho,  
 Desesperada, atonita, abatida,  
 Naquelle Templo s' occultou ; chorosa,  
 Abraçada c'o tumulo do esposo,  
 De dubias affeições sempre assaltada,  
 Espera o seu destino . . . .

GERARDO.

E nada pôde  
 De tamanha virtude o quadro augusto  
 Eternecer o coração ferino ?

ALDOVRANDO.

Nem sente compaixão, nem ama a gloria,  
 Nem s' assusta do crime ao negro aspecto.

GERARDO.

Soffrer não posso, amigo, este inhumano  
 Monstro atróz, e cruel ; se em vão tentada  
 De nós fosse a fugida, tu verias  
 Em sacrificio da opprimida Patria  
 Expor-me a todo o risco, e á mesma morte :  
 Mas verias tambem como este ferro  
 No refalsado peito lh' embebia.

ALDOVRANDO.

Socega o teu furor, comigo espera  
 Tempo mais opportuno . . . Eis Ezelino  
 Caminha para aqui !! . . .

GERARDO.

Do horrído encontro  
 Do perfido m' esquivo . . .

ALDOVRANDO.

Eu com cuidado  
 Saberei vigiar . . . (Vai-se Gerardo.)



## S C E N A II.

*Ezelino, Gorgia, e Aldovrando.*

EZELINO.

**M**UITO hei soffrido  
 Tão barbara mulher! A meus favores,  
 Quão mal correspondeo! Do filho a morte!  
 Ameaçando rispido, esperava  
 Té do seu coração vencer o orgulho;  
 Mas mais feróz se torna entre as desgraçadas,  
 Oppõem-se a meu querer, não comprehende  
 A imminente ruina: Oh!... se ella ainda...  
 O seu affecto!... a sua dextra!... Inutil  
 He já minha esperauça, e só me resta  
 O prazer sem igual d'huma vingança!  
 E só vingança da minha alma pôde  
 De meus cuidados desterrar a nuvem...  
 Quem m' obriga a adorar quem m' aborrece!  
 Mas eu resolvo em fim... E acabe, expire  
 De meu penar a causa; inda hum momento  
 Eu lhe quero fallar, e as minhas iras  
 Sinta se resistir... A hum desprezado  
 Amor, tudo convem, licito he tudo;  
 Mas não!.. Talvez que ainda... Eia, Aldovrando,  
 Vai, conduze-me a Branca.

ALDOVRANDO.

Hum pouco ainda,

Senhor, demora teu Decreto; afflicta,  
 E quasi morta a misera s'encontra.  
 Em estado tal, fóra de tempo eu julgo  
 Fallar-se-lhe d'amor. A desgraçada  
 Naquelle Templo está; com pranto inunda  
 De seu Esposo o tumulo; a seus males,  
 Eia, Senhor, permite hum desafogo.

EZELINO.

Existe Branca neste Templo!.. Todos,  
 Todos se appartem já, eu mesmo quero  
 Fallar-lhe face a face. Os meus guerreiros  
 Manda, ó Gorgia, qu'estejão sobre as armas,  
 D'huma occulta traição tenho receio...

ALDOVRANDO.

Que horror medita o barbaro! Qu'ostragos!...  
 (*Sahe com Gorgia.*)

### S C E N A III.

*Ezelino, e depois Branca.*

EZELINO.

**I** NDA hum pouco no peito o odio s'occulte,  
 Inda póde a cruel dar-me socêgo...  
 Mas s'obstinada não ceder!... Só isto  
 Augmenta o meu furor! Tente-se tudo  
 Por dar fim ao meu mal... Eu busco a Branca...  
 Mas porque sinto o coração no peito  
 Palpitar-me, tremer, se busco o Templo?  
 Tal poder tem amor sobre Ezelino!

(*Abre-se a porta do Templo, descobre-se*

*Branca quasi desmaiada, e encostada  
Tumulo.)*

He a mesma! ai de mim! quanto circund.  
Novo horror a minh' alma! Oh! triste objecto  
Com taes suspiros, com tal pranto cresce  
Meu pezar, meu amor! Fero Destino,  
E que devo eu fazer para abrandalla?  
Porém muito me entrego a vis transporte  
Eu não demoro mais... ó Branca, ó Branca  
E qu' estranha agonia assim t' opprime?

*(Na porta do Templo)*

Sahe prestes desta lugubre morada,  
Vem, Branca, ao lado meu...

BRANCA.

E quem perturba  
Dest' arte a minha dor?

EZELINO.

Deixa o teu susto,  
He Ezelino, que dar fim procura,  
Dar socego a teu mal; segue-me, ó Branca.

BRANCA.

Que vejo! Oh Deos! Oh Deos! Qu' impio dezent  
Aqui te conduzio?...

EZELINO.

Dezejo ardente...

BRANCA.

Que dezejo? Oh cruel!

EZELINO.

Só de fazer-te  
Plenamente feliz. Já resolveste?

Falla... *(Caminhando algum tanto.)*

BRANCA.

Foge, inhumano, de meus olhos . . .

EZELINO.

Queres pois resistir ?

BRANCA.

No sacro asylo

Não entres, ó profano! . . . .

EZELINO.

A mim chegada . . .

BRANCA.

Pára, cruel . . .

EZELINO.

O meu furor! . . .

BRANCA.

Suspende . . .

Não irrites a Deos com taes blasfemias . . .

EZELINO.

*(Arrastando-a para fóra.)*

Eia, comigo vem; e allucinada

Tu m'insultas dest' arte! Entendo! . . . Queres

Meu odio, meu rancor; terás meu odio.

Que desprezo! Que raiva! Ah! treme, treme,

Barbara, indigna mãe! Tu condemnaste

O proprio filho á morte. Olha este ferro,

*(Empunha a espada, e segurando a Branca com a mão esquerda, lha mostra cheio de ira.)*

Olha este ferro, iniqua! Da vingança

Instrumento será, vou dar-lhe a morte.

BRANCA.

Ah! Não . . .

EZELINO.

Deixa-me, ingrata . . .

BRANCA.

Neste seio

Primeiro a immerge . . .

EZELINO.

Eu o farei . . .

BRANCA.

Que culpa

Esse innocente tem? . . .

EZELINO.

Elle he teu filho;

E não basta só isto? . . .

BRANCA.

E tu confundes . . .

EZELINO.

Sim . . .

BRANCA.

Mas suspende!

EZELINO.

Em vão te lisongeeas

Qu' huma vil compaixão suspenda o golpe.

BRANCA.

Hum instante . . .

EZELINO.

He de balde . . .

BRANCA.

Oh! Deos piedoso . . .

Tu vez, Senhor, o horror do meu destino!

Não ha, não ha desgraça igual á minha!

(Ajoelha.)

A teus pés, ó Senhor, prostrada, humilde,  
Por dó . . . se inda he verdade!

EZELINO.

E que pertendes?

Queres com pranto suspender-me o braço?

Nada já temo da belleza tua.

He objecto fatal que em mim desperta

A chamma da vingança . . .

BRANCA.

Oh filho amado!

Quanto me custas! Sim, (*Levanta-se*) teus ameaços

Vencem meu coração! Eia, a teus votos

Eu não me opponho já . . .

EZELINO.

Pois tu? . . . E acaso

Inda devo esperar? . . .

BRANCA.

Sim . . . Sim. Mão grado

O meu cruel pezar . . . Salve-se o filho . . .

EZELINO.

Logo, tu prompta a tua dextra entregas?

BRANCA.

Oh Ceos! Que proferi! . . .

EZELINO.

E inda rebelde

Assim te mostras, e enganar-me queres?

BRANCA.

Eu! . . . .

EZELINO.

Mas qu' escusa ainda resta? Falla . . .

BRANCA.

Oh meu filho! . . . Oh meu Deos! . . .

E

EZELINO.

Perfida! entendo  
De novo o meu furor me arde no peito:  
Eu vou Branca, eu vou já...

BRANCA.

O teu desejo  
Quero satisfazer... Mas não me negues  
Huma graça, Senhor; peço alguns dias,  
Em que possa a meu pranto achar socego.

EZELINO.

Não to devera conceder; mas quero  
Mostrar-te o meu amor, e o que desejo  
Comtigo comprazer: concedo em parte  
Quanto me pedes; mas soffrer não posso  
Huma longa demora. Hum dia inteiro  
Eu te concedo: o suspirado laço  
A' manhã cumprirás; em tanto a Augusta  
Pompa vou preparar. Tu ficar podes;  
Deixo-te em liberdade; mas recorda  
Meus beneficios, e as promessas tuas. (*Sahe.*)

## S C E N A IV.

BRANCA.

**B**RANCA infeliz, e que promessa infame  
Fizeste, incauta!... D'Ezelino Esposa!...  
Isto he verdade? Ah! Não serás; espero  
Aproveitar-me deste infausto dia!  
He crédulo este vil. Delle apartada...  
Mas se Gerardo não podesse as Guardas  
De todo seduzir! E se a esperança



Nos falhar da fugida? E se meu filho  
 Eu não poder roubar dos tão ciosos  
 Olhos do meu Tyranno? Ah! sem remedio  
 A mão lhe devo dar! Que m'aconselhas,  
 O' soberano Ceo! A tal perigo  
 Como me devo oppôr? — Fortuna injusta,  
 Desfecha sobre mim terriveis golpes.  
 Eu m'opporei constante á dôr, á morte;  
 Porém a fé, que a meu consorte devo  
 Manchada não será. E se o malvado  
 Aquelle sangue de que tão sedento  
 Ha pouco se mostrou, já derramasse!  
 Oh Deos! Oh Deos! Já me parece vello  
 Derramar da ferida o quente sangue,  
 E que chama por mim, que aos ais extremos  
 Prompto soccorro dê! Oh! feia, horrenda  
 Triste imagem fatal! Fero Destino!  
 Oh meu filho! Oh meu sangue! a mãe tyranna  
 A morte te quer dar! Ella supprime  
 A voz da Natureza! Ella quer vêr-te  
 Por hum tyranno assassinado!!... Eu corro  
 A soccorrer-te, ó filho! Ao menos quero  
 Hir contigo expirar, e aonde habita  
 A cinza de teu Pai, sombras unidas  
 Existiremos, sim... Mas eu não devo  
 Mais demorar-me aqui, busco a Gerardo...  
 Fugir tentemos com meu filho amado:  
 Se não poder, inevitavel morte  
 Se affronte com valor. Oh! Sombra amada  
 Do meu esposo, que chorosa, e triste  
 Em torno de mim vais, tu, que me pedes  
 Do matador vingança, eu vou vingar-te;

O teu valor m'inspira , e tu desperta  
 Força supita em almas opprimidas ,  
 Escravas do temor . . . Morra este monstro ,  
 Que o Universo detesta , e não supporta.  
 (*Vai a sahir.*)

## S C E N A V.

*Branca , e Beatriz.*

BEATRIZ.

**S**USPENDE o passo, ó Branca , e onde corres  
 Tão anciosa , e furibunda tanto ?

BRANCA.

Não me suspendas , Beatriz , ou junta  
 Comigo vem ; do barbaro Tyranno ,  
 Das mãos do teu esposo , eu tento o filho  
 Roubar por huma vez ; eu , mãe afflicta ,  
 Ah ! Tem piedade ! Teu soccorro imploro.

BEATRIZ.

Em que abysmo de mal precipitadas  
 Ambas somos , ó Branca ! Mas abraça  
 Hum conselho melhor , e a dôr modera.  
 Compadecido o Ceo , o horror profundo  
 Dissipará , que te circunda , e agita.  
 Eu só devo ficar exposta , oh sorte !  
 Aos excessos crueis , e deshumanos  
 D'hum esposo infiel.

BRANCA.

D'essas palavras  
 Meu agitado espirito recebe

Algun conforto na miseria sua.  
Mas que vislumbre d'esperança resta ?

BEATRIZ.

Escuta, escuta, da fugida tua  
Me fez certa Aldovrando, e como queres  
Levar contigo teu querido filho.

BRANCA.

Que segredo fatal, quiz Aldovrando,  
O' Beatriz, expor-te ?

BEATRIZ.

Nada temas ;

Eu teus intentos ajudar pertendo,  
Inda se attende aqui minha vontade ;  
Eu posso inda entregar-te o filho amado.  
Eu sou sensível ás desgraças tuas,  
Conheço que não devo abandonar-te.

BRANCA.

Com tão doce esperança, eis me parece  
Que posso respirar ! Ah ! Se os meus males  
Te causão compaixão, se tu desejas  
Com Ezelino segurar teus laços,  
Dos olhos seus esta rival separa.  
Vê qu' eu sou innocente, a causa tira,  
Que a taes delictos te conduz o esposo.  
Soccorre, ajuda a mãe tão desgraçada.  
Se m'assistes em vão, se descoberto  
Este segredo fôr, verás aonde  
A sêde da vingança m'arrebata.  
Por entre as Guardas que o rodeão sempre  
Me lançarei intrépida, e no peito  
Hum punhal cravarei ; a alma indignada  
Exhalarlhe hei de vêr entre os meus golpes.

BEATRIZ.

Que ouzas dizer-me, ó Branca? Onde te leva  
 Hum insano furor, pensas acaso  
 Qu' eu o posso soffrer? Inda qu' injusto,  
 He sempre o meu Esposo, e de teus golpes  
 O hirei defender; essa ímpia idéa  
 Que ora descobres, me fará continuo  
 Em torno delle vigiar; embora  
 Eu derrame tambem todo o meu sangue.

BRANCA.

Oh Ceos! qu'escuto! Hum ímpio, hum homicida  
 Destruidor da nossa Patria, hum monstro,  
 Que de seu lado te proscreeve, intentas  
 Desta sorte salvar? . . .

## S C E N A VI.

*Gorgia, e os ditos.*

GORGIA.

**B**EATRIZ, tu debes

A Ezelino fallar.

BEATRIZ.

Oh Deos! Qu' intenta?

GORGIA.

Ignoro o que te quer, porém não tardes,  
 Que he cheio de furor, qualquer detença  
 O póde irritar mais . . . (*Parte.*)

BRANCA.

Que raio he este?

BEATRIZ.

Novos males prevejo, e a tal estado  
 Tenho chegado em fim, que a mór desgraça,  
 Fiel amiga, preparada existo... (Sahe.)

## S C E N A VII.

BRANCA.

**R**EDOBRAR-SE o pavor no peito eu sinto!  
 De certo descobrio o grande arcano  
 Da nossa fuga: ah! que talvez Gerardo  
 Ganhar não pôde os Guardas! Se assim fosse,  
 Oh Deos! Sobre meu filho cahiria  
 Todo o furor do pérfido Ezelino.  
 Talvez que nunca mais, ó filho, vejas  
 A tua infeliz mãe! Que novos males  
 O coração preságo me annuncia?  
 Como em perigos taes, e em tantos riscos,  
 Posso ainda viver? E inda demoro?  
 Que me suspende? Ah! Filho, terno filho!  
 Eu vôo em teu soccorro, e se he preciso  
 Vou contigo morrer...

## S C E N A VIII.

*Gerardo, e Branca.*

GERARDO.

**S**EGUE-ME, ó Branca,  
 Chegou o tempo da vingança nossa.  
 Grandes cousas tracei!

BRANCA.

Que voz escuto?  
 Hes tu, Gerardo? Ah! Sim, talvez tu venhas  
 Annunciar-me novas desventuras?  
 Falla; dest' alma tanto horror desterra!...

GERARDO.

Chega noticia ao barbaro Ezelino,  
 Que dos nossos guerreiros fero assalto  
 Foi dado a seu exercito, e que os nossos  
 São vencedores já.

BRANCA.

Como, Gerardo?

GERARDO.

Os Paduanos, de rancor levados,  
 Mal escutarão de Bassano o estrago,  
 Para vingar em fim tantas maldades  
 Se armarão todos repentinamente;  
 Com ímpeto espantoso se arremeção  
 Contra as hostes do monstro, e alegres cantão  
 A impensada victoria. Oppresso fica  
 D'assombro, e de pavor fero Ezelino.

De balde ás armas corre , em vão procurão  
 Os Chefes animar espavoridos  
 Dispersos esquadroes ; qual vil rebanho  
 Se deixão degolar do ferro in'migo.  
 Qu'horrenda mortandade ! E quanto sangue  
 Se derramou na terra ! Os Paduanos  
 Vencedores ficárão . . .

BRANCA.

Ceo piedoso !

Não permittais que do fatal Tyranno ,  
 A imprevista derrota augmente os males  
 De qu'eu victima sou !

GERARDO.

Talvez acabem.

E não duvides , que maior victoria  
 Em pouco mudará da nossa Patria  
 A deploravel sorte. Ouve-me attenta :  
 Já tudo á nossa fuga está disposto :  
 Tu com teu filho partirás de noute ;  
 Comprados d'huma porta tenho os Guardas :  
 Tudo , tudo he propicio aos nossos votos.  
 No amor absorto o pérfido Tyranno ,  
 E da derrota oppresso , a nossa fuga  
 Nos permite ultimar , em quanto eu tento  
 Outro golpe maior. Ao grande Estense  
 Azzo mandei hum mensageiro prompto  
 A annunciar-lhe que no horror das sombras  
 Venhão do opposto lado os Paduanos ,  
 Com força d'armas assaltar Bassano ;  
 Em quanto do outro lado , com teu filho ,  
 A fuga tentarás. Já desejosos  
 De nova sorte , d'Ezelino os socios



Por nós pelejarão ; do ímpio Tyranno  
 O sangue apagará tantas offensas,  
 Tanta ruina, tão injustas mortes,  
 Que déra a tantos Cidadãos illustres.

BRANCA.

O Ceo permita, que se cumpra tudo,  
 Quanto esperar me fazes! Porém sinto  
 Que desusado horror minh' alma opprime  
 Nesta arriscada empreza!

GERARDO.

E de que temes?

E qu'importuno susto assim t'afflige?  
 Branca, temes em vão. Poupeemos tempo.  
 Teu presente destino a todos move  
 A' mais profunda dôr. Entre estes muros  
 Muitos amigos tens, nelles desperta  
 O amortecido ardor; su' alma excita  
 Para a vingança; rapidos momentos  
 Não devemos perder: segue os meus passos.

BRANCA.

Vamos, Gerardo. E vós, ó Ceos piedosos,  
 Com vosso auxilio soccorrei meus votos  
 Em tão difficil, tão fatal empreza!!

(*Sahe acompanhada de Gerardo.*)

---

# A C T O V.

## S C E N A I.

*Gerardo, e Beatriz.*

GERARDO.

**O**NDE m'escondo! Ai! Misero Gerardo!  
 Ai! Que será de ti! Forão contrarios  
 Os Fados, Beatriz, e os nossos males  
 Chegão ao ponto extremo; descoberta  
 Foi de Branca a fugida, e foi patente  
 Nossa conjuração.

BEATRIZ.

Basta, Gerardo;

E Branca aonde está? Onde s'oculta?  
 Como ficou? Que diz?

GERARDO.

Quem poderia  
 Descrever seu estado! Confundida,  
 Desesperada, trémula, corria  
 Embusca d'Ezelino. Olha a que p'rigo  
 Manifesto s'expõe a triste Branca  
 Por amor de seu filho; ella receia  
 Que não torne de novo o atroz Tyranno  
 Ao primeiro furor: mas seu soccorro

Muito inutil será! Talvez que o sangue...  
*(Vendo Aldovrando.)*  
 Vem Aldovrando... Respiremos... Branca!!

• S C E N A II.

*Aldovrando, e os ditos.*

ALDOVRANDO.

**S**omos perdidos! O' Gerardo, a mágoa,  
 O luto, a dôr, que me conturbão, mostrão  
 De Branca a desventura...

GERARDO.

E que? Foi morta?

ALDOVRANDO.

Ella não, mas o filho desgraçado  
 Victima foi das iras d'Ezelino.

GERARDO.

Como?

ALDOVRANDO.

A morte lhe deo co' a propria espada.

BEATRIZ.

Elle?

GERARDO.

O monstro cruel lhe deo tal morte?

ALDOVRANDO.

Oh Deos! Mal fallar posso d'assustado...  
*(Voltando para Gerardo.)*

Apenas de Bassano o mensageiro  
 Sahia a demandar o campo amigo,  
 Como ordenaste tu, foi prezo, e a Carta

Foi a Ezelino subito trazida.  
 Eu lha vi lêr, e blasfemar de raiva,  
 E bramir de furor, vendo que Branca  
 Era a primeira complice da fuga:  
 Então se vio que, por fugir c'o filho,  
 Tinha a Ezelino promettido a dextra.  
 O perigo previ, confuso, e triste  
 Penso, e resolvo n'hum momento, busco  
 De Branca a habitação, e o filho tómo  
 Para livrallo do eminente transe.  
 Eis com elle fugindo, encontro, e vejo  
 O Tyranno cruel, e em vão procuro  
 Salvar o infeliz; das mãos mo tira;  
 Não se commove ao pranto, aos gritos delle:  
 Qual hum raivoso tygre, a espada empunha  
 No peito do innocente a embebe toda.  
 Quando delle a tirou, a vida, e o sangue  
 Perdéo n'hum ponto o misero mancebo!

GERAREO.

Oh! Nunca ouvida crueldade!...

BEATRIZ.

Oh! Monstro!

ALDOVRANDO.

Toda era cheia, e rodeada toda  
 De Soldados a casa, onde este crime  
 O monstro executou: confusos todos  
 Não poderão suster tão ímpio golpe.  
 Eis que se ouve hum rumor de pranto, e gritos,  
 Era a misera mãe do extincto moço;  
 Desesperada a suspender corria  
 O homicidio exacrando, entrou no ponto,  
 Em que o cruel, da barbara ferida

O ferro hia tirar ; eis que descobre  
 O seu Alberto no seu sangue tinto ;  
 Com mortal palidêz agonizava  
 No pavimento : a misera , agitada  
 De dôr , de raiva , e de furor se accende ;  
 Mas a profunda mágoa a opprime tanto ,  
 Que sem sentidos desmaiada em terra  
 Cabe sobre o proprio filho , e semiviva  
 Entre seus braços languidos o aperta ,  
 E sem voz , e sem pranto , unida a elle  
 No amado sangue envolta permanece .  
 Que horror este espectaculo excitava !  
 Immoveel , e com rosto , ah ! não tão fero ,  
 A contempla o Tyranno , e parecia  
 Pezar-lhe hum tanto o deshumano golpe !  
 Em silencio , entre si , todos bramião !  
 Eu por mais tempo a scena atterradora  
 Não pude supportar , dalli me aparto .  
 Cheio de susto , e compaixão , nem posso  
 O fim dizer-vos do fatal successo !

BEATRIZ.

Oh meu Deos ! Qu' escutei ! . . .

GERARDO.

Isto he bastante !

Tu me verás , ó pérfido Tyranno ,  
 De raiva , e d'ira armado . . .

(*Em acção de partir.*)

ALDOVRANDO.

Onde caminhas ?

GERARDO.

Dar a morte ao cruel , vingar a Patria ,  
 E Branca , a Natureza , e quanto hum monstr

Se atrevo a insultar; inda a meu lado  
 Esta espada me resta, e no vil sangue  
 Toda a devo banhar; eu mesmo, eu mesmo  
 Com minhas mãos o coração de fera,  
 Nascido para o crime, eu vou tirar-lhe!...

ALDOBRANDO.

Hirás tu mesmo provocar teu fado...

GERARDO.

Quem não teme morrer, já nada teme.

BEATRIZ.

Pára... Contempla... Eis Branca s'encaminha...

### S C E N A III.

(*Branca vagarosamente caminhando pela Scene, palida, com os cabellos soltos pelos hombros, e os ditos.*)

GERARDO.

**O**NDÉ caminhas Branca, e porque tornas  
 Outra vez a pizar do horror a estancia?

BRANCA.

Onde estais, onde estais esposo, e filho!...  
 No proprio sangue immersos vos contemplo!...  
 Tirai-me, oh Deos! da vista tanto sangue!...  
 Ah! d'horrivel terror m'opprime toda!...  
 Mas não... não seja assim... uni com elle  
 Todo o meu sangue.. Por que assim te mostras  
 Oh meu esposo... tão feroz na vista?...  
 Teu filho não matei.. hũ monstro! ..hũ tigre!...  
 Mo roubou,.. mo ferio,.. Quem dos meus braços

Maternaes me tirou meu caro filho! . . .  
 Oh Ceos ! inda o estou vendo! ..he elle!!.. ainda  
 O vejo palpitar ! Languido ! Morto !  
 Mostra rasgado o coração !! Que vista ! ! . . .  
 Horrivel vista ! . . . Ao devizar-te , ó filho ,  
 Eu não resisto ..não..Que horror!..Que magoa!..  
 Eu desfaleço . . . Eu morro . . .

(*Cahe nos braços de Gerardo.*)

BEATRIZ.

A alma agitada . . .  
 Socéga , ó doce amiga : abre os teus olhos ,  
 Olha o Ceo , olha a luz ! Féro Destino  
 Não te opprime a ti só . . .

BRANCA.

Sombras amadas ,  
 Que vejo em torno a mim voar . . . Depressa  
 Eu comvosco serei ! Poucos instantes  
 Me faltão já . . . Meu Deos , porque não posso  
 Esta vida acabar ! . . . Impio Ezelino ,  
 Essa barbara espada , esse ímpio ferro ,  
 Que meu filho matou , corre , em meu peito  
 Todo o vem embeber . . . Eu sinto as vozes  
 De meu esposo , e filho . . . Ecos horrendos  
 Ferem meu coração . . . Chamais por Branca ! !

BEATRIZ.

Que dó , que compaixão , n'alma m'excita  
 A misera infeliz . . . .

ALDOBRANDO.

O' Branca , deixa  
 A dôr desp'rada , que te opprime ,  
 E te offusca a razão.



BRANCA.

Oh luz infausta!

Tu, que foges de mim!! Hum véo sombrio  
 Me cobre os olhos... Barbaros, deixa-me  
 Nas mãos da minha dor! Eu mais não veja  
 Que a terra tinta em sangue, e esse sepulcro;  
 Oh sepulcro fatal!! Eu já te abraço.  
 Em ti me acolhe, e tanto mal termina...  
 Eis Ezelino!... eu morro!...

(*Vai, e cahe amortecida nos degrãos do  
 Templo.*)

## S C E N A IV.

*Ezelino, Beatriz, Gerardo, e Branca no  
 fundo da Scena, não observada;  
 e Guardás.*

EZELINO.

(*Mostrando Gerardo ás Guardás.*)

**O**H lá! Soldados,

Seja esse monstro envolto nas cadêas,  
 No mais profundo carcere mettido.  
 Já neste ponto, ó scelerado, iniquo,  
 Teus complices terão no cadafalço  
 Entre supplicios exhalado a vida.

(*Para Aldovrando.*)

E tu, perfido author da inutil trama,  
 Terás a mesma pena: ao teu destino  
 Parte, malvado.

(*Para Gerardo.*)

BEATRIZ.

Oh! dia de tristeza!

Miseravel! funesto!

GERARDO.

Sim, Tyranno,

Satisfaze o furor, eu morro, e sabe  
 Qu' he chegado o momento da vingança.  
 Contra o teu coração já se alça hum braço;  
 O opprobrio vingará... E vós, sanguineas  
 Sombras d'altos Heróes sacrificados  
 A' raiva deste monstro, os seus sequazes  
 Persegui, atterrai... Quebrem o jugo  
 D'huma vil servidão. No sangue immerso  
 Seja visto nadar, sirva de exemplo  
 Memorando, e fatal aos vis tyrannos!

(*Parte com os Guardas.*)

EZELINO.

Vai, furioso, e desafoga inutil  
 N'outra parte o rancor; todos aprendão,  
 Que pena guardo aos perfidos traidores.

ALDOVRANDO.

Quando esta fera deshumana a tantos  
 Delictos porá fim?...

## S C E N A V.

*Beatriz, Ezelino, Aldovrando, Branca no fim da Scena sem ser ainda observada.*

EZELINO.

**E**M que perigo  
Estive de acabar! se prevenido  
Com ciosas suspeitas não tivesse  
A trama iniqua! (*vendo Beatriz.*) Mas q' vejo? ainda  
C'os inimigos meus nestes lugares  
Descubro á Beatriz! Tão pouco curas  
Dos meus Decretos? Da presença minha  
Prestes te aparta, que a presença tua  
Augmenta o meu furor! Conheço, infida,  
Que soccorros...

BEATRIZ.

Cruel! eu firme espero  
A vingança. He verdade, eu to confesso;  
E neste estado em que me vês, já nada  
Me assusta o teu furor, nem 'spanta a morte.  
Eu mesma promovi dos infelizes  
A mallograda fuga, eu quiz rouballos  
A teu rancor iniquo; e porque tardas?  
Vinga em mim seu delicto...

EZELINO.

E como ainda  
Oúzas jactar-te de traição tão negra?  
Oh! mulher infiel! e inda respiras?

Quem meu braço detem? Perfida, o mesmo Golpe te quero dar.

(*Em acção de tirar a espada para a matar.*)

BEATRIZ.

Sim, nenhum crime  
Te resta mais que assassinar a esposa;  
Immerge a espada neste seio imbelle,  
Qual costumás fazer, e Branca o diga,  
Farta-te em sua dor... Ei-la...

(*Mostrando-lhe Branca.*)

EZELINO.

Que vejo!...

Em tal estado, quanto horror m'excita!  
Chegar-me a ella!!..Oh Ceos!...que fiz! O' Branca!  
Levanta-te, infeliz! Nestes lugares  
Tu não deves estar...

BRANCA.

(*Como fora de si.*)

Deixa-me, vai-te

Quem quer que sejas ... fuge ... (*Tornando a si.*)

Oh Ceos! he elle!

Oh Cruel! De que sangue inda goteja,  
E inda s'atreve...Oh tigre!...ah! se huma espada!

EZELINO.

He justo o teu furor; tardo remorso  
Sinto de quanto fiz; amor sómente,  
Desesperado amor qu'esperançaste,  
Cravou no peito de teu filho a espada;  
Tu me obrigaste á força a ser tyranno;  
Adoptallo por filho eu destinava,  
E neste mesmo dia, alçar-te ao Solio;  
Mas tu feiz tração traçaste, ousando

Meus Guardas corromper, e inda assiun mesmo,  
 Depois destes ultrajes, inda sinto  
 Piedade, compaixão, inda desejo  
 Teu destino mudar: segue-me, ó Branca,  
 Vem animosa, n'outra parte busca  
 Conforto á tua dor.

BRANCA.

Ah! deshumano

Destruidor do meus! E inda piedoso  
 Comigo ousas mostrar-te, ora qu' eu busco  
 Ultimar provas das sevícias tuas!  
 Torna ao odio primeiro, ó monstro infame.  
 Não quero compaixão, teu ferro empunha,  
 C'o sangue de meu filho inda fumante,  
 Encrava-o neste seio; e porque guardas  
 Sem o filho tal mãe? Ah! porqu'hum golpe...  
 (Como delirante)

Tão feróz e cruel não teve a força,  
 Poder não teve de tirar-mé a vida?  
 As minhas penas, e tormentos todos  
 Então terião fim: e inda recuza  
 Satisfazer-me nisto!.. Eu mesma, eu mesma...  
 E a cada passo hão de hir ante os meus olhos  
 Aquellas sombras?... Com chorosas vozes  
 Hirão ferindo meus ouvidos sempre?  
 Nós expiramos, e tu vives?... Isso,  
 Que a natureza e dor em mim não pôde,  
 Eu, eu mesma o farei...

BEATRIZ.

Misera Branca!

EZELINO.

Mulher! socega

BRANCA.

Oh Ceos! tu me confortas?  
 Pois já, Senhor, que em fim tanta piedade  
 Tu sentes por meu mal, huma só graça  
 Sofre, qu'inda suplique; a minha pena  
 Menos cruel seria, se meu filho  
 Eu podera fechar nesse sepulcro  
 Onde seu pai descança...

EZELINO.

Satisfaço

Nisto a vontade tua, e vós, ó Guardas,  
 (*Para os Guardas.*)  
 Cumpri quanto quizer.

BRANCA.

(*Para Aldovrando.*)

Tu, que piedade  
 Sempre, Aldovrando, de meu mal sentiste,  
 Quando se abriu o funebre Sepulcro  
 Para enterrar meu filho, então mo dize,  
 Que do extincto consorte a cinza amada,  
 Inda desejo ver, inda abraçalla,  
 Inda inundalla de meu terno pranto;  
 Dest' arte terão fim meus tristes males.

ALDOVRANDO.

Tão triste scena, que conforto, ó Branca,  
 Te póde dar? . . . .

BRANCA.

Que he isto! Inda pertendes  
 Privar-me deste bem? Impio, inhumano,  
 Aos meus contrarios, por meu mal, te uniste?



ALDOVRANDO.

A meu pezar eu t'obedeço, ó Branca . . .  
*(Entra no Templo, e fecha-se a porta.)*

EZELINO.

Vejo que a dôr desatinada, e cega  
 Te inspira tal desejo, eu não devia  
 Conceder-to. Tão funebres objectos  
 Muito mais aggravar tens males podem;  
 Mas seja prova da brandura minha!

## S C E N A VI.

*Gorgia apressado, e os ditos.*

GORGIA.

**T**UPO em tumulto está, corre, Ezelino:  
 Gerardo, em quanto ao Carcere he levado,  
 Ouzou amotinar o insano vulgo,  
 Espalhando os insultos, e lamentos,  
 De tal arte, que o povo em ameaças  
 Pede a vida de Branca. Atemoriza  
 Os vís rebeldes co' a presença tua . . .

EZELINO.

Qu'escuto! Os ímpios provarão depressa  
 D'hum feróz vingador a sanha, o golpe.  
*(Sahe seguido de Gorgia, e das Guardas.)*



## S C E N A VII.

*Branca , e Beatriz.*

BRANCA.

**O**H ! Quanto incautamente os desgraçados  
Tentão roubar-me ao meu Tyranno ! Quanto,  
O' justo Ceo , demoras os teus raios  
Sem ferir o cruel ! E só trabalhos  
Serão o premio da virtude , e os ímpios  
Serão felices , quando são culpados !

BEATRIZ.

Nada mais do que a morte , ó Beatriz , resta  
Para impôrmos hum termo aos nossos males !

BRANCA.

Isto só me conforta : ah ! Se eu podéra  
Da minha Patria reparar o estrago !  
Com o meu sacrificio . . . talvez que elle  
Encha de horror o perfido inimigo,  
Bem que fero , e cruel !

## S C E N A VIII.

*Aldovrando, e as ditas.*

ALDOVRANDO.

C O M dôr, e mágoa  
Quanto quizeste, Branca, he já cumprido  
BRANCA.

Nem em tudo me foi contrario o fado!  
Sombras amadas, que girais em torno,  
Com triste aspecto, e sanguinosa dextra,  
Vós me mostrais o lugubre sepulcro:  
Eu vou cumprir o que quereis, só elle  
Póde de todo desterrar meus males;  
Vós me mostrais a estrada, eu vou seguir-vos,  
Eu vou-me unir a vós . . . .

*(Entra no Templo, seguida d'Aldovrando.)*

## S C E N A IX.

BEATRIZ.

C O M que semblante  
Tremendo entrou naquelle Templo! A morte  
Já lh'espargia a palidez na frente!  
Que olhos lançava ao tumulo! Qu' idéas  
Na mente volverá? Ah! Tu lhe assiste,  
O' Ceo Piedoso, em tão fatal angustia!

Oh! Deshumano esposo, e tanto sangue,  
 Tanta ruina, tanto estrago, e morte  
 Não te fartão ainda? Enternecer-te  
 Não poderão gemidos, e lamentos  
 D'huma esposa proscripta, e mãe tão triste?  
 Immersa em tanta dôr!... Ouço gemidos!..  
*(Ouvem-se gemidos dentro do Templo.)*

Oh! Que dia d'horror, d'espanto he este?..

BRANCA.

*(Ferindo-se com hum punhal, e lançan  
do-se sobre o Tumulo.)*

Piedade, ó meu esposo!... ó Ceos!... ó filho!.

BEATRIZ.

Cresce o grito, o rumor, crescem gemidos?...  
*(Corre, e entra no Templo.)*

## S C E N A X.

*Ezelino, Beatriz, Gorgia, e depois Aldovran  
do, que sahe fóra do Templo.*

EZELINO.

**O** Tumulto desfiz, tudo emnudeçe  
 Quando me mostro....

ALDOVRANDO.

Que fizeste, ó Branca!  
 Ah! Qu'insano furor!...

EZELINO.

E que acontece?

ALDOVRANDO.

Branca, Branca expirou....

EZELINO.

E como?... Falla.

ALDOVRANDO.

E como m'illudio ! Tinha-se aberto  
 O funesto sepulcro , e nelle posto  
 De seu filho o cadaver sanguinoso ,  
 Eis a face ferindo , e o Templo enchendo  
 De funesto clamor , desesperada  
 Se lança no sepulcro , e o craneo toma  
 Nas mãos do esposo seu. Horrida em face  
 O contempla , e no seio o aperta , e logo  
 Beija o cadaver do querido filho ...  
 E depois ... qual relampago , no peito  
 Crava hum punhal , e muribunda , e fria  
 No mesmo escuro tumulto se lança ...  
 Cahio a campa , e s'escondéo na sombra ...

EZELINO.

Promptos correndo , abri-me esse sepulcro ;

( *Aldovrando parte.* )

Póde ser que de todo inda expirado  
 A misera não tenha ! E como soube  
 Ella illudir-me ! Que funesta nuvem  
 A razão m'offuscou naquelle instante !  
 Eu que fiz ? Ai de mim ! No seu semblante  
 Devêra perceber funesto agouro  
 De quanto succedeu ! Como podia  
 Oppor-me a seus lamentos , e a seu pranto ?  
 Mas de que serve agora o movimento  
 D'inutil compaixão , que em mim s'excita !  
 Ah ! Mui tarde o conheço ; transportado  
 De meu cego furor ... E inda não tornão

Co' a noticia fatal !.. Cada momento  
Que tarda, o coração ...

S C E N A XI.

*Abre-se de todo a porta do Templo, e se vê  
no meio o cadaver de Branca todo ensan-  
guentado. Aldovrando, e os ditos.*

ALDOVRANDO.

**S**ENHOR! He esta!!!  
Já de todo expirou!!!

EZELINO.

*(No meio da Seena.)*

E como! Oh Fados!

Eu de todo a perdi!.. E que funesto  
Fruto execravel alcancei de tanta  
Insana crueldade? Amada sombra,  
Antes que subas! onde têm repouso  
As Almas justas, tira-me do peito  
O duro coração! Do mal injusto,  
Que á tua Patria fiz, tira vingança,  
Que eu a mereço, sim! Beatriz, tu corre  
Aproxima-te a mim. Eis o Tyranno,  
Que tanto t'ultrajou! Meu erro agora  
Conheço, mas em vão! Que chamma indigna  
No peito se acendeo! Que voz infame  
Dos labios me sahio! Oh Ceos! Que vejo!  
As vingativas sombras, o seu sangue  
Me estão mostrando! Oh! desgraçado encontro!

A mim se chega enfurecido Spectro :  
 He Branca ! Eu a conheço ! ! E com que furia  
 Me piza, e me persegue ! Oh Ceos ! Hum ferro,  
 Hum punhal traz nas mãos ! Deixa-me . . . pára !  
 Em mim já sinto insupportavel pena ! ! !  
 Eu previno o teu golpe . . . Eia , acabemos  
 Tantos delictos c' o delicto extremo.  
 Morre , Ezelino . . . A natureza folgue ! ! !

( *Cahe ferido com hum punhal, e com tal  
 rapidéz que não possa ser soccorrido.* )

ALDOVRANDO.

( *Occultará quanto poder com o corpo o  
 Cadaver d' Ezelino, chegando-se ao fim do  
 palco para recitar os ultimos versos.* )

Eis das negras paixões o fructo , e a pena !  
 Ouvi , Tyrannos , da Justiça ás vozes ,  
 Não desprezeis jámais d'hum Deos os raios.

F I M.

*N.B* O titulo deve lêr-se *Branca de Rossi*,  
 e não de *Rossis*.

The first of these is the fact that the  
... ..  
... ..  
... ..

It is also true that the  
... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..  
... ..



*Catálogo de varias Obras que se vendem na Loja de João Henriques, na Rua Augusta N.º 1, onde se acha á venda a presente Tragedia.*

- A Meditação, Poema Filosofico, pelo P. José Agostinho de Macedo, segunda edição, munitida . . . . . 8.º gr. br. 600
- Cartas Filosoficas a A'ttico; pelo mesmo. 8.º br. 480
- Refutação dos principios metafysicos e moraes dos Pedreiros-livres-Illuminados . . . 8.º br. 600  
(Além de outras muitas Obras do mesmo A.)
- Semanario de Instrucções e Recreio; em que se tratão muitos objectos interessantes de Historia Natural, Agriculturas, Bellas Letras, &c., &c. . . . . 2 vol. 4.º 4:800
- A Religião provada pela Revolução; obra de muito merecimento pelo assumpto, pela linguagem, e pela edição . . . . . 8.º br. 480
- Mappa do Reino de Portugal e seus dominios, que comprehende em compendio o mais interessante da Geografia do nosso paiz . 8.º br. 480
- Metusko, ou os Polacos, Novella historica de Pigault-lebrun . . . . . 8.º br. 240
- Obras Poeticas de Nicpláo Tolentino. 2 vol. de 8.º 960
- Poetica de Horacio; traduzida e explicada methodicamente por Jeronymo Soares Barbosa, 2.ª edição . . . . . 1 vol. br. 800
- Epicedio á morte de S. M. a Rainha D. Maria I. de feliz memoria, por J. J. P. L. . . 40
- Ode á Acclamação d'ElRei N. S., por J. J. P. L. 40
- Epithalamio aos Desposorios de SS. AA. RR. o Principe e Princeza Reaes do Reino-Unido de Portugal, Brasil, e Algarves; por J. J. P. L. . . . . 80

Poema á faustissima exaltação de S. M. ao  
 Throno ; por Antonio Feliciano de Castilho  
 em 4.º . . . . . 150

*Peças Dramaticas.*

Nova Castro , Tragedia de João Baptista Go-  
 mes , 4.º edição , com huma estampa . . . 300  
 Andrómaca , Tragedia de Racine , traduzida  
 em verso pelo Dr. A. J. de Lima Leitão . 240  
 Ifigenia , Tragedia de Racine , traduzida pelo  
 mesmo . . . . . 240  
 Eufemia , ou o Triunfo da Religião , Drama  
 traduzido de Arnaud por M. M. B. da Bo-  
 cage . . . . . 240  
 Merival , Drama de Arnaud , traduzido por  
 J. A. de Queiroga . . . . . 300  
 Os Scythas , Tragedia de Voltaire . . . . . 240  
 Mariamne , Tragedia do mesmo . . . . . 240  
 Orestes , Tragedia do mesmo . . . . . 240  
 Sofonisba , Tragedia do mesmo . . . . . 240

*Tragedias de M. C. Pimenta e Aguiar.*

Virginia , 240 ; Os dois Irmãos inimigos , 300 ;  
 D. Sebastião em Africa , 300 ; Arria . 300 ; Des-  
 truição de Jerusalem , 300 ; D. João I. , 300 ; A  
 conquista do Perú , 300 ; Eudoxia , 300 ; A  
 morte de Socrates , 300 .

Collecção de Obras Dramaticas de An-  
 tonio Joaquim de Carvalho . . . . . 1 vol. de 8.º 360

D. LUIZ D'ATAIDE,  
OU  
A TOMADA DE DABUL.

DRAMA HEROICO.

O ASSUMPTO HE TIRADO

DA ASIA PORTUGUEZA

DE MANOEL DE FARIA E SOUSA.

TOM. II. PARTE III. &c.

POR

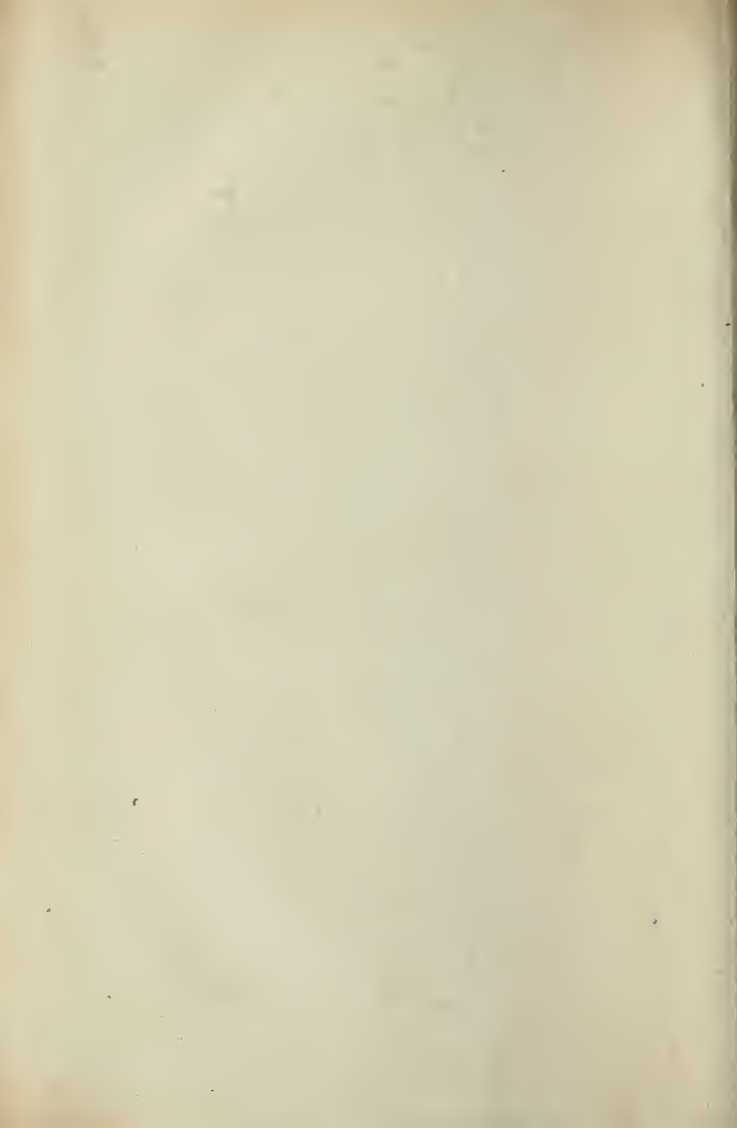
J. A. de M.



LISBOA:

NA IMPRENSA NACIONAL.

ANNO 1823.



PERSONAGENS.

<i>D. Luiz d'Ataide</i>	.	Viso-Rei da India;
<i>Tojar</i>	. . . . .	Rei de Dabul.
<i>Melique</i>	. . . . .	Senhor de Chaul, e amigo dos Portu- guezes.
<i>Sezigambe</i>	. . . . .	Mulher de Tojar, Rainha.
<i>Zelima</i>	. . . . .	Princeza, Irmã de Tojar.
<i>Alvaro de Castro</i>	. . . . .	} Capitães Portugue- zes.
<i>Simão de Mello</i>	. . . . .	
Um menino que não falla.		
Soldados Portuguezes, e de Chaul.		

A Sçena he junto ás muralhas de Da-  
bul.

INDEX

1. Introduction . . . . .

2. The History of the . . . . .

3. The . . . . .

4. The . . . . .

5. The . . . . .

6. The . . . . .

7. The . . . . .

8. The . . . . .

9. The . . . . .

10. The . . . . .

## ACTO PRIMEIRO.

## SCENA I.

*Tojar, e Sezigambe.*

Sez. **S**USPENDE-TE Sr..... Ouve-me, attende,..... talvez que a meus ultimos gemidos! Eu to supplico pelo sacrosanto fogo do nosso hymeneo, e do meu amor.... suspende os passos. Olha volteando em torno destes muros as soberbas Quinas Portuguezas, olha essas despiedades hostes, que tem tantas vezes engrossado com o sangue Indiano a torrente ao Indo, e ao Ganges; ellas ameação a extrema, a fatal, e a irreparavel ruina a esta Cidade.... E tu, Senhor, privando-a da tua presença neste momento infausto assim lhe roubas o seu mais forte escudo? Assim a deixas? Ah! desse modo nem sequer terá as infelices agonias de uma debil esperanza! De que serve, Senhor, de que serve tanto sangue Portuguez derramado, e de que ainda estão salpicadas as muralhas de Chaul? De que servem tantas palmas arrancadas das mãos destes indomitos e ferozes monstros, e colhidas com tanta soberbia pelo implacavel Albuquerque,



e formidavel Cassrø? Neste arduo momento, em que o destino vai tirar da fatal urna os ultimos decretos da nossa existencia, a privas da defenza do teu invicto braço! Ah, Senhor, muda de projecto! A tua presença anima os Exercitos do Hidalção, desperta em nossos guerreiros aquelle generoso ardor, que se sacrifica pela Patria, e que a defende. A tua vista embotará os fios das espadas Portuguezas. Que Esquadrão poderá voltar as costas se tu te apresentares á sua frente? Que peito deixará de ser muralha a esta infelicidade? A tua voz diminuirá o pavor desse horrendo estampido das bombardas inimigas. . . . E se te retiras, que resta? . . . . Ao Reino a queda, e á tua esposa a escravidão . . . . ou a morte. . . .

*Toj.* Resta o meu genio, o destino, e se ha justiça nos Ceos, resta a justiça das nossas armas, e da nossa causa. . . . Sezigambe, deixe-se ás almas vulgares a honra da defeza dentro de umas muralhas. . . . Eu não costumo esperar indolente á sombra daquelles baluartes que me desafie o medonho ecco da guerreira trombeta; busco os perigos, anticipo-me, e não os espero. Venha, venha embora o barbaro, o implacavel Ataide; assalte aquelles muros, assaz guardados da sua mesma justiça. Venha o soberbo, não encontrará o infeliz descendente de Meale encerrado em Goa; quando me julgar cercado sentirá fendidas as suas mesmas costas

com aquella espada que espero se não ha de embainhar senão depois de se ter embebido no peito do ultimo Portuguez. Talvez, talvez, que á vista destas formidaveis reliquias do nosso antigo valor se rebelle a fortuna, e quebre esses ferros da fatal escravidão em que parece a conservão as devastadoras Quinaz. Basta-me isto só; o meu coração se torna presago com suas mesmas desventuras. Eu desfolharei esses louros que cingem a frente de Ataide, e pode ser que aqui se lhe desvança o fasto dos triunfos de Malaca e de Cambaia, e que de una vez para sempre fique abatida a tyrannia Portugueza.

*Sez.* A empresa he digna de ti! Mas ah, quanto he funesta, quanto he fatal ao meu amor!

*Toj.* Tu me não amas, se não amas a minha honra, e a liberdade da Patria...

*Sez.* Amo a tua honra, amo a liberdade da Patria, mas ao lado do amor do esposo, e do amor da Patria, eu sinto no meu mesmo coração todo o horror do imminente perigo, e da imminente ruina,

*Toj.* Onde he maior o perigo, tambem he maior a gloria.

*Sez.* E que gloria nos pode prometter a esperança contra esta Nação feroz; que parece que não cabe no mundo? Quem pode suspender o impeto deste raio exterminador da Asia? Não vez Ormuz em cinzas e em cadeias, a Persia assustada, Cambaia ven-

cida, Dio avassallada, Badur, o invencivel Badur tingindo com seu sangue os mares? De quem he Damão? de quem he Onor? De quem he Cananor, de quem he Baçaim? Não imperão em Goa? Não senhoreão Cochim, não arrazárão Chaul, não se derramárão como torrentes até ao Ganges, e não tremulão as suas bandeiras nas muralhas de Malaca? Foi pouco o continente, foi pequena a terra, estendêrão seu Sceptro, e asoberbão os mares; e onde quer que descubrirem homens hão de ser conquistadores.

*Toj.* Também a fortuna cança: e não he longa a duração de um poder immenso. Estão muito divididos para serem sempre invenciveis; necessitão de um braço para se susterem na Europa, e não basta o outro para se conservarem no Oriente.

*Sez.* São essas só as razões que te obrigão a executar o funestissimo projecto?

*Toj.* Outra razão o pede.

*Sez.* Infeliz Sezigambe! Antes de perder o Reino perdes o coração do esposo! Ah Tojar, tu não me amas!

*Toj.* Eu te amo; mas amo-te como deve amar um Monarca, e um guerreiro.

*Sez.* Vai, cruel, e deixa-me lutando entre crueis agonias; deixa-me ficar victima da ferocidade de um vencedor soberbo: fique tambem o innocente filho, e encadeado ao carro do sanguinario Viso-Rei vá augmentar a pompa do seu triumpho pelas ruas, e pra-

ças de Goa. . . . Sim, teu filho, ultimo resto da nossa grandeza, será com os captivos Principes de Ormuz, ou mandado a esse fatal Tejo, d'onde para nós tem sabido tantos raios, ou será esmagado diante de meus olhos debaixo dos profanos pés dos barbaros Portuguezes.

*Toj.* He esse o pensamento que faz vacillar a minha constancia; mas em fim eu tenho um coração que sabe oppor-se aos factos. . . . Toma este punhal, e sobre esta minha espada, humida ainda do sangue Portuguez, jura, jura, *Sezigambe*, que has de cumprir, e executar qualquer Lei que saia da minha boca. . . .

*Sez.* Sim, tu o mandas, e eu o juro. . . .  
(*Põe as mãos na espada*).

*Toj.* Ouve. . . . Estes nossos inimigos podem ser vencidos, e eu assim o espero: mas se a fortuna idolatrar tanto como até agora tem feito estes oppressores, que se arvorem sobre aquellas muralhas as jactanciosas Quinas, primeiro embeberás esse punhal no coração do filho innocente, e depois no teu coração. *Sezigambe*, esse punhal he a estrada da liberdade, he o resgate da escravidão, e um ferro tira as injurias de outro ferro.

*Sez.* Ceos, que escuto! Tu pedes duas cousas, uma he digna de mim porque sou tua esposa; mas a outra. . . . Oh natureza! a outra não se deve pedir ao coração de uma mãe! . . . .

*Toj.* Também eu sou pai, também a natureza em mim clama; mas eu suffoco seus gritos, a honra o exige, e eu o mando. O nome de pai he differente do nome de Monarca; devo obrar como Principe; as affeições do Estado não são as affeições da natureza.... Sezigambe, adeos! Com este abraço empenho a tua submissão á minha vontade. Juraste, e sabes que não te podes chamar minha esposa se una vez te não esqueceres de que hes mãe.

SCENA II.

*Sezigambe só.*

*Sez.* Desgraçada Sezigambe, que juraste? Que palavra fatal sabio da tua boca? No tribunal do amor e da natureza quiz ser juiz um pai, e deste tribunal sabe a sentença que condemna á morte um filho innocente, julgado só d'estranhas culpas, das culpas dos barbaros Portuguezes!.... E desta morte horrivel e atroz, desta monstruosa sentença quem deve ser o executor e o algoz? A mãe do mesmo innocente?... Eu rasgar o peito daquelle tenro infante que alimentei em minhas entranhas, ver moribundos aquelles olhos, e fria aquella boca que o meu maternal amor beijava com tão vivo transporte!.... E pude tal jurar?.... E tu podeste, ó Sol, ver sem te enlutares



um semelhante horrivel juramento? Ah! sou  
mãe! Que Seziganbe morra para se roubar  
aos vilipendios do triumpho, isto estava ha  
muito resolvido em meu coração..... Mas  
que eu, mãe sacrilega, mãe infame, tinja o  
ferro no sangue de meu filho!... Que furia  
mais cruel poderia vomitar o Inferno? E  
deixarei eu no mundo a funesta memoria do  
meu nome para ir horrorizar as futuras ge-  
rações? E poderá tal crime ser meio de in-  
teressar o destino a nosso favor? Ceos! Se  
no volume eterno dos fados está decretado  
o ultimo instante da liberdade da India,  
antes me reduza a cinzas um raio, que so-  
bre mim desfeche a vossa justiça, e me ab-  
solva do fatal juramento, do que eu com-  
metta este horrivel attentado.... Tenho co-  
ração para ser forte, mas não para ser in-  
pia..... De tudo me absolve o amor de  
mãe.....

SCENA III.

(*Muros de uma Fortaleza no fundo do Thea-  
tro; ao lado um Bosque onde se vejo em-  
boscados os Indios.*) D. Luiz d'Alaide;  
Alvaro de Castro, e Simão de Mello,  
Commandantes das forças Portuguezas.

Alv. (*Para os Soldados Portuguezes.*)  
Vamos, guerreiros, vamos juntar mais um  
brazão ás nossas triunfaes bandeiras, e apren-

da de uma vez a India a respeitar o fado Portuguez.

*Sim.* Vamos.

*D. Luiz.* Invenciveis Capitães, e illustres guerreiros, no recinto daquelles fracos muros, aviltados com tantos estragos, estão encerradas as extremas reliquias da insana rebellião. Alli está fechado o Rei, e alli pretende segurar com mão tremula, e languida a roda da sua abatida fortuna. Avançai como Portuguezes, isto he, como invenciveis. Sois poucos, mas não são mais os que no passo de Coulão destroçárão todas as forças do Samorim: não são mais de cem os que arrazárão Chaul, e poucos mais são os que sustentárão Dio contra o poder de Cambaia, os que alli fizerão morrer a terra aos soberbos Janisaros, e calcárão as orgulhosas Luas Ottomanas; em torno daquellas suas muralhas ainda a mesma Dio vê alvejar os descarnados ossos de Sofar, e de Rumeção. Vós sois os descendentes daquelles Heroes; o seu sangue he o nosso sangue, e parece-me que em torno de mim revoão as grandes sombras dos Pachecos, dos Castros, dos Albuquerquees, e que me mandão restaurar aquillo mesmo que elles ganhárão, mostrão-me a espada com que lavrárão o Sceptro Portuguez no Oriente, e me pedem não embote os seus fios, deixando impune a rebellião de Dabul. Se nós sabemos perdoar aos vencidos, tambem



sabemos debellar os soberbos. Quando em meu primeiro governo destrui a conspiração de todos os Principes da Asia, ficáão vassallos nossos todos os regulos que obedição ao Niramaluco, e ao Idaleão. Tojar me jurou obediencia em Dabul; Tojar se rebellou; Dabul ficará hoje em cinzas, e Tojar em ferros. A Asia aprenderá a temer-nos, e Goa terá ainda o espectáculo de um triunfo que desperte o adormecido valor Portuguez. Ide, invenciveis, e apagai com o barbaro sangue do rebellado Tojar a extrema chamma da conspiração. De vós não devo exigir mais que as conhecidas proyas do vosso valor. Entrelaçai novos louros nas antigas palmas. São justos os golpes, que vão fulminar as nossas espadas: o destino nos offerece o triunfo mais illustre no sangue dos barbaros. Vinguemos aqui o derramado em Parnel, e em Bracalor, onde foi ultrajada a honra das bandeiras Lusitanas. O Monarca que nos manda pede esta victoria.

SCENA IV.

*Os ditos, e Zelima, que se lança aos pés de D. Luiz.*

*Zel.* Senhor, se ainda entre as armas, e armas sempre victoriosas, tem logar a piedade, e se esta não deslustra o heroismo Por-

tuguez, nem diminue o esplendor do seu immenso imperio; acolhei-me, Senhor, acolhei-me infeliz donzella escapada a furto daquelles desgraçados muros.

*D. Luiz.* Levantai-vos, e dizei quem sois.

*Zel.* A minha estirpe he Real, nasci na India; mas o meu coração he Portuguez; abomino as traições, eu quiz escapar ao raio que ameaça a rebellada Dabul.

*Sim.* Formosissima mulher! E assolarão as nossas armas a terra que taes bellezas produz? Se me não engano hes irmã do perfido Tojar.

*Zel.* He verdade, eu tive commum com elle o berço, mas não o crime; e porque sou innocente, e conservo Portugal dentro no meu coração, me quer meu cruel irmão arrancar do peito a vida, ou a fidelidade. Eis aqui porque, esquivando-me ao seu insano furor, fujo, e venho acolher-me á sombra das bandeiras Portuguezas; com apressado passo me separei daquellas soberbas, e contumazes muralhas, antes que as reduza a cinzas o raio fatal da vossa justissima vingança. Consolai, Senhor, o meu pranto, que he o pranto da innocencia, e constitui a clemencia á frente de todas as vossas virtudes.

*D. Luiz.* Zelima, terás entre as nossas victoriosas armas um seguro asylo á tua fidelidade. E vós, Alvaro de Castro, tomai entregue dessa infeliz donzella; eu a confio á vossa probidade; lembrai-vos que he Pri-

ceza, e que he desgraçada. E vós, Portuguezes, marchai, prostrai aquellas soberbas muralhas. Quero que as palmas que brotar esta terra sejam fecundadas com o sangue do perjuro Tojar.

SCENA V:

*Os mesmos, e Melique Tanadar.*

*Mel.* Venho, Senhor, supplicar-te a honra de que eu seja o primeiro em assaltar os muros dessa altiva Dabul. Eu devo a vós, ao vosso predecessor, e a Portugal este penhor da minha fé, e tambem devo esta honra á minha vingança. Desejo ser eu mesmo quem vare com este ferro o coração do aleivoso, e traidor Tojar. Sim, Tojar deve sentir os golpes da espada de Melique. Elle he réo de duas gravissimas culpas: uma he a rebellião ao vosso Imperio, a outra o ultraje que fez á minha dignidade paternal, roubando-me Sezigambe minha filha, que eu destinava para esposa do Idaleão, e constituindo-a por suas vis seducções, não só senhora do seu abominavel thalamo, mas tambem declarada inimiga de seu pai por conservar sem mancha a fidelidade, que devo ao Monarca Portuguez.

*D. Luiz.* Basta a minha espada para punir essas duas culpas. (*Sahe com Melique.*)

*Alv.* Formosissima, e illustre donzella,

o ferro Portuguez vai neste momento segar as vidas de todo um povo; no calor do assalto não se respeitará nem a vossa condição nem a vossa belleza. A trombeta marcial me chama, não podeis estar ao meu lado, nem eu me devo afastar da estrada da gloria, e para que o meu coração vos diga tudo, sa-bei que estando vós presente ao combate, eu me exporia a apartar os olhos dos inimigos para os fitar no vosso formoso rosto.

*Zel.* Eu me retiro aos vossos arraiaes; nenhum susto me combate o coração. Quando os Portuguezes pelejão sei de que lado costuma pender a victoria.

#### SCENA VI.

*D. Luiz, Alvaro de Castro, Simão de Mel-  
lo, e Tropas Portuguezas.* (Representa-  
se a disposição do assalto de Dabul.)

*D. Luiz.* Portuguezes, se me não que-  
reis imitar a mim, imitai-vos a vós mesmos.  
Os muros de Dabul não são mais fortes que  
os muros de Malaca: duzentas bombardas,  
e trezentos elefantes não vos assustarão em  
Mangalor. Levai de um golpe aquelles de-  
beis reparos, e olhai não se diga no mundo  
que Luiz de Ataide deo segundo assalto a  
uma Fortaleza. Carlos V. me invejou a sorte  
em Dresda, e me disse que antes queria  
ser Luiz d'Ataide armado Cavalleiro no Mon-

te Sinai que Imperador dos Romanos; vós o hides ser em Dabul pelas minhas mãos, e prezará o mundo mais a espada que eu vos cingir do que mesmo admirou a agua do Ganges, que eu levei á Europa. Assaltai, e se eu não for o primeiro dizei que não sou Portuguez.

(Assaltão á escala a Fortaleza. Sahem della os sitiados, são batidos, e fogem. Os Portuguezes entrão as portas, e neste tempo sahe Tojar do bosque com os seus, ataca os Portuguezes em retaguarda, he destróado, foge, e os Portuguezes entrão todos em Dabul).

## SCENA VII.

*Zelima só.*

*Zel.* He entrada a infeliz Cidade! O Ceo pelega por estes leões indomitos! Tojar foge; mas se não morre surgirá mais valente. Não falta força ao coração onde domina a virtude, e uma invicta constancia cança o fado muitas vezes. Tojar vivirá, e ambos combateremos, elle com o braço, e eu com a industria. Eis-aqui para que eu busquei com uma fingida confiança as bandeiras destes monstros. Amor tambem he guerreiro, e as suas armas são mais fortes por isso mesmo que são menos temidas. Eu verei se posso com a minha formosura vencer o coração do

feroz Ataide : tello-hei vencido se o fizer amante; e se o seu coração soberbo resistir aos meus attractivos, eu alcançarei em cada um de seus Capitães que possa fascinar com meus encantos, um illustre, e proveitoso triumpho. O ciúme será a origem das divisões, destas nascerão o odio e a rivalidade, e as forças Portuguezas se abaterão por si mesmas. Tente-se tudo, porque tudo he licito ao amor da Patria; e se eu não conseguir uma victoria conseguirei ao menos uma vingança. (*sahe*).

SCENA VIII.

*Tojar vem fugindo, e depois de fallar entra no bosque.*

*Toj.* Portuguezes . . . . . vencestes ! . . . .  
 Cumprio a fortuna o maior dos seus votos. Acaba de expirar a liberdade da India. O furor Lusitano triunfa, e foje Tojar ! Fujo; mas não vencido de todo; ainda me resta um poderoso recurso; resta-me inteiro o implacavel odio contra o nome Portuguez, recurso sobre que não teir poder a sorte. Ainda me não abandonou o desejo de uma memoravel vingança. Existe um caminho subterraneo, que a engenhosa arte de meus predecessores abriu por baixo daquellas muralhas; em traje disfarçado penetrarei por elle até ao meu Palacio, e com esta mão irada, e for-



midavel em momento opportuno trespassarei o coração do feroz Atáide, e com sua morte abrirei campo á de todos os Portuguezes. He facil uma illustre vingança a quem resolveo morrer. Morrerei, sim, mas cahirei victima da vingança de um odio inveterado. He doce a morte quando se levanta o sepulcro sobre as proprias ruinas de tão grande inimigo: crescerão em roda delle os funebres cyprestes regados com o sangue de um oppressor Viso-Rei da India. (*Sahe*).

SCENA IX.

(*Mutação; vista de alas de arvores sombrias, entre ellas a espaços os sepulcros dos antigos Soberanos de Dabul.*) *Sezigambe, com um pagem que traz pela mão um menino.*

*Sez.* Não ha recurso; já a victoria insolente levanta a fronte entre lastimosos estragos. O terrivel Viso-Rei ergue seus troféos sobre as nossas ruinas. Desvaneceu-se-me até o ultimo bem dos desgraçados; devo morrer: cumpra-se em fim o fatal decreto de Tojar; eu o jurei sobre a sua espada; mas não se cumpra sobre este fructo innocente das minhas entranhas. He muito apertado o vinculo do sangue com que a natureza une o coração de uma mãe ao coração de um filho. He preciso seguir a natureza a despeito do mais rigido e severo juramento, uma vez que



este a offende. Como porém não resta á liberdade da India entre tantas Cidades um pequeno espaço de terra em que se esconda um tenro menino, abre, ó fiel servo, abre os porticos deste melancolico Templo das sombras; e aqui se esconderá meu filho do triunfo orgulhoso das vencedoras Quinas. Assim cumprirei em parte a fatal Lei, muito barbara para o coração sensivel, quanto mais para o coração de um pai! Ah! meu querido filho, mui tarde nascido para a Patria, e muito cedo para esta mãe infeliz! Eu te conservo a vida, que teu pai condemnava á extincção; mas eu te escondo, e me privo da tua vista para te livrar de uma servil cadeia: se he piedade agradece-me; se he crueldade perdoa-me. Eis o asylo que te resta; se os fados se compadecem dos infelizes serás salvo; e se te negarem a vida aqui tens a sepultura. Ah! tu suspendes os passos! Eu conheço a tua generosa indole, o teu Real coração não admite a vileza do temor. Abatamos o pensamento aos pés da presente fortuna; tempo virá em que respirem teus magnanimos sentimentos, e em que despedaces os injuriosos grilhões da tua Patria. Hoje te baste aquillo que basta a um vencido. Vive; e neste lugar te defenderão as augustas sombras de teus famosos progenitores. Fiel servo, guarda com todo o desvelo este precioso penhor que de ti confio. Filho, adeos: recebe este beijo, . . . esta he

a ultima dadiva do meu desgraçado amor . . . toda a alma sobre elle me foge, e se não morro. . . . Mas uma mulher forte não deve morrer de amor, ainda que seja o amor filial. Vai, fiel servo, esconde-o entre estes tumultos. . . . (*O servo entra, e se occulta atrás delles com o menino*). E vós, ó Ceos, guardai este sagrado deposito; vós que defendeis sempre a innocencia, defendei o meu filho, e se eu poder ainda ver a face de Tojar, fazei que lhe agrade esta infelicidade do meu amor. Se he virtude conservar a vida a um filho para o esquivar aos grilhões de escravo Portuguez, eu acceito em premio a minha voluntaria morte; e se he uma culpa guardar esta innocente vida, em castigo acceito a mesma morte. E que, Sezigambe! Ainda tu podes ter esperanza de ver o querido Tojar! Ah! Não: já tens desempenhado o character de mãe, reveste-te agora do character de esposa digna de Tojar; cumpre o seu preceito pela parte que te pertence. (*Tira o punhal que lhe deo Tojar*). Fero instrumento da morte, ultima dadiva de uma dextra adorada, quanto me hes apreciavel! . . . Eu destino esconder-te em meu coração, tu o penetrarás todo, e meu sangue attestarão ao mundo que morri livre, e que no valor com que soube preferir a morte á escravidão me mostrei digna esposa do valeroso Tojar. (*Ao estender o braço para cravar o punhal no peito, he suspendida por detrás repentinamente por Melique*).

## SCENA X.

*Sezigambe, e Melique acompanhado por Soldados Portuguezes.*

*Mel.* Suspende-te, mulher!... Não te he licito dispor de uma vida, de que o Viso-Rei he senhor. Elle não quer deixar aos vencidos nem a liberdade de morrer....

*Sez.* Com que coração me suspendeis este golpe? Com o coração de pai, ou de inimigo?

*Mel.* Se me fallas como filha de Melique, eu sou teu pai; se me fallas como esposa de Tojar, sou teu inimigo, e até serei teu algoz.

*Sez.* Senhor, foi vosso sangue quem me communicou estes generosos sentimentos. O fado quiz que eu fosse esposa de Tojar, para elle reservo o meu coração, e não posso despojallo do que por tantas Leis lhe pertence.

*Mel.* E eu não tirarei ao Estado Portuguez na India o que he do Estado. Hes mulher de um Principe rebellado, tu augmentarás a pompa do triumpho, ou serás consumida nas chammas que vão abraçar Dabul, se não descobres o filho do teu rebellado esposo: he esse o holocausto que a ira Portugueza exige para a sua vingança.

*Sez.* Oh Céos! Que escuto!... Meu filho ficou tambem sepultado nas infaustas ruinas da assolada Dabul.

*Mel.* He vil o engano, e a mentira; a dor de uua tal perda não se divisa na soberba do teu semblante; eu te observo mais cheia de sobresalto, e temor, que cheia de magoa: dize, onde está o teu filho?

*Sez.* E onde está o meu esposo Tojar? Onde e-tá a nossa perdida liberdade? Vós buscaís uma cousa só, e eu busco todas.

*Mel.* Dirás forçada o que não queres dizer voluntaria.

*Sez.* Morrerá tranquilla, e segura quem quer morrer, e quem deve morrer. Que pôde temer Sezigambe, se a morte he o maior dos meus votos!

*Mel.* Vivirás; mas entre tormentos; a dor destruirá a tua constancia, e te arrancará do coração o indigno segredo.

*Sez.* Invente embora a tyrannia Portugueza todos os tormentos, seja engenhoso em martyrizár-me esse vencedor soberbo: os ferozes Portuguezes verão quem seja a esposa de Tojar. Ainda sou Sezigambe. Perdi a liberdade, o esposo, o reino, o pai, o filho, tudo, tudo me tirou o furor desses injustos conquistadores; mas a despeito da sua ferocidade pouco perdi, pois ainda me resta o coração de Sezigambe: se o vosso desconhece uma filha, o meu não desconhece a Patria, o Throno, o esposo, o filho, a India, a liberdade

## SCENA XI.

(Uma Sala em um Pavilhão). Zelima, e Alvaro de Castro.

*Alv.* Illustre donzella, agora que a victoria Portugueza acaba de levantar seus pendões sobre as ruinas de Dabul, vem o meu coração mais tranquillo idolatrar o teu rosto, e serenar aquella chamma, que elle pôde atear dentro em minha alma. Não tem a fortuna poder sobre a belleza; se a tua Patria está captiva, o teu semblante alcança uma victoria dos mesmos conquistadores.

*Zel.* Eu, Senhor, supportaria com valor a vista, e a memoria de tantas perdas, se eu me podéra lisongear com a conquista do vosso coração; mas poderei eu esperarar tão venturoso triunfo?

*Alv.* Vós não deveis esperar aquillo mesmo que já possuis; quizesse o destino que eu encontrasse em vós um igual sentimento!

*Zel.* Eu não sinto um affecto contrario ao vosso; nem vos amo, nem vos aborreço; isto basta a um amante....

*Alv.* Retirai-vos, que se aproxima o Viso-Rei....

## SCENA XII.

*D. Luiz d'Ataide, Melique com Sezígambe em ferros.*

*D. Luiz.* Cessem já os estragos, o valor Portuguez com pouco sangue se satisfaz; contenta-se de ter vencido. A muita crueldade deslustra a victoria, e condemna o vencedor.

*Mel.* Senhor, trago a vossos pés este despojo, não vil, do vosso triumpho; nas suas veias corre o meu sangue, porém Tojar está no seu coração. Ella esconde obstinadamente ás nossas vinganças o filho deste rebellato; neste filho pode ainda o Estado Portuguez ter um implacavel inimigo; só a vossa presença lhe pode arrancar do coração este fatal segredo. Ella he uma prizioeira; e este titulo deve diminuir a ternura de mãe, assim como a obrigação de vassallo extingue em mim o amor de pai.

*D. Luiz.* Mulher, lembrai-vos que o vosso amor maternal tambem está prizioeiro; vos não deveis occultar á minha victoria um filho, que por seu sangue participa das culpas paternaes. Sou clemente, mas sou vencedor; e olhai que o fructo de um tronco tão inficionado offende muito a soberania Portugueza.

*Scz.* Que, Senhor! Pois os Portuguezes



temem? Oh muito illustre queda, e muito illustre desgraça de Dabul! Fortuna, eu te perdoo as tuas injustas offensas, se ainda deixas ao meu sangue a honra de ser temido! Sim, vive, ó Viso-Rei, vive este crescente susto das orgulhosas Quinas: vive, sim; e com elle vivem as esperanças da sua Patria; e talvez que esse soberbo Tejo prepare um Viso-Rei, que venha diante daquelles entrados muros cahir victima da sua espada. Se meu filho não recebe o Reino das mãos de seu pai, ao menos recebe a illustre herança de seu grande sangue. Vive, sim; porém guardado pelos votos da Patria, e pelas ininbas maternas diligencias: eu assim roubei ao vosso carro o melhor troféo do soberbo triumpho. Viso-Rei, ou buscais o roubo, ou o roubador; se buscais o roubo nunca o vereis, se o roubador aqui o tendes.

*D. Luiz.* Grande mulher! A despeito de seus mesmos ferros, entre as muribundas chammas da liberdade ainda ostenta um character Real!

*Mel.* A morte saberá punir a loucura do teu servil orgulho.

*Ses.* Inutil ameaça! Eu saberei levar comigo á sepultura o meu inviolavel segredo.

*D. Luiz.* Vivei, mulher generosa; eu mando tirar os vossos braços do ultrage desses ferros. O' lá, tirai aquellas indignas cadeias. Luiz d'Ataide não castiga, respeita a virtude, ainda que fera e ativa, no seu



mesmo inimigo. Eu vim reconquistar a Índia, não vim prender mulheres. Esta um de-pojo ainda maior que o meu triunfo. Sois livre, e deixo ao vosso arbitrio a fidelidade de prisioneira; a vossa alma he muito grande, e saberá soffrer as injurias da sorte, sem que tenha os braços oppressos de cadeias. Tanto mais respeito uma coroa, quanto he mais abatida. Se a familia de Dario foi respeitavel a Alexandre, porque me não será a mim a esposa de Tojar? Não sois escrava, porque fostes Rainha, e ainda o sabeis ser.

SCENA XIII.

*Sezigambe só.*

*Sez.* Exulta, Sezigambe, tu começaste bem; meus sentimentos pozerão em respeito o mesmo fasto da victoria, e Ataide acaba de conhecer que o insolente arbitrio da fortuna não tem poder sobre as almas grandes. Nunca a virtude cede á fortuna as suas conquistas. . . . Mas assás tem cedido o amor á gloria; torne o amor a recobrar seus direitos, e tornem a despedaçar meu coração as funestas idéas do meu talvez que já perdido consorte, e de meu innocente filho escondido entre os sepulcros. Não basta o meu animo para tantas perdas. A fortuna levou-me o Throno de Dabul, que me tinha dado; eu sou superior aos seus caprichos; o

amor me deo um esposo, e um filho; as perdas do amor não se tolerão, nem se consolão.... Onde estará o meu esposo? Se virá ainda? E o charo filho! Oh mundo! Oh natureza! Oh fados!.... Ah! pague a India a Portugal os delictos que commetteo contra o Ceo! Tenha Portugal Imperios; mas não captivará jámais o coração de Sezigambe.

## ACTO SEGUNDO.

### SCENA I.

*D. Luiz, Simão de Mello, Alvaro de Castro, e Zelima.*

*Alv.* **S**ENHOR, = D. Gonçalo Pereira expirou atravessado de lanças na entrada destes muros. Acabou um dos maiores braços das nossas armas; ainda jaz no campo, e ainda aperta na fria mão a invicta espada.

*D. Luiz.* A virtude, e o valor nem depois da morte acabão. Perdeo muito a Patria; mas D. Gonçalo ainda adquirio mais; a fama, e o nome, he um bem ainda mais precioso que a vida; será tão invejada a sua

morte como he a fama de seu irmão D. Leoniz pelas victorias de Malaca.

*Alv.* E neste campo, theatro tambem das minhas façanhas; eu vos peço o posto que elle occupava no exercito; e se o não merece o valor que aqui mostrei, lembrai-vos dos Baluartes de Dio.

*Sim.* E se a defendida Malaca pede para estas cans alguma recompensa, eu mereço o mesmo lugar que Alvaro de Castro pretende. Esta espada nunca esteve occiosa, nunca foi inutil ao Estado da India, e as cicatrizes das feridas recebidas a vosso lado em Parnel pedem este illustre galardão.

*D. Luiz.* Simão de Mello, contentai-vos; a victoria enramou de louros vossa espada, e vossa frente, e não são tão caducas as vossas cans que vos não deixem ainda um grande espaço para a aquisição de novas palmas: ao valor de Alvaro de Castro, e ás cinzas do Viso-Rei seu pai se deve em primeiro lugar a jerarquia de D. Gonçalo Pereira. Eu sei que Cartale convocou já para a vingança de Dabul a Mandavirai, e os Piratas do Malabar, que discorrem com as Galeotas pelo mar de Chaul. Dei ordem a D. Paulo de Lima para os atacar, e vós com o braço, e com o conselho ireis servir debaixo das suas ordens. Sabei que dar-vos uma occasião mais de vos distinguir-des he dar-vos a mais abalisada recompensa.

*Alv.* Senhor, eu vos beijo a mão pela mercê que tamanha honra me traz.

*Sim.* ( *á parte* ) E he tão vil preço o sangue de Simão de Mello, que o pize, e despreze desta maneira o Conde d'Atóuguia? E deve soffrer esta afronta o Governador de Malaca?

*Zel.* ( *á parte* ) A injusta repulsa o offende; talvez sirva o seu odio aos meus designios....

*Alv.* Senhor, eu parto a occupar o lugar do heroe extincto; eu vou dar ao Exército em Alvaro de Castro um capitão, e um pai. Meus passos não sabem outra estrada que a da gloria: o neto do vencedor de Cambaia não saberá degenerar de tão illustre sangue. ( *Vai-se* ).

## SCENA II.

*D. Luiz, Simão de Mello, e Zelima.*

*Sim.* Já que a minha espada, Senhor, tem tão embotados os fios, e he tão inutil para a gloria de Portugal; deixai que eu a abandone a vossos pés, como um despojo ocioso; e já que esta dextra outr'ora triunfante se tem tornado frouxa nos braços de Marte, permiti que eu a una nes laços de hymeneo á desta abandonada, e infeliz Donzella, e que neste estado eu me esqueça para sempre do uso, e do nome infausto da guerra, e da victoria.

*D. Luiz.* Simão de Mello, ... onde está aquelle valor heroico com que repellistes em Malaca todo o poder do Achem, que sitiava a Fortaleza? Este valor tão provado não pode neste momento defender o vosso coração de um tão injusto despeito, e violento transporte? Se vos roubo a gloria de combater, dou-vos a não menor de aconselhar; e olhai que vos devem causar maior satisfação as honras merecidas que as alcançadas. E não sabeis que he menos illustre uma virtude interessada? Chega neste momento á India a nova infausta da desventura de Sebastião; aqui acaba de chegar com esta noticia João de Saldanha; ella veio funestar os louros da tomada de Dabul. A Patria vos precisa, e o vacillante Estado da India tambem com vosco se pode suster. E posso eu permitir as nupcias de tão grande Fidalgo Portuguez, como vós sois, com uma mulher gentia, e ainda que segundo as apparencias, que podem mentir, seja de uma extracção Real, e seja a irmã do rebellado Tojar?

*Zel.* Senhor, antes que decidais tão ponderavel lance, concedei-me que eu permaneça só com vosco; devo communicar-vos um importantissimo segredo.

*D. Luiz.* Ide-vos, Simão de Mello.

*Zel.* Mas tornai prestes (*á parte a Simão de Mello*). Favoreça o destino os meus projectos. (*A' parte*).

*Sim.* Levo no coração amor, e vingança! (*A' parte*).

## SCENA III.

*D. Luiz, e Zelima.*

*Zel.* Senhor, Vós cedeis a outro um despojo que he vosso; e sabeis que não he um despojo vil, nem inerece o seu grande preço menoscabo. Eu busquei os vossos arraiaes com aquella fé que devo a Portugal; mas outra razão mais forte ainda, e mais poderosa no meu coração, me trouxe a vossos pés. O brado da vossa virtude, e da vossa fortuna retumbou fortemente no meu coração, occupou os meus affectos. He muito robusto aquelle amor, com o qual um coração se não pode tachar de fraco. Esta magestosa chamma se ateou mais com a vossa presença, e este alto incendio abafa aquella austera virtude, que era tão propria da minha extracção e do meu estado, e que me fez rejeitar as pertencções dos maiores Potentados da Asia, aquem minha altivez pôde resistir. . . .

*D. Luiz.* Basta, mulher, cala-te; o Conde d'Atouguia veio ser o Viso-Rei da India, e não o amante das mulheres de Dabul. (*Sahe sem olhar mais para Zelima*).



SCENA IV.

*Zelima, e Simão de Mello.*

*Zel.* Desgraçados pensamentos! Assim vos atalha o vôo, e vos piza o feroz Ataide!

*Sim.* Zelima!....

*Zel.* Deixai-me: eu prezaria o vosso amor attendendo á vossa alta qualidade, digna da irmã de um Rei; mas vós deslustrais esta mesma qualidade, e não sois dignos de Zelima....

*Sim.* Como?...

*Zel.* Quem sofre em paz a affronta de uma repulsa não tem o coração nobre; e não se recobra a honra assim ultrajada senão com uma vingança estrondosa. O vosso sangue a exige, Zelima a quer como prova de vosso amor.

*Sim.* É que vingança? E intentais acaso estimular o meu coração? Quando nasci já trouxe impressas no meu peito todas as leis do pundonor; e as offensas feitas a Simão de Mello não as lava senão o sangue do offensor.

*Zel.* Mas Ataide vos affrontou tirando ao vosso merito uma recompensa, talvez, talvez que muito inferior a elle!... (*Solhe*).



## SCENA V.

*Simão de Mello só.*

*Sim.* Tem novos motivos a minha vingança, o primeiro no que se me nega, o segundo no que se me manda. E devo eu servir debaixo das ordens de D. Paulo de Lima? Assim o quer o Viso-Rei. Eu servir? Eu, que com o meu sangue rociei tantas palmas ganhadas como Governador em Malaca, e em Chaul como Soldado? O meu coração ferido de uma duplicada offensa não conhece outra lei, outro foro mais que o da vingança. Falta tudo aos Soldados, o estipendio, o sustento, a recompensa, as honras; eu os vejo dispostos á insubordinação, eu soprarei estas chammas; o crime publico será a minha vingança: seja esta ou culpa, ou virtude, eu a devo seguir; e se Ataide for desobedecido, ou morto, um grande delicto tambem dá nome a uma alma grande.

## SCENA VI.

(*Representem vista de sepulcros dos antepassados de Tojar*). *Tojar, disfarçado com um vestido de plebeo.*

*Toj.* Deoses do Céu! Só vos peço um momento que me torne memoravel ao gran-

de giro dos seculos, momento em que Ataide me veja, vencido sim, mas implacavel e tremendo. Oh liberdade oppressa, eu te devo ainda o extremo sacrificio ! Hoje se há de immolar a victima, já está escolhida, e he tal que emparelha com a grandeza de minhas desventuras. Sombras de meus pais, vós que errando entre estes Cyprestes lugubres, esperais de mim este acto insigne, eu apparecerei ante vós com o famoso trofeo de um oppressor extincto. Se vós pranteais as cadeias da Patria, talvez o sangue deste barbaro despedace os seus ferros ; e se ella deve ficar sepultada para sempre, fique em suas cinzas a cinza do seu vencedor !...

SCENA VII.

*Tojar, e Sezigambe entrando no mesmo sitio.*

*Sez.* O' meus lacrimosos olhos, ou vos illudis, ou este he por certo o meu amado esposo !... He elle ! he elle ! Ceos ! eu vos perdôo esta crueldade do meu destino !.. Tojar, esposo !... (apressa-se para elle).

*Toj.* Que ! Vive Sezigambe !... E pôde assim desobedecer a toda a força do meu ultimo preceito ?

*Sez.* Ah ! que propicio fado teve piedade de minhas desventuras, e te conduzio, cáro esposo, ainda uma vez ante meus olhos ?

*Toj.* Aquelle mesmo a quem te quizeste oppor, quebrando o mais sagrado de todos os juramentos !...

*Sez.* Ouve....

*Toj.* Emmudece,.... E tão preciosa he a vida dos infelizes que deva conservar-se a preço de um delicto? E não pôde a minha mesma desventura expulsar de teu coração uma fraqueza?

*Sez.* Senhor....

*Toj.* Não me dês esse nome, reserva-o para Ataide, escrava vil, abjecta; offerece-lhe o pescoço ao vergonhoso ferro.

*Sez.* Elle he tão generoso que despedaçou as minhas cadeias, tratou-me como Rainha, e me deo a liberdade.

*Toj.* Sempre será vil a liberdade dada por aquellas mãos; e quem tem alma elevada aborrece uma vileza mais que a morte. Muitas vezes não se pode viver, mas sempre se pode morrer.

*Sez.* Tojar....

*Toj.* Sim, conheço em ti aquella indole baixa que he propria de teu pai, e de um sangue vil; eu não poderia esperar tanta virtude; a maldade dos pais tambem passa como herança aos filhos. Uma só culpa não constitue um scelerado, tu me desobedeceste; e a este primeiro delicto juntaste certamente segundo; conservaste meu filho para ultraje infeliz de um triumpho!

*Sez.* Não, Senhor, não, estes mesmos

tumulos escondem uma parte tão nobre das nossas entranhas. . . .

*Toj.* Morreo o meu filho ! . . . Portuguezes, diminuiu-se uma grande parte do vosso triumpho, e grande sacrificio fiz eu a esta generosa virtude que se alverga em meu coração. Fiz um grande serviço á minha gloria, he preciso dar alguma cousa aos sentimentos de pai . . . falle a minha dor; mas sem offensa da minha virtude. . . . Amado, e innocente filho, se a tua sombra anda errante entre estes funestos Teixos, e melancolicos Cypristes, recolhe os meus suspiros. A tua morte he sensivel á ternura de pai; mas fei precisa á dignidade de Monarca ! . . .

*Sex.* Oh Ceos ! Meu esposo, eis se aproxima Melique a este retiro. Foje, Senhor, ao menos esconde ao seu temor o teu semblante.

*Toj.* Eu me escondo, sim; he intempestiva a morte quando nos resta uma acção grande que acabar na vida. (*Esconde-se*).

#### SCENA VIII.

*Melique com Soldados, e Sexigambe em distancia.*

*Mel.* O' lá, Soldados, destrua o nosso furor estas soberbas memorias, e orgulhosos monumentos de uma estirpe rebelde a Portugal; caião despedaçados, e fique confun-

dida no pó até a mesma memoria dos sepulcros.

*Sez.* Deoses immortaes! que escuto?...  
(*A' parte*).

*Mel.* Leve o rapido vento até estas mesmas cinzas infieis.

*Sez.* Ah meu pai! Oh Heroes Portuguezes! Ainda a vossa ira não está farta do nosso sangue, ainda vos não sacião as ruínas de Dabul? Que eis estendellá até ás sepulturas, quereis empregalla nestes frios e descarnados ossos, quereis afugentar estas sombsas? Quereis levar o vosso dominio até á mesma região da morte?

*Mel.* Não basta o sangue para faltar uma grande vingança: vive, e vivirá sempre a offensa, em quanto não acabar o mesmo nome, a mesma memoria do offensor.

*Sez.* Ah! meu pai! lembrai-yos que a doçura deste nome até podia desarimar o furor do maior inimigo! Eu vos peço até por aquelle sangue illustre com que animastes o meu coração, por aquelles suaves carinhos que de yós recebi tenfa menina pendente do vosso collo, por aquelles ternos beijos que em vosso rosto imprimia o meu filial amor; sim, eu vos peço que poupeis a esta desgraçada filha este tão cruel, e tão inutil ultraje, do qual não podereis colher um fructo que seja digno da vossa grandeza. Que pôde temer Portugal nestas frias pedras? Que guerra fizerão estas sombras ao terrivel Ataide,



e a Melique Tanadar? Meu pai, eu vos peço esta ultima dadiva, e eu a peço com toda a força da agonia do meu pranto.

*Mel.* E chora a esposa de Tojar, o forte, o invencivel? Chore embora, não mereço piedade!

*Sez.* Dizeis bem, Senhor; o pranto não he digno de mim, mais digno, e mais proprio será o furor . . . serei feroz como os Portuguezes, dar-me-ha forças o odio: terei talvez por companheiro na defenza o alto genio de Tojar. Treme, Ataide, deste nome. . . Ah! elle chegará cheio de fogo, e armado de ferro, qual tu o viste, e o vio Constantino de Bragança. . . (*Com força*),

*Mel.* Venha, appareça este teu formidavel guerreiro, mostre aquelle rosto que uma fuga vilissima roubou ás nossas iras.

*Sez.* Terei por companheira a mesma morte, debaixo de cujo imperio dormem as sombras; terei as furias . . . (*transportada*). Eu só, eu só, mais feroz que Tojar, menos injusta que o destino, mais funesta que a morte, defenderei estes ossos illustres. Chegai, barbaros, inquietai estes cadaveres! (*Tira o punhal que conserva dado por Tojar*).

*Mel.* Guerreiros, abatei estes indignos mausoléos. (*Para os Soldados, que começam a demolir*).

*Sez.* Tudo tentei em vão. . . Materno amor, eu segui os teus conselhos; morra eu ás mãos de Tojar, e conserve-se o filho.



(*A' parte*). Ah! com que preço intentei poupar esta offensa cruel aos avoengos de Tojar!... (*Em voz mais alta*).

*Mel.* Que preço he esse?

*Sez.* O filho.... Oh Ceos!.... O filho de Tojar....

*Mel.* Que escuto!...

*Sez.* Ah! meu amado pai! será muito de pedra, será qual o de um Tigre o vosso coração, se me negais a dadiva preciosa da sua vida. ... Eu sou mãe..... Oiga-me o mundo, oiga-me a natureza, sou mãe.....

*Mel.* Entrega o filho, e depois pede.

*Sez.* (*Em voz muito alta*) Abrião-se essas negras estancias da morte. Ah filho! sahe de teu desgraçado asylo. Onde as cinzas achão descanso, encontraste tu a desgraça! Sahe do teu asylo, infeliz fructo de uma infeliz mãe!... (*O escravo sahe de trás de um tumulo com o menino*). Eis-aqui, ó Melique, eis-aqui o grande terror dos Portuguezes. Eis-aqui o ultimo resto daquelle sangue que tu aborreces. Quando temêrão as ferozes aguias as timidias, e fracas pombas? Que culpa commetteo este coração terno e innocente? Ah filho desgraçado! dobra os teus joelhinhos, beija os pés a teu grande avô! Não he vileza o que a fortuna obriga a fazer aos miseraveis. Este he, Senhor, o vosso neto, observai nelle os vestigios do vosso genio guerreiro. Acolhei-o como quizerdes, eu vo-lo entrego; mas acon-

selhai-vos com o vosso mesmo sangue sobre as suas desgraças. Vós também s'is pai,...

*Mel.* E tu não hes minha filha!.....  
(*Parte e o menino*).

SCENA IX.

*Tojar que sahe do lugar em que se escondéra, e Sezigumbe.*

*Toj.* Perjura! He esta a fé que deves a Tojar? Quando te ensinou, e te inspirou a minha gloria tão baixos sentimentos? Assim guardaste para meu filho a grande honra de uma morte livre? Vai, vai, leva esse mesmo punhal ao verdugo Portuguez, mostra-lhe tu mesma a estrada mais facil, o caminho mais breve para aquelle tenro, e innocente coração; vai tu mesma, e envolve aquelles pequeninos pulcos em ferreas cadeias.... Vai, ata tu mesma ao carro do feroz Ataide aquelle infeliz resto da minha estirpe... Vai, expõe tu mesma teu filho aos ludibrios soberbos da indomavel Soldadesca Portugueza.... Vai, e diante do triunfador arvora tu mesma a bandeira do teu vilipendio.... Vai, .. Mas fica, fica; eu afasto de meus olhos os horrores desse rosto cobarde, abominavel, funesso.... Um dia virá em que sombra tremenda, pavorosa, e sedenta de vingança, te voarei em torno....

Eu mesmo te esperarei . . . na habitação dos  
perjuros. (*Parte*).

SCENA X.

*Sezigambe só.*

*Sez.* Acho nos Ceos, acho nos infernos  
a mesma crueldade! Estou dividida entre  
ambos! . . . Que demerito, que crime en-  
cerra em si a minha tão justa piedade? Des-  
graçado filho! O amor, o odio, ambos  
conjurados contra a tua vida, pedem e que-  
rem a tua morte. Meu marido me nega o  
nome de esposa porque te defendo, e meu  
mesmo pai porque te conservo me nega a  
honra de filha. O' fortuna, fortuna inimiga  
até da natureza, só uma profunda dor diz  
ao meu coração = Sezigambe, ainda hes mã!  
(*Sahe*).

SCENA XI.

*Vista de pavilhão militar. D. Alvaro de  
Castro, e Zelima.*  
*D. Alv.* Zelima, hoje completa o desti-  
no a gloria Portugueza na tomada de Da-  
bul. Nós vencemos, e Melique acaba de  
descobrir, e captivar o filho de Tojar, ulti-  
mas reliquias da rebellião.  
*Zel.* Oh Ceos! que escuto? infeliz! nem  
o seu pranto abrandará o feroz coração de

Ataide! (*á parte*). Como, Senhor? (*para D. Alvaro*).

*D. Alv.* Não sei. Elle será uma victima destinada á nossa vingança, e a vingança de uma rebelião não distingue a idade.

*Zel.* Ah Senhor, por aquelle amor que vós dissestes que meus olhos accenderão em vosso coração, salvai, salvai, eu vos peço, este ultimo fructo de um tronco illustre, e tronco de que tambem eu procedo: eis-aqui a primeira, a unica prova que eu exijo do vosso amor.

*D. Alv.* Eu me empenharei com o Viso-Rei; empenharei todas as minhas rogativas, a minha auctoridade, os meus assignalados serviços para obter o que me pedis, e até empregaria mais alguma cousa.... que a tanto me obriga a vossa formosura.

## SCENA XII.

*Os mesmos, D. Luiz, e Melique trazendo o menino pela mão.*

*Mel.* Eis-aqui, Senhor, o ultimo ramo daquella planta funesta, rebelde ás triunfantes Quinas. Uma piedade o escondia, uma mais justa piedade o descobrio; abatei esta frente que he ré dos crimes de seu mesmo pai, e assegurai a conquista que acaba de fazer o vosso braço.

*Zel.* E de que culpa he réo este desditoso?

*Mel.* Cala-te: a herança das culpas paternas também sobre elle desafia o castigo.

*Zel.* Mas os crimes de Tojar não se communicão com o sangue a seu filho.

*Mel.* Quem encerra nas veias um sangue infecto, não o pode sarar, deve derramarlo.

*Zel.* Seja embora réo, mas que se pode temer de uma idade tão debil, e tão tenra?

*D. Alv.* Ah Melique! os heroes de Portugal não bebem nas taças de seu triumpho o sangue innocente, e misturado nesta pequena creatura talvez com o leite que o sustenta.

*D. Luiz.* Viva o filho de Tojar, a natureza, e a innocencia dispensão nelle o que deve á vingança Portugueza. Melique, eu o confio ao teu cuidado, e responderás pela sua existencia.

*Mel.* Ah! a ultima setta da minha vingança suspendeo-se nos ares! (*A' parte*).

*Zel.* Esta acção da vossa clemencia he o mais illustre loito que vos adorna a frente no meio de tantas victorias.

SCENA XIII.

*Simão de Mello, com alguns Soldados, D. Luiz, e D. Alvaro.*

*Sim.* Um Soldado veterano he bem que descance. Já que um Fidalgo como eu não pode obter o premio das victorias de Malaca



aqui deporei a minha espada; estes meus Soldados animados dos inesmos sentimentos já que tem com a força do seu braço sustentado o Sceptro Portuguez no Oriente, exigem a recompensa que lhes he devida, o soldo que o Estado ha tanto tempo não satisfaz, ou a sua absoluta demissão.

*D. Luiz.* Que nome deve dar o Viso-Rei da India, o Conde d'Atouguia, a este tumultuoso ajuntamento? Se sois Soldados, onde está a vossa obediencia? Se sois Portuguezes, onde está a vossa fidelidade? E appareceis assim na minha presença? E Simão de Meillo he um conductor de facciosos! Socegai-vos, e se vos não contem a authoridade deste bastão, conter-vos-ha a força desta espada.... He Luiz d'Ataide quem a empunha. (*Arranca meia espada*).

*Sim.* Tambem a minha espada saberá ferir, e de um só golpe vingará muitas afrontas.

*D. Luiz.* Não sois Fidalgo .... sois um vil.... (*Arremete*).

*D. Alv.* Suspendei-vos, Senhor. Não vingue D. Luiz de Ataide as offensas feitas ao Viso-Rei.... Oh lá, Soldados, retirai-vos; Alvaro de Castro vo-lo pede, Portugal o manda; não funesteis a victoria que alcançais, sereis satisfeitos. Meu inclyto pai empenhou um só cabello da barba, e obteve thesouros, eu empenho a minha palavra, quando Goa vos vir triunfantes vos verá satisfeitos, e recompensados.



(*Vão-se os Soldadas, e Simão de Mello, lançando-se com dissimulação aos pés do Viso-Rei, e depondo a espada*).

*Sim.* Senhor, perdoai o meu transporte: eu fui conduzido pela tropa amotinada; violentou-me, fui ameaçado, foi preciso ceder....

*D. Luiz.* As injurias feitas ao Conde de Atouguia estão esquecidas, as faltas contra o Viso-Rei da India, Portugal as vingará. Ide-vos, Simão de Mello.... (*Vai-se Simão*). Quanto alterna a fortuna os trances da nossa vida! Acho nos inimigos a victoria, e nos Portuguezes a rebellião! Eis-aqui o maior desar á gloria do meu triumpho! Mas os bens, e a ventura de Luiz d'Ataide; estão dentro, e não fóra de Luiz d'Ataide; e uma sublime virtude, unico bem a que podemos chamar nosso, não depende do soberbo arbitrio da sorte. He sempre grande, sempre feliz um coração virtuoso. Com a virtude tenho quebrado a roda da fortuna, e he mais gloriosa a victoria, que acabo de alcançar de mim mesmo, que a ruina de Dabul.... Vamos, Alvaro de Castro. (*Sahem*).

## SCENA XIV.

*Vista dos tumulos. Sezigambe suspendendo Tojar que lhe quer fugir.*

*Sex.* Suspende-te, caro esposo; para que he tanto rigor? Não vez, não descobres em mim a metade do teu coração?

*Toj.* Sezigambé!...

*Sex.* Ah! Chama-me esposa; este nome he mui digno do meu coração, he mui digno do meu amor. Abre, Tojar, abre o meu peito, gravada verás nelle a imagem do teu rosto.

*Toj.* O teu peito devia guardar com mais submissão as minhas leis.

*Sex.* Tu me accusas de duas culpas; a primeira de viver; mas esta não he minha, he de meu pai, que me suspendeo o braço quando empunhava o ferro fatal, e hia a vibrar o ultimo golpe. A segunda he só culpa minha; vive o teu filho; mas se peccou o amor, quanto são dignos de perdão os delictos do amor maternal!

*Toj.* O demasiado amor he uma grande culpa em uma mulhes de illustre sangue, na mulher de Tojar.

*Sex.* Eia, pune, castiga em mim este delicto, morrerei contente, morrendo em tuas mãos; mas ao menos... Ah caro esposo... ao menos antes de fulminares o terrivel gol-

pe, detem teus olhos sobre o meu pallido semblante, e dize quando deste scio vires correr meu sangue: — Sezigambe, eu te pe doo... então verás sabir tranquillo de meus tremulos e desmaiados labios o meu ultimo suspiro... (*Prostra-se aos pés de Tojar*).

*Toj.* (*A' parte*) Grande força tem o arrependimento de uma mulher no coração do esposo que a ama!

*Sez.* Eia, Senhor, fere, fere uma escrava, não te lembres que he Sezigambe, que he tua esposa. (*Mostra-lhe o peito*).

*Toj.* Natureza, venceste... venceste em fim o desgraçado Tojar... Vive, Sezigambe, vive, ultimo resto da minha desvanecida grandeza; vive, e este abraço te dê a paz que me pedes, e que tu mereces no meio de tantas desventuras. Vive, mas como deve viver a esposa de Tojar, e se te apraz o meu amor, mais te deve aprazer ainda a minha gloria.

*Sez.* Apraz-me a tua gloria, sim, amado esposo. Mas dize-me que profundo designio te tem demorado entre estes tumulos? Não sabes que estão assombrados das vencedoras Quinas, e rodeados de tantas espadas sequiosas de teu sangue? A tua vista me he mais que tudo amavel; mas que terrivel não he para o meu coração o teu perigo! O Viso-Rei acaba de entrar na Cidade, dos seus muros te podem descobrir; cede, Tojar, cede á fortuna, e separa-te destes

lugares; eu fico, porque se me não arranca do coração a esperança de recobrar meu filho.

*Toj.* Não devo ceder á fortuna, devo seguilla. Eu devo ainda a Dabul uma acção grande; e um Rei sem o throno deve antes buscar uma illustre morte, mais ainda que uma vida abjecta e desprezada.

*Sez.* Ah! meu esposo, não te exponhas, tem dó de Sezigambe, tem compaixão de teu filho!

*Toj.* Esposa, deixa que eu obedeça ao meu destino; não suspendas com teu pranto a minha heroica resolução. Desde estes tumulos vai um caminho subterraneo aos jardins do meu Palacio; só eu possuo este segredo; tu me vês disfarçado em vestidos, não sou o Rei de Dabul, sou um plebeo. Eu me vou esconder neste subterraneo, e sahindo na parte mais recondita de meus jardins, esperarei que o destino me proporcione occasião de embeber uma setta no coração do feroz Ataide. . . . Vai, espera o que de mim dispõe o Ceo; talvez eu vingue de um só golpe as injurias da fortuna, e quebre os grilhões da India escrava, livrando-a destes monstros do ultimo Occidente. Ou eu viva, ou morra, guardarei sempre eterna memoria do teu amor. Esposa, adeos; talvez que este sombrio caminho me conduza a um dia de glória, e pode ser que Dabul resurja ainda do mesmo sepulcro das suas cinzas.

Adeos, consorte, adeos. (*Vai para o subterrâneo*).

Sez. Amado esposo, adeos.... Se Tojar vai morrer nesta empreza, permitti, justos Ceos, que eu o acompanhe na mesma sepultura!

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

*Vista de jardim; Tojar entre as arvores com arco, e settas.*

Toj. **O**u me chame a gloria, ou me arraste o destino, Tojar chegou a um porto, onde o espera ou a ventura, ou a morte. Eu espero que o feroz conquistador venha entre estas mudas e solitarias sombras dar tregoa á indispensavel agitação de seus tumultuosos pensamentos, e venha talvez lisongear-se com as soberbas, e vaidosas idéas do seu triumpho; e talvez tambem que aqui mesmo a minha justa vingança lhe possa preparar a sepultura. Seja culpa, ou razão, isto me apraz, e o meu odio dá toda a justiça a este necessario golpe. Venha a morte



vingar o assassinio de um Viso-Rei: venha, a morte tambem me apraz. Se uma grande acção tem apparencia de um delicto, para quem o commette a morte he um bem, pois lhe tira o tempo para a vileza do arrependimento. Fortuna, eu te perdoo to'as as tuas injustiças, e calco aos pés aquelle mesmo throno de que tu me derrubaste, se sustentares o meu braço, e dirigires com acerto este golpe, que me fará para sempre feliz, se me deixar de todo vingado. (*Oceulta-se*).

SCENA II.

*Simão de Mello, e Zelima.*

*Sim.* Senhora, falhou o meu golpe, eu buscava no publico descontentamento, promovido por mim, a satisfação da minha affronta; não me quiz ser propicia a sorte.

*Zel.* Uma alma grande não divide com outros a honra da vingança.

*Sim.* Se falhou o primeiro golpe, não se extinguiu ainda em mim o primeiro odio.

*Zel.* Um odio, que se deixa envelhecer, enfraquece. Não esperes em paz que se vingue Ataide. A espada está pendente sobre o teu pescoço; não te exponhas tranquillamente ao seu furor, segue a começada empreza, vinga as tuas offensas; e se está desgraçada tem sobre o teu coração algum imperio, vinga tambem as injurias feitas ao meu



sangue. Sei que o nosso commum inimigo entrará daqui a pouco neste jardim; embebe no seu peito, em silencio, aquelle ferro, que não podeste empregar em publico.

*Sim.* Sim, Zelima, morrerá o soberbo, ceda uma vez a fidelidade Portugueza á justiça da minha causa, e á grandeza da minha affronta. Retira-te, eu aqui fico entre estas arvores; nunca me escondi da face de meus inimigos; mas a qualidade deste contrario não pede um peito descoberto.

### SCENA III.

*Simão de Mello de um lado do jardim, e Tojar de outro lado, escondido, e mudo; mas que seja visto do espectador.*

*Sim.* Eu devo á minha memoria uma illustre vingança. Entre as minhas acções, talvez seja esta a que dê mais brado; um delicto plebêo obscurece a fama; mas sempre he grande o nome de uma culpa illustre. (*Esconde-se*).

### SCENA IV.

*D. Luiz d'Ataide, e os mesmos.*

*D. Luiz.* Demos algum repouso aos tumultuosos pensamentos que me agitação. Que insupportavel pezo he o do commando! Com

quantos sobresaltos se compra uma victoria ! Que terrivel espectaculo he para os olhos do conquistador a sua mesma gloria ! Talvez seja um crime ; pois não he por certo uma virtude vir deliberadamente perturbar a segura tranquillidade, e independencia das Nações !

*Sim.* Eis o injusto Viso-Rei ; e evitará agora a minha ira ? (*A' parte*).

*Toj.* Eis o destruidor soberbo do meu Reino. Fortuna, permite que eu quebre de um só golpe as cadeias da India ! (*A' parte*).

*D. Luiz.* Em que lutôz estará o Tejo envolto pela desgraçada morte do Rei ! Não era sem um presentimento da sua ruina, que eu lhe dissuadia a fatal jornada ! Este meu novo commando foi um castigo do meu zelo ! . . .

*Toj.* (*Preparando o arco*). Numes tutelares da minha usurpada capital, vingai vós a minha affronta ! (*A' parte*).

*Sim.* (*Chegando-se por detrás ao Viso-Rei para o ferir*). Que mais devo aguardar ? . . .

(*Tojar d'entre as arvores despede uma setta contra o Viso-Rei, fere Simão de Mello, que já está proximo a elle, e cahe*).

*Toj.* Caia o tyrauno. . . . . Oh ! Golpe infausto. (*Foge*).

*D. Luiz.* (*Arranca a espada*) Oh lá Soldados ! Traição, traição ! Ferido de uma setta Simão de Mello ! Segurai o traidor que foge ! . . .

## S C E N A V.

*D. Luiz, Melique com alguns Soldados Portuguezes, seguindo Tojar; e Alvaro de Castro segurando já Tojar.*

*Alv.* Deixa as frechas, ou a vida.

*Toj.* Não, eu não cedo tão vilmente um ferro costumado a beber o sangue dos Portuguezes.

*D. Luiz.* Deixa as settas, gentio... Ceos! Tojar! Pois eu vingarei esse sangue de que se tem fartado o teu ferro; elle será o instrumento da tua morte.

*Toj.* Sim, eu sou o Rei, e Senhor de Dabul, vê, e treme ainda: vê que troféo te lança hoje aos pés o destino. Eu defendo a liberdade, o throno, a patria, o meu paiz contra um estranho que os usurpa. Que farias tu, General, se eu me conduzisse em uma armada á foz do Tejo para captivar, e demolir essa soberba capital, que assusta o Oriente, sem que o immenso Oceano seja uma barreira ás suas pertençaes, e ás suas armas? Eu defendo-me a mim mesmo quando empunho as armas contra os meus oppressores.

*D. Luiz.* Não juraste obediencia ao Estado Portuguez? Quem te desligou do pacto ajustado? Porque arvoraste o estandarte da rebellião? Eis-aqui o que eu vim castigar.

Demais, como poderias tu fartar a tua vingança, ou recobrar o teu Reino, ferindo, ou ainda mesmo matando um Capitão particular como Simão de Mello?

*Toj.* Elle recebeo indevidamente o golpe; por quanto eu destinava um mais digno sacrificio á perda da liberdade da India. A ti buscava unicamente a minha vingança. Enganou-me aquella fortuna sempre injusta, sempre caprichosa em se oppor ás obras grandes, e illustres. Assim mesmo não falta a gloria ao meu golpe; se elle resvalou, tu eras o seu alvo, e o seu objecto. Tu poderás ser triunfador; mas não serás sempre invulneravel.

*Alv.* Captivo, e em cadeias, ainda Tojar he terrivel! (*A parte, admirado.*)

*D. Luiz.* A sorte da guerra se decidiu a nosso favor; tu tens pelejado como forte: uma negra traição deslustra todas as tuas acções; com o golpe vilmente desfechado tu te declaras meu pessoal inimigo, e não de Portugal. Cahis e a meus pés, e a meu arbitrio está o teu castigo. Mas eu não julgo pelos dictames de uma cega vingança, a Lei julgará. Melique, a cujo sangue hes unido, e que se tem conservado em constante fidelidade á Coroa Portugueza, será o teu juiz; eu o escolho, e eu o determino.

*Toj.* Saia da boca de Ataide, ou da boca de Melique o raio exterminador, que me reduza a cinzas, eu o receberei com o mesmo

coração ; e até a mesma morte talvez beije com respeito a escura foice tinta no meu sangue. Entrará minha alma, mas não vil, pelo reino das sombras, e comigo levarei ainda o ultimo vislumbre da minha não bém extincta liberdade ; não contaminará o meu odio o inferno, eu lá o conservarei, e ainda lá serei o inimigo de Portugal, e de Ataide. (*Sahem, ficando D. Alvaro*).

## SCENA VI.

*D. Alvaro de Castro só.*

*Alv.* Fortuna, fortuna, tu serías uma inimiga toleravel, se fossem mais moderados os teus odios ; mas qual a tempestade arrebatada pelos ares, que não pára em seus insanos impetos, sem que abata, e escache as mais robustas palmas, assim tambem não socega o furor da tua ira em quanto resta uma só gota daquelle sangue que sujeitaste aos teus odios. Tu queres o sangue de Tojar, hoje será derramado ; foi Rei, e não deo mais que um passo do throno para o cadafalso. Farta-te, insolente fortuna ! Ah ! quanto errou quem te pintou cega ; jámais erras um tiro, uma vez que determinas um alvo ! . . . , (*Parte*).



## SCENA VII.

*Sala destinada para se proferir a sentença de Tojar: Melique sentado em uma cadeira, e diante delle Tojar com guardas.*

*Mel.* Tojar, o teu castigo satisfaz a ira celeste. O titulo mais agradavel aos Deoses he o titulo de justos. Levanta-se muitas vezes o inipio; mas se elle se elleva, he para serem mais ruinosas as suas quedas, mais estrepitoso o seu baque. Rasgou a fortuna a sua venda, e hoje, como devia, fixou a sua roda. Caliste, e as tuas culpas pedem altamente o teu supplicio. Dize-me, ó soberbo Tojar, que razão póde justificar aquelle furor com que dissolveste os vinculos da alliança, e da obediencia devida a Portugal? Puzeste o Reino de Dabul em campo, pizaste aos pés os sacrosantos tratados, infringiste o direito das nações; a tua mesma infidelidade he quem te accusa. Dabul foi entrada, e tu fugiste; isto era uma cobardia; mas não era um delicto. Porém a maior infamia de teus crimes he aquelle sacrilego golpe que dirigiste contra o Viso-Rei, e ferio Simão de Mello. Eu me esqueço agora como teu juiz das minhas particulares offensas, dellas não te arguo; he preciso que emmudeça o odio particular, quando a causa publica pede uma vingança. Que respondes?...



*Toj.* He vileza a defesa contra as acções de uma culpa illustre. Não allego as minhas razões diante de um tribunal indigno de um juiz incompetente, aviltado com a traição da Patria opprimida, e baixo, e vil adulador da tyrannica fortuna Portugueza.

*Mel.* Quem despreza a sua defesa, renuncia á clemencia, e falta com razão um defensor áquelle atrevido a quem agrada o seu delicto.

### SCENA VIII.

*Os mesmos, e Sezigambe que chega a tempo de ouvir as ultimas expressões que profere Melique.*

*Sez.* Não falta um defensor a este heroe, em quanto não faltar Sezigambe. Senhor, de que culpa he réo este infeliz prisioneiro? a sua gloria he o seu delicto! Acaso he crime ter quebrado os ferros da sua patria, e ter subtrahido a cerviz ao pezadissimo jugo das Quinas Portuguezas? Que direito deo o Ceo ao Tejo sobre a India, e sobre Dabul? O Ceo dividia Portugal da India com o immenso Oceano. Porque Vasco da Gama quibrou as barreiras que a natureza tinha posto ao atrevimento dos mortaes, segue-se que Dabul deya ser uma escrava de seus atrevidos, ou afortunados successores? Não cabião os Portuguezes na terra que os vio nas-

cer, e que o destino lhes marcou para morada? Seja embora; mas contentassem-se com as possessões que têm na Africa. Quem lhes deu direito para quererem dominar como Senhores em todos os paizes da Asia? Elles tem mudado nossa religião, tem abatido os nossos Idolos, e até por ordem da sua mesma Corte tem despojado os nossos veneraveis Pagodes. Que lhes fizemos para tratarem os Reis como escravos, e os povos como rebanhos? Tudo he licito a quem repelle a oppressão injusta: se elles podem atacar Tojar, porque não ha de poder defender-se Tojar? A justiça poz nas mãos de Tojar o ferro, e elle obrou, e executou tudo aquillo, que de nós exige o justo, e natural desejo da liberdade. Mas de balde trabalha a virtude se tem de lutar com o destino, que quasi sempre se interessa a favor do mais poderoso. Ficou vencido. E que resta a um infeliz mais que o pensamento de uma vingança illustre? Eis-aqui o que elle buscou. Ataide devia aplacar com o seu sangue tantas vidas augustas, que ainda não estão vingadas. Falhou o golpe. E chama-se réo o oppugnador da tyrannia soberba? O propugnador da perdida liberdade, e o vingador, o vingador dos nossos profanados altares? Como defensora de Tojar tenho fallado a um juiz iniquo, e incompetente; agora he preciso que falle ao amor de um pai a filha de Mehque. Meu pai (eu creio que o

odio ainda vos não despojou deste nome):  
 volvei os olhos para este rosto, onde já não  
 ha outro bem mais que a vossa imagem, e  
 escutai os votos dos meus mesmos olhos;  
 não ha linguagem mais entendida pelo amor  
 que a linguagem do pranto. Não queirais  
 que conheça o mundo que aquelle mesmo  
 que me deo o sangue me derramou o san-  
 gue. Tojar he o meu coração, não pode uma  
 espada violar aquelle seio sem que penetre o  
 meu coração. Não descera Tojar á sepultu-  
 ra se eu não for com elle. Não funesteis,  
 Senhor, com tanta crueldade o seculo em que  
 existimos. prostrada a vossos pés, deixai,  
 que vos beije a dextra... (*Melique retira  
 a mão*). Oh Ceos, negais-me a vossa mão?  
 Ah! Não negareis os pés aos meus filiaes e  
 humildes osculos..... Eis-aqui um terrivel  
 castigo para aquelle espirito ver a melhor  
 parte de si em sua mesma presença, pro-  
 strada aos pés de seu mesmo inimigo! Ah  
 Senhor! vós tambem sois seu pai. Elle se re-  
 vestio do character, e do nome de vosso fi-  
 lho naquelle momento em que me deo a mão  
 de esposo. Piedade, Senhor, piedade, eu não  
 deixarei de abraçar estes pés em quanto  
 me não concederdes a vida de Tojar. Tan-  
 tas lagrimas correrão de meus olhos, que  
 desarmarão, Senhor, as vossas iras..... Va-  
 lci-me.....

*Mel.* Não desarmarás..... A razão do  
 meu odio não acaba; Tojar deve morrer. O

seu crime pede este castigo, sua perfidia o inerece, e o sangue de Simão de Mello, tão aleivosamente derramado, clama aos Ceos vingança. Tojar deseerá aos infernos sombra funesta, livrará o mundo da sua presença, e será um sacrificio que talvez aplaque sobre as margens do Indo o furor das espadas Portuguezas. (*Sahe sem olhar para Sezigambe*).

SCENA IX.

*Tojar, e Sezigambe, e Soldados.*

*Toj.* Bem castigada deixou Melique a cobardia de Sezigambe! E assim se avilta a mulher de Tojar? Forão baldadas as supplicas servis, e com quanta pena soffridas pelo meu coração! Amo, e quero muito mais a morte que uma vida alcançada com a vileza do pranto.

*Sex.* Ceos! Eu não me podia persuadir que te offendesse o meu piedoso amor! Ah Tojar, Tojar! de todos os meus dias bem depressa terei por algoz a minha magoa! Sezigambe não saberá sobreviver a Tojar; um mesmo ferro acabará duas vidas, que não podem, nem devem permanecer separadas. (*Sahem*).

SCENA X.

*Tojar só.*

*Toj.* Baixos affectos do coração, e do sangue! affectos da humanidade! Tocastes em fim a alma de Tojar, só vós distinguis o homem forte dos Deoses immortaes; e o homem forte se distingue do fraco e do vil em vos saber domar. Eu vou, eu vou afrontar a minha morte com intrepido semblante, ella me espera. E não saberei eu morrer um momento, depois de ter sabido viver tantos annos? Com a minha constancia cancei a fortuna, com a minha constancia vencerei a morte. E até no escuro abyssmo imprimirei vestigios do meu odio, e da minha vingança! (*Sahe com os guardas*).

SCENA XI.

*Zelima, e D. Alvaro de Castro.*

*Zel.* Se Zelima não falla, falta a Tojar a melhor defensão.

*Alv.* Não, Zelima, não aproveitariao as tuas palavras; Melique já proferio a inexoravel sentença; hoje mesmo o seu sangue deve lavar a mancha da sua perfidia, e da sua aleivosia; o sangue Portuguez pede vingança.



*Zel.* E he de tanto preço, de tanto valor o sangue de um só Portuguez no mundo, que se lhe deva tão grande sacrificio? E o pranto de Zelima não acha acolhimento, não acha piedade na grande alma de Alvaro de Castro?

*Alv.* Ah Zelima, Zelima! podessê eu arrancar das mãos ás Parcas o terrivel, e medonho ferro! Tojar he teu irmão, e este titulo o torna menos culpado aos teus olhos!

*Zel.* De ti pende a sua sorte. No commando das Tropas tu hes agora o segundo depois do Viso-Rei, ás tuas ordens estão as guardas que prendem Tojar; e uma fuga a elle o livraria do vilipendio do cadafalso, e a mim do funesto luto que nunca deixará a minha alma.

*Alv.* E onças tentar de vileza a Alvaro de Castro? Amo-te, Zelima, e se o teu amor exige o meu sangue, por ti derramarei o meu sangue. Mas que Reinos, que Imperios, que Senhorio universal do mundo pode obrigar ao filho de D. João de Castro a que falte a si, á fé, á Patria, e á honra? Ah! Zelima, Zelima! quanto te illudes. Sou amante; mas que infinita distancia vai desta affeição a este nome....

*Zel.* Que nome?...

*Alv.* Portuguez!... (*Sakie*).

*Zel.* Nada á minha alma resta mais que o furor que me devora! Não ha esperança; só resta uma dor que não acaba de matar-me!



## SCENA XII.

(*Representem um lugar junto ás muralhas, destinado para sepultura de Simão de Mello*). *Tojar com cadeias entre Soldados, e Sezigambe que lhas sustem.*

*Toj.* Deixa, amada Sezigambe, deixa que eu só ariastre toda a crueldade do meu destino. Estas cadeias nada diminuem nem a força, nem a grandeza de meu coração, elle me basta para lutar com a morte.

*Sez.* Consente, meu amado, permite que esta infeliz esposa exercite este mísero officio do meu amor até ao extremo passo. . . . Eu desfaleço . . . . a minha alma assoma toda aos tremulos labios. . . . Ah! talvez espire antes que o meu esposo acabe!

*Toj.* Sezigambe, coragem! Eu morro, e nesta hora extrema a minha honra me concede que cu dê algum momento ao caracter de pai, e de marido. Eu morro, Sezigambe, eu morro, e aqui te deixo com o titulo de serva! Eis-aqui a unica lembrança, que me torna horrivel a morte! . . . Tu choras? . . . Não me opponho ao teu pranto, poria o teu coração em mui apertadas angustias se eu quizesse encadear as tuas lagrimas em teus olhos. Chora; mas não seja a dor a causa do teu pranto, seja a raiva, seja o odio. Tambem, tambem a raiva, e a

vingança espremem lagrimas, e estas são paixões mais dignas de uma alma grande. Perdoa, esposa, perdoa a offensa que o teu ternissimo amor soffre com esta virtude que assenhorea minha alma. Amei-te, ainda no meio das minhas iras; aquellas expressões duras sabião da minha boca, com todo o tormento da minha alma. Se eu com ellas feria tua alma, acceita em satisfação metade da minha morte. . . . Sezigambe, eu morro, e deixô o meu nome á gloria, o sangue á Patria, e a . . . a . . . o amor . . .

Sez. Fique a quem não deya seguir-te a herança preciosa do teu amor, porque sem Sezigambe não entrarás no imperio da morte. . . .

Toj. Vive, Sezigambe. . . . A morte voluntaria he um vil recurso a quem não basta o coração para soffrer a dor das suas desgraças. Vive, eu to mando, e vive para o nosso innocente filho. . . .

Sez. Oh Ceos! Oh natureza! ( *Com muita dor* ). . . .

Toj. Vive, assim o pede aquelle sangue, assim o pede aquella idade. Mãe amorosa, tu o guarda. Pize elle a estrada da gloria por aquelles vestigios que eu nella deixo impressos; elle conhecerá que são meus, porque são grandes. Sirva escravo a Portugal; mas de sorte que a mesma fortuna se envergonhe da sua servidão. Pareça-se comigo nas obras, e não no grande ultrage do destino.

Quando o apertares no seio, lembra-te que unes a elle a mais terna parte do meu coração. Chama-o ao teu collo algumas vezes com o nome de Tojar. . . . Talvez lhe agrade este amoroso engano de amor! . . . Sezigambe! . . . beija então o seu rosto. . . . Sezigambe! . . . adeos! . . . adeos. . . . Com este ultimo abraço me despeço de ti. . . . tu vive em paz. . . . adeos. . . .

Sex. Ah Tojar! Ah Tojar, e porque não morro eu neste extremo abraço! . . .

Toj. Vai-te: o teu coração não poderia sofrer o horror do golpe fatal; e eu desde o cepo em que inclinar a cabeça, volvendo para ti os moribundos olhos, talvez trahisse aquella virtude feroz, que já me vai accusando de excessiva ternura. . . . Sézigambe, vai ao cadafalso, tens coração varonil, vai, e observa allí toda a minha fortaleza. . . . Vai, que eu te prometto que o meu espirito antes de subir ás regiões immortaes venha duas vezes pousar sobre o teu rosto, e palpitar ainda sobre o teu seio. . . . *(Retiráo-se para trás, e haja mutação de scena).*



fortuna (o sangue de Sijas sera hum  
sacrificio, hum offerta a vossa paci-  
de memoria.

Alf. Linhas augustas de meu ex-  
celso Rei; desde ca das margens do  
Gangos irei entre as ignorancias e rebeldias  
de Linhas de marmas sobre a vossa capi-  
da este tempo, e estas palmas.

Alf. Senhor, he tempo he tempo  
Sijas debe a vossa vossa vingaca, e  
com aquella impia (chamada a vossa) ul-  
time sacrificio.

Rei. Senhor; nao metere Sijas hum  
morte que he minha; quando elle for si-  
mar de velle, de velle, a vossa.

D. Sui. Como...

Rei. Senhor; aquelle feroz capitao  
antes de rebeldias a vossa rebeldias, declarou  
com treucado vossas vossas delicto. Elle le ha  
na na rebeldias e pada a morte, quando a  
vossa de Sijas de rebeldias nativa. Eu cob i-  
qui, he se minha a culpa da vossa morte,  
e a vossa vida.

Alf. Pois velle esse sangue das tuas  
veias: elle satisfaz a vossa de rebeldias,  
e satisfaz a vossa vida.

Rei.



Se. Si. Estuagal temo viri  
 de de Tijas, temo de Mundo nã viri  
 ro de gra e a Tjo. lista e Maide, costa e  
 quella Cabeça, e tu bastar Pai, eã tran  
 quillo expectaçõ da sua morte. Tanta fan  
 ta atua nã dãi e quando viri e proda  
 ar aynche sangue, bebe, bebe, a quelle  
 carne e sangue.

D. Liii. d. de ponto (Gentio) Datua  
 vida, dire me, se eu foy nã veltar a y  
 liaz culpa e deju nã foy teu prazoneiro  
 e que extora de gano e gano datua nã  
 ganca

Sij. Chegaria até onde chegava  
 injusto umipado de semes estão hã, e  
 inimio tyrano da vida d. e a vinda.  
 Tãis comcar a morte nã hã tormento  
 e quando curiã cancaõ nã hã suplicio,  
 morte, o meu vicio atã e castiõ sine sa  
 lã pã, entã, vultar nã pã, seixã  
 nã e tua lã e a dã nã hã nã hã dã  
 ferar, o dã (vã) nã hã hã até dã  
 extrema honã, e nã pã de pã.

D. Liii. Tã vicio e nã hã e vicio  
 vicio nã hã nã hã e nã hã  
 e nã hã nã hã nã hã. Si pã  
 nã







atque a destino de Vnyuerso Portuguez  
 ou premitte ou juro elle na fe, e ches  
 ora a fallagem.

D. Luis. Sobre as ruinas que suppy-  
 nhe extincção de antigo reio, ou te a  
 braco vasallo de Portugal, e Rei de Dabul

Mel. Na presença do V're Rei do  
 incomparavel. Haide, a deitas formidre  
 veis guerreiros, te offerreo em Meliqua o  
 dogro, a Venigarrub. e Pai.

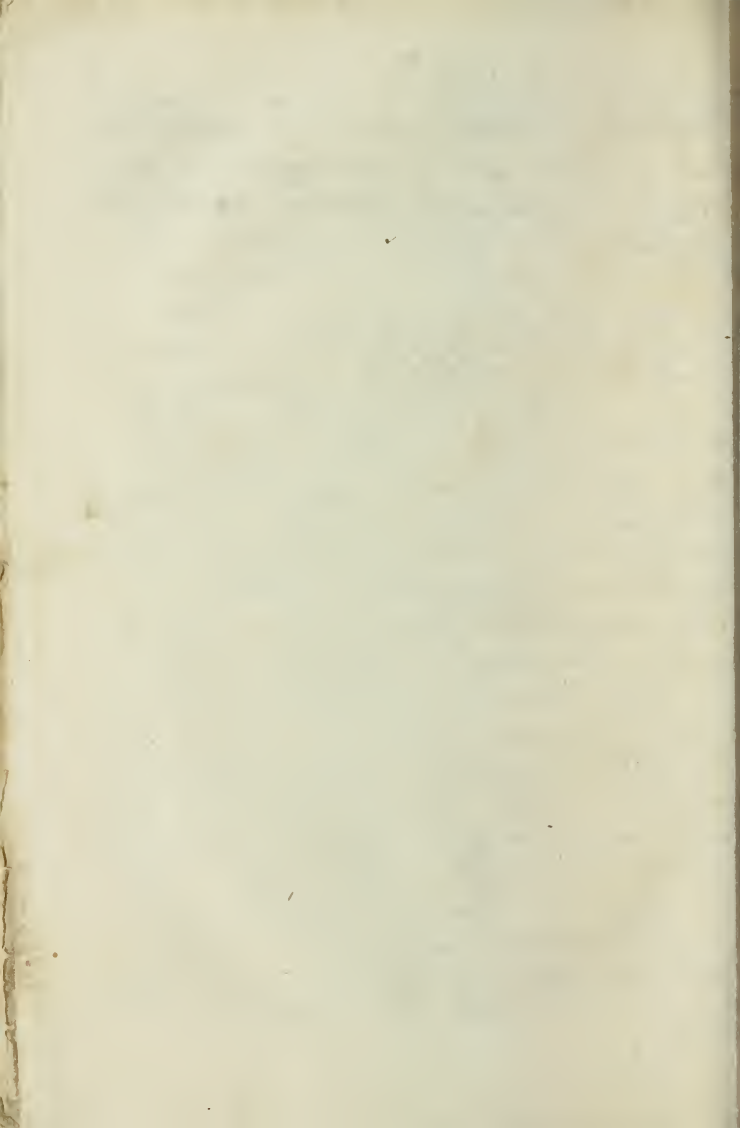
D. Luis. Enaqui tu me davia, de  
 que nao se desprecia a vobos 5.º em Ma-  
 drid, nem tuas em Roma. Aqui tem  
 Rei de Dabul, aqui tem agra da de su-  
 vi 2.º Haide (Dalle agra da) ve de qua-  
 tor luans, de quantas palmas me tem  
 virgido a frente. Ve eses fies, de que  
 penção o destino do Orient. beija-a-  
 gu he minka. Sabo, que se adrem  
 buichares contra Portugal, vollará an-  
 tra teu mesmo peito e sui penetran-  
 tes gumes, e virge a Dajas, e quando pe-  
 lijares com ella, a lem barca do meu  
 nome te faca vencedor.

Tedo. Oh magnanimo Heros. U  
 teu coraço he teu virtoso quanto  
 he invencivel o teu braco!

(73)

L. Xiii. Vestigueris, se casum fore  
dei sempre, verci sempre inveni-  
vis. (Dii estas palam, ne sum  
de palco.)

Sim.



O

# SEBASTIANISTA

DESENGANADO A' SUA CUSTA.

COMEDIA

COMPOSTA POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

*Representada oito vezes successivas no  
Theatro da Rua dos Condes*



L I S B O A :

NA IMPRENSA NACIONAL:

A N N O 1823.



O

SEBASTIANISTA  
DEMANDADO A SUA CUSTA.

COMEDIA

COMPOSTA POR

JOSE AGOSTINHO DE MACHADO.

Representada no theatro de S. Carlos  
em 18 de Maio de 1822.



L I B R O A :

DA LIVRARIA NACIONAL.

ANNO 1822.

PESSOAS QUE FALLÃO.

<i>Pantaleão Velho</i>	.	Pai de
<i>Sebastiana</i>	. . .	Amante de
<i>Bento Alpeim</i>	. . .	
<i>Nunes</i>	. . . . }	Bachareis
<i>Louro</i>	. . . . }	
<i>Rozendo Peres</i>	. . .	Amigo de Pantaleão.
<i>Guimar</i>	. . . . }	Criados de Pantaleão.
<i>Alonso Gallego</i>	. . . . }	

TABLE OF CONTENTS

Introduction	1
Chapter I	10
Chapter II	20
Chapter III	30
Chapter IV	40
Chapter V	50
Chapter VI	60
Chapter VII	70
Chapter VIII	80
Chapter IX	90
Chapter X	100

## ACTO PRIMEIRO.

## SCENA I.

*Pantaleão, e Sebastiana.*

*Pant.* **S**IM, Senhora, eu não preciso pôr oculos para ver que a sua idade já lho pede; a minha casa o necessita, e toda esta minha fazenda he sua, e lhe pertence, e quanto eu tenho de solido; mas eu não quero peralvilhos embonecrados; comer o que eu morejei por esses Sertões comendo carne de macaco, e enxugando as tripas com uma escudella de farinha; só uma pessoa da minha estofa, e abotoadura; e ainda mais, Senhora minha, para seu unico marido eu quero uma pessoa dos meus sentimentos, quero um pé de boi, Portugal velho, e se for da minha mesma profissão, será mais do meu gosto; Piloto como eu, que fiz a viagem do Maranhão trinta e nove vezes; Piloto, e mais Piloto, e se tiver uns dois dedos cá dos meus estudos particulares, etc..., melhor ainda; eu quero que se ennobreça a familia, e descen-

dencia dos Pantaleões com um descobridor da Ilha encoberta. . . .

*Seb.* Sim, Senhor da Ilha encoberta. . . . eu já vejo aonde se encaminha todo esse aranzel. O meu esposo ha de ser um ratazana, um ginja, uma cascata, um desses originaes da antiga tarifa, e em cima de tudo isto Piloto!! Bem conheço onde vai recahir a sua escolha! Guimar não me enganou que pescára a sua conversa com esse besuntão do Senhor Rozendo; que acerto! He pé de boi, e não sei se terá mais alguma cousa do mesmo animal. He um tartaruga de cabelleira redonda, pescocinho obrigado, tomador eterno de simonte, tido e havido por um chapado Sebastianista; centurio e estafermo do adro das Chagas; explicador de profecias no monte de Santa Catharina. . . . Que joia! Pois olhe, meu pai, antes iréi dar a ossada nas Monicas.

*Pant.* Eu não átuvo insolencias. Sua mercê anda com essa cabecinha pelos ares. O Senhor Alpoim he muito Doutor; pois creia que não me embaça. Diga-me a Senhora que caderno era aquelle que lhe estava lendo quando cá veio o outro dia com vos conhecimentos das saccoas de arroz; que ainda o pilhei com a boca na bótija? Havia ser — Os Sebastianistas — que he o livrinho da moda; feito por aquelle menino! . . . Sim, Senhora; com as quatro proposições-zinhas, que são quatro peccados que bradão ao Ceo; e só pela ul-

tima merecia elle o Inferno: chamar-me tolo nestas honradas bochechas! Pois agora lhe digo que ninguem ha de ser meu genro, senão o meu amigo Rozendo Peres em vindo desta viagem; nada de tarecos.

*Seb.* Não se cance, nem me faça infeliz, enlaçando-me com um rameloso! Os meus dias desgraçados; le a negra sorte com os longos dedos mirrados.

*Pantaleão.* Eu he que a hei de mirrar a V. m.; não me replique; recolha-se ao seu quarto e em lugar de encher a testa de Tebucados para se pendurar assim das janellas; vá cuidar em me deitar uns fundilhos sobre-postos naquellas cuécas; e olhe que eu não quero obra de fancaria; ponto miudo; e quero-o apertado.

*Seb.* Amargurada vida! Noivo Piloto, e Sebastianista! Antes morrer. Eu vou dar comigo nas Monicas...

*Pant.* E lá lhe odirá a Prioriza! Retire-se; olhe que lhe mego o espinhaço.

**SCENA III**

*Pantaleão e Rozendo.*

*Roz.* Qual he o Priorista que he isso? Desordens domesticas são escandalosas; a vizinhança murmura; e um homem perde o seu credito; o povo falla, e nada se remedia; eu ainda ouvi parte: que tem os fun-



dilhos das cuécas com las Monicas? V. m. quer dar um estado violento á rapariga; se não vão por sua vontade, ainda que seja apertado, ellas logo lá o fazem largo.

*Pant.* V. m. não percebeo bem: são perrices aquella Senhora; mas eu lhe quebrarei o fado, e mais os ossos. Andá doidinha: o Senhor Bento Alpoim faz-se com terra; mas eu lhe farei comer terra a um, e mais ao outro; a sorte está lançada, e V. m.

*Roz.* do Esse negocio he de costas de cima, e costas de baixo; pede maduras reflexões; a minha vontade está prompta; mas eu quizera antes ver passadas estas geraes tribulações, que pôr a cousa a direito, e depois in-volto no contentamento universal fazer resaltar mais ainda a ventura, a que V. m. me destiná com a mão da Senhora Sebastiana.

*Pant.* ! Ah Senhor Rozendo, já estivemos mais longe: esta calva luzidia não se esconderá na sepultura sem que os meus olhos, e os seus, llombriguem a face do Encoberto.

*Roz.* E quem pode duvidar dessa verdade? Qual he o Profeta que minta? Tão poucos são os prodigios que tem apparecido em a nossa idade desde o eacho com barba até a gema com letras? ha de estalar a castanha na boca áquelle malevolo, áquelle incrédulo, áquelle impio; o escandaloso li-

vrinho ha de ser queimado, e bom seria que o deitassem tambem a elle na fogueira: eu sempre quera ouvir-lhe dar um estoiro como uma castanha, ou uma bomba, então he que se ficava conhecendo a feitiçaria delle, quando se lhe vissem saltar os novelos.

*Pant.* E quem o duvida? Pois o Encoberto he algum panga? O Encoberto não sabe ler? O nosso amigo Padeiro d'Alfama, quando lhe desapareceu a Egoa das de casta do Encoberto não lhe mandou o livro, e não tivemos já resposta do guarda roupa, que elle tinha lido aquelles disparates? Oh espantoso castigo! Eu já me offereci para carrasco.

*Roz.* E eu tambem farei uma perna: nós temos que fallar, e cousa de ponderação teza: eu apanhei um grande expositor do Pretinho do Japão, e segundo alguns textos, e a muita nevoa promettida este anno no Sarrabal, o Encoberto não tarda, e por todo o meado de Outubro he com nosco: recolhamo-nos onde a rapariga nos não oiga, nem a ladra da cozinheira, que tem ouvidos de éthica; os nossos mysterios não são para as orelhas dos profanos; e vejão os incrédulos, e o melcatrefe do livro impio — Os Sebastianistas — as nossas esperanças realizadas, quando as julgarem mais desvanecidas. . . .

*Pant.* O No meu escriptorio. . .

SCENA III. *Entram os*  
*dois personagens* Louro, e Nunes

*Lour.* Amigo Nunes, nós somos Bachareis; mas os logares de letras são para quem as tem; nós se algumas temos, e possuímos, são poucas, e gordas, e por esta repartição pouco negocio faremos; com tretas se vive tambem, e estas tem sido os nossos Goyazes; muitas aprendi eu daquelle amigo, que manqueja, e por elle conheci que a industria he a mãe da boa ventura nos Pinetes de profissão: a industria he a verdadeira mina do caroco; e a industria he o timbre dos cavalleiros andantes, e ha uma ordem de Cavallaria chamada dos cavalleiros de industria tão honrados como as grandes aguias da Legião de honra; que cá estiverão.

*Nun.* Thiste industria, amigo! que se pigliamos á força de labia, e dissertações de alta politica um café, e uma torrada em um hotequim; pode um homem chegar com isso até á noite? A fraqueza, e convulsa debilidade das nossas pernas repara-se momentaneamente com uma filippina? Mas em fim as nossas privações não são momentaneas como dizem os nossos periodicos. Os recursos estão exauridos, não ha jantar de mófo que não tenha escapado ao rigor dos nossos calculos,

e recuar uma carta no botequim da zanga he pôr o pescoço no risco de uma gargantilha, e o corpo todo de uma camisa de onze varas. Não ha, de que lançar mão mais que da industria. A força descoberta traz consigo alguns pequenos inconvenientes, como verbi gratia; o lincoiro, as galés, e essa bacatelinha da força. Eu já estive para me lançar no partido do theatro; mas a platéa, amigo! a platéa!... he inexoravel, e até caprichosa; gosta de mortificar. Eu vi ha tempos um exemplo terrivel: vi um heroe Grego em terra; o grande Temistocles, que bateo os Persanos, foi batido na comedia! Parece-me cousa de Generaes Francezes, que vencendo, fazendo, e acontecendo pelo alto Norte; em chegando a beber no Tejo, adéos tactica sublime: ainda vi mais do que isto; quando esperava, que a mesma platéa fosse condescendente com um tão condescendente Protagonista, foi essa noite a noite da intolerancia; não ficou banco são, e deo mais estampido a pateada que as bombardas de Nelson em Trafalgar.

*Lour.* Nada de theatro; eu te podia citar o nosso Horacio; e dizer-te — isto he cinza que tem braza por baixo. O partido de novelleiro deo em droga. O povo tem adquirido um tal instincto que sempre ás cantigas dos cegos ajunta o estribillo — mente. Os periodicos estrangeiros são estereis; para fallarmos em Bonaparte, isso he o mesmo

que fallarmos no diabo; para contarmos paratruhas do Sul Peninsular, por mais que ateu-  
memos com os gloriosos dias de Bailen, mais pelas tralhas, ou mais pelas malhas, tudo vem a dar em fogo ao Trocadero, Puntal, e Navio Paula, e al não disse. Se a gente se mette em discursos de sua casa, e Política botequineira, mandão-lhe tornar a fallá ao buxo. Em fim; industria; tolos não fallão, e comer á sua custa he o primeiro braço de um cavalleiro da nossa ordem. Os annuaes, e as joias vão escaceando muito no Compromisso do silencio, e trolha.... He preciso proteger sem estrondo, que a isto se chama refinar, o methodo Francez.

*Nun.* Pois eis-aqui o que me traz hoje a casa de Pantaleão Velho, e o fim para que te pedi me acompanhasses, apesar de haver homens tolos, e taludos, como eu vi em um livro chamado o Armazem das Sandices, que são os Alfredistas, os Alchimistas, os Bonapartistas, sempre assento que os maiores são os Sebastianistas, e muito maiores ainda os que defendem os Sebastianistas, protestando que o não são.

*Lour.* Isso he verdade, porque o mundo ainda não sentio correr por si tamanha enxurrada de asneiras, como as com que se desencabrestavão os apologistas da mania esperangosa. Porém tu não conheces o caracter de Pantaleão Velho? Não sabes que he sovina como um mineiro, e duro como um



usuário? Não sabes que á força de especulações economicas deo no projecto de querer mandar envernizar as coxas para poupar calções!

*Nun.* Tudo sei; mas he Sebastianista; mas he tolo, este he o fraco, e o barco faz agoa por esta costura, e he por aqui que dois gatos como nós lhe podemos ir ás filhoses. Por ventura este homem que até o Natal passa a sardinhas, e a farinha de pão, não banquetêa os seus amigos diante do retrato do Encoberto? Deixa-me com elle; vai comigo, approva o que eu disser; nem só os nossos amigos Francezes tem os seus golpes de mão, tambem nós os temos.

#### SCENA. IV.

*Os mesmos; e Pantaleão.*

*Lour.* Senhor Pantaleão Velho, nós não vimos interromper as suas meditações, e especulações, conhecemos que he esta a hora do estudo mercantil, e quando nos gabinetes das partidas dobradas se trata de algodão, anil, arroz, e coiros, cessa tudo o que a antiga Musa canta; mas quando ha negocio que urge, tambem devem cessar os mais.

*Pant.* Negocio! Palavra creadora! Negocio!.... Os tempos estão alcançados, e



calamitosos, até que venha um dia, que eu cá sei, um dia. . . . ( *Com ar de inspirado* ).  
Tras dos tempos tempos vem,  
E hão de vir uns tempos novos,  
E estes tempos já 'stão perto,  
E eu terei nabos, e ovos  
Em chegando o Encoberto,  
Cinco duzias um vintem.

*Nun.* (Que perfeito sandeo! Este he o homem que nós buscamos!) ( *A' parte* ).

*Pant.* Se he emprestimo só com grandes penhores, e fianças se pode emprestar a duzentos por cento ao mez.

*Lour.* (Bagatella! Que tal he o corsario? He mais protector que nós somos). ( *A' parte* ).

*Pant.* Se he commissão de Ilhas até para a Encoberta, eu não acceto senão a trezentos por cento. Suas mercês não vem esses mares coalhados de Argelinos, além das avarias grossas, e miudas?

*Nun.* Não, Senhor, não he esse o objecto da nossa missão; coisa mais alta, mais comprida, mais grossa, mais taluda, de maior churume, proveito, e gloria para todos.

*Pant.* Eu não conheço coisa mais teza, e volumosa, de mais churume, e proveito que o dinheiro; não ha para mim mais gloria que o interesse, nem sei que coisa seja mais alta que altear quando ha fome, ou fazella com o louvavel monopolio, o preço

dos meus grãos, e mais fazenda; mas em fim oçamos, como he negocio. . . .

*Nun.* Os tempos estão chegados, Senhor Pantaleão, e nós conversámos ha dias no alto de Santa Catharina. . . .

*Pant.* Estou lembrado, e ainda espero daquelle poiso em certa manhã ver apparecer coisa que ponha o sal na moleira áquelle patife. . . . eu quero ver onde elle se some, mais o librote que traia dos máos Christãos. . . . ah lingua cervina! . . .

*Nun.* Essa lingua ha-se-lhe virar a traz, sim Senhor; nós os crentes. . . . Quem tal diria em Lisboa! A nossa fé foi atacada.

*Pant.* Adiante. . . . Se eu não estivera como estou na falsidade de uma letra que me impingirão boje, para rebater a setenta e dois e um quarto, (que o Encoberto não tarda para punir o insolente) já essa magoa me tinha feito espiechar o rabo. . . .

*Nun.* Não importa; he preciso que baja incredulos para se acrisolar a nossa fé, e firmar a nossa esperanza. Ella está cumprida, Senhor Pantaleão (*abraçao-te*). O Encoberto está sobre as nossas costas, a Armada Veneziana passou no Algarve, assim como lá passão muitas cousas; algumas pessoas a virão passar ao mar de Faro, e ao Nordeste de Tavira, e hia tão empavezada! Ha cartas fidedignas, assim o bouemos dos nossos correspondentes, porque ninguem tem cartas de mais recente data que nós temos.

*Pant.* O coração não mente; elle me pulava ha dias; menos mentem as profecias; e outro dia indo eu ao meu quintal vi que me nascia uma alma nova; vendo completa aquella profecia que diz:

Olha bem para a figueira

Se tem botão,

Já vem chegando o verãd;

E a gallinha mette a mão.

*Nun.* Sim Senhor, sim Setlior, chegou o verãd, e tambem chegou o Encoberto!..

*Pant.* Que me diz, Senhor Doutor Nunes?

*Nun.* A verdade nua, e crua.

*Pant.* Onde está sua Magestade?

*Nun.* Porto.

*Pant.* Como?

*Nun.* Encoberto;

*Pant.* Para que?

*Lour.* (Para nada) (*á parte*).

*Nun.* Para certos fins.

*Pant.* E poderei vello?

*Nun.* Se tiver fé...;

*Pant.* Fé de mais; Senhor Nunes.

*Nun.* Fé com obras.

*Pant.* As que quizerem.

*Lour.* (Temos homem) (*á parte*).

*Nun.* É mais dinheiro.

*Pant.* Ah Senhor, não tenha por mais tempo suspenso o meu espirito; olhe que estou impando; custa-me a tomar folego. Eu, os meus cabedaes, a minha vida, tudo

está prompto. Afortunada velhice, que te conservaste tão teza até á vinda do Encoberto. Oh malvados, os que o fizeram morto na batalha! Pois o Encoberto podia morrer? Ah Senhor Nunes, eu lhe peço como amigo que não vá badalar este segredo a ninguém; não o saiba esse vilhaco, esse desalmado do authorzinho do livro — Os Sebastianistas — eu quero que o pilhem de supito. Diga-me já; quem traz o Encoberto consigo?

*Nun.* As dez Tribus de Israel, e Salmanazar.

*Pant.* Ouvi dizer que erão doze!

*Nun.* Assim he, mas faltarão transportes para tanta gente.

*Pant.* Não diga transportes, Senhor Nunes, os nossos Profetas não fallão assim, diga cavallos de madeira.

*Nun.* Sim, Senhor, cavallos he que são.

*Pant.* E os mastros não são páos de sovella?

*Nun.* Majorzinhos alguma cousa.

*Pant.* Questão de nome. Vamos ao essencial; v. m. mente.

*Nun.* Mente!... Se minto, Senhor Pantaleão Velho, he mesmo pela boca dos seus Profetas. Se minto, minto pelos olhos dos que virão a esquadra, e mais os cavallos. Se minto, he pela lingua dos que já fallarão ao Senhor Encoberto. Se minto, e torno a

mentir, minto-me a mim mesmo, Senhor Pantaleão; já lhe fallei.

*Pant.* Fallou? Aonde?

*Nun.* Em Cascaes.

*Pant.* Quando?

*Nun.* Para hontem lhe amanhecer.

*Pant.* Em que idade vem?

*Nun.* Na mesma.

*Pant.* Traz barbas?

*Nun.* Até á cintura.

*Pant.* Vem os dois leões de que reza a Certidão?

*Nun.* Ficarão a bordo.

*Pant.* E como saltou elle em terra?

*Nun.* Incognito.

*Pant.* Oh feliz Pantaleão! Serão teus olhos dignos de ver o Encoberto! Serás tão venturoso, que vejas o seu desembarque em Belem! A sua entrada triumphal pelas portas da Cruz, que ainda que estão em terra ellas se levantarão em um instante! Beijarás tu a mão a seus dois filhos, os Senhores Infantes D. Garcia, e D. André; sim, eu o acompanharei até Marrocòs, onde se ha de coroar Imperador! Eu verei a Africana christã, e verei a Turcana largar a casa santa. Eu verei de um Tezo a batalha do Campo de S. Braz. Eu verei o grande ladrão deitar pela boca fora aquella alma barrenta, e ha de ser a pão, e depois de acabada esta tremenda sova, então se tratará com mais vagar do authorzinho do livro — Os Sebastianistas. —



Eu já estou vendo

Assado, e cozido

Em pez derretido,

Em chuinto fervendo

Tudo ha de ser se Deos quizer, la nesses dias de Jeremias... Estou louco, estou inspirado!... toda a cantiga do Páeto do Japão se me derramou nas tripas... Para que são cá os Exercitos, se o ladrão mestre ha de vir morrer alli?...

*Nun.* Devagar, Senhor Pantaleão Velho. Deixe estar os Exercitos; bom he um pão com um pedaço. E se o ladrão escapar do Campo de S. Braz, não será bom que os Exercitos lhe fação um cerco? O ladrão não escapou já do Egypto por umá unha rega?

*Pant.* Quaes Exercitos! o Egypto he lá como o Campo de S. Braz, ou elle escapa lá das unhas do Encoberto? Pois então o Encoberto conserva-se lá duzentos e trinta e dois annos para spanal de pathã, ou para matar Bonaparte? Coitadinho! Cuidou que se benzia com o casamentinho! Quebrou os ossos dos nãrizes! He expresso nas Profecias... A Mãe Teresa e Joaquina assim o diz: João dos jantares assim lo confirma, não he o Mourinho de Granada, he o Mouru de Barbaria, e o grande Profeta Antonio Coelho, que já bocca cheia o attestão.

Ou vá por diante

Ou fiques atrás,



Tu has de morrer  
No Campo de Braz.  
Com a espada de Affonso  
No seu talabarte,  
Virá o Encoberto  
Matar Bonaparte.

E Pedro de Frias,  
José de Anchieta,  
Tambem dão a morte  
Ao gordo Maneta.

E em Villa Viçosa  
A' Porta do N6',  
Um risco na cara  
Levará Junot.

E á boca da noite  
Dessa mesma tarde  
Faremos em postas  
O Padre Lagarde.

*Nun.* (Este diabo está doido!) (*á parte*).

*Lour.* (Todos assim são.) (*á parte*).

*Nun.* Ora, Senhor, a respeito do Padre Lagarde era bem pregada, mas por ora suspendamos os nossos transportes, e...

*Lour.* Isso he verdade, tudo se faz com tempo. Eu hia a hi com o Senhor, quando lhe fallou, por que em fim tudo nosso he de meias, e assignamos juntos; ouça V. m., porque elle traz commissão importante, e vem encarregado de uma expedição secreta.

*Pant.* Secreta?...

*Lour.* São termos dos Jornaes, E nós os politicos...

*Pant.* Peior um pouco!

*Nun.* Ora, Senhor Pantaleão, V. m. não ignora que tudo está annuciado; eu me tenho dado á intelligencia dos Profetas Sebastiecos, e os mysterios me forão revelados; eu tambem metti o olho pelo buraco que as sovelas fazem nas viras. Outro dia de tarde estava eu só no adro das Chagas meditando um dos nossos Oraculos, e não podia atinar nem *attentar* com a intelligencia do seguinte texto:

Depois de nove  
Juntarás um,  
Outro te dou de barato,  
Se houver quem te reprove  
He insensato.  
Se vires o Gavião  
Deixar o ninho,  
Sahir do mar o Golfinho  
A buscar flores,  
Ouvirás muitos tambores.

Por mais que quebrei a cabeça; pois olhe que he dura! não atinei; fui desesperado para casa, e assim me deitei parafusando sempre; era alta noite, e a prateada Lua... eis-se começa a mover o ar, e andar tudo á roda comigo, e por entre o espesso negrume começa de me apparecer uma encorreada cara de cordovão... no mesmo instante conheci Gonçallo Annes Bandarra...

*Pant.* O cabello se me arrepia!

*Nun.* Bagatella; V. m. ainda não ouviu

nada; ora ouça: continuou a surdir a tal cara, e apparecer-lhe um pescoco tão comprido...

*Pant.* Ai!...

*Nun.* Espere.... abriu uma boca tão negra, e uns dentes tão amarellos, e disse: „Filho, o tempo chegou, o Encoberto está entre cabos, e de cabos a dentro, e vem dar cabo de tudo. Tu não pescaste o meu texto, eu to explico. — Anda cá, Nunes: nove com um quantos são? — São, são dez, Senhor Gonçallo: — Em que éra estás tu, Nunes? — Em oitocentos e dez. — Ah! teus o Encoberto nove e um dez. — E então, Senhor Gonçallo, para que he mais um de barato? — Para algumas miudezas: sempre que cortei atonado, deixei uma pollegada de mais da medida. Dize, Nunes; quem he o Gavião? — He Bonaparte, que he ave de rapina. — Que ninho he esse que elle deixa? — Eu não sei, Senhor Gonçallo. — He a sua primeira, e honradissima mulher, que para elle foi ninho de guincho. E quem são os Golfinhos? — São os Inglezes, que sahem do mar. — Quem são as flores que elles buscão? — São os Francezes que erão fiores de Liz, que em os apanhando fazem-lhe o cabello castanho, assim como fizeram no Vimeiro. Ah! andou o Encoberto, não andou, Tio Gonçallo? Andou, sim andou, nós fallaremos a esse respeito. Que tamborres são esses? He o zabumba do Encoberto?

— Adivinhou. Ora pois vai a Cascaes que te quer fallar; espera-o no penedo da Guia.  
— „ E desapareceo a visão, deixando um fartum de cerol que tresminava.

*Pant.* Morro de gosto! Oh Sebastiana! Oh Guimar, tragão Carcavellos, Porto, Chamusca, Barra a Barra..... mas não, deixem estar, iremos ás ostras do Rocio que he agora o petisco, e lastró da moda. Oh gloria não esperada! Oh Pantaleão, que serás tu? Conselheiro? Sumilher da Cortina?...

*Lour.* Mais, mais....

*Nun.* O que for soará. Eu fui, eu lhe fallei, communicou-me segredos importantissimos. e mandou-me depois um Commissario das munições de boca para se prepararem armazens de viveres no Campo de S. Braz, e certo na sua fidelidade, no seu amor ao Encoberto, me entregou uma letra de dois contos, e tantas cousas, para se apromptarem estacas para cavallos, palha, algumas cabeçadas, etc. sacada sobre V. m.

*Pant.* Sobre mim! Oh que ventura! Aceito, e pago á vista? Venha a letra, e vamos ao meu escriptorio.... Na forma da lei?... cavallos, palha, algumas cabeçadas, estacas, são generos do paiz, e colonias.

*Lour.* (Cahio.) (A' parte).

*Nun.* (E mais que fôra; e então para que he elle Sebastianista, para ter juizo?) (A' parte). Devagar, Senhor Pantaleão, a

letra aqui está, mas eu não recebo o dinheiro ,, que V. m. o entregue na mão do Commissario ,, são palavras da ordem; todo o Sebastianista he homem de boa fé, nada que cheire a enganos. Elle vem esta noite á praia da Junqueira de voga surda em uma lancha dos cavallos de madeira; a querer ir em nossa companhia.... e se não.... Vá V. m. só, lá verá, lá ouvirá, lá lho dirão, lá tratará o que quizer.

*Pant.* Essa he grande! Pois eu não conheço a firma do Commissario do Encoberto? Tão poucas são as minhas transacções para a Ilha encoberta!

*Nun.* Nada, nada, não recebo o dinheiro, ahi está a letra...

*Pant.* Vamos ao meu escriptorio, e lá trataremos do que convem,

## SCENA V.

*Sebastiana, Guimar, e Bento Alpoim.*

*Guim.* Senhora, Senhora, seu pai está entretido com aquelles dois besuntões, que alli estiverão a cassoar com elle; era negocio encoberto; tomara que lhe pregassem um mono, que o escaldassem bem! O Senhor Bento mandou-me dizer por aquella contrabandista, que cá vem ás escondidas, que lhe queria fallar.



*Seb.* Eu tremo, Guimar, eu não abro a porta com o pai em casa.

*Guim.* Eu ouço tenir dinheiro lá dentro no escriptorio, e em elle estando a mexer nos balestros, nem se levanta, nem ouve Peças de artilheria que se disparem aqui nesta sala: mais de uma hora leva elle a fechar a burra, e pelo que eu espreitei, elles estavão aqui com conversas de Sebastianistas, e em elles começando com esta diabrura, pegão-se como bestas muares; certamente elle sahe pela porta de tras, e vai dar consigo no alto de Santa Catharina, porque está uma nevoa que he metter os dedos pelos olhos.

*Bent.* Dentro já eu estou, bella Sebastiana, teu pai está seguro, são dois commissarios do Encoberto....

*Seb.* Guimar, que me trahistes!...

*Guim.* Pois se V. m. he uma atarantada, se não for assim, não falla ao Senhor Bento.

*Bent.* Socega, meu bem; ouve-me, não te assustes. O meu affecto chegou ao furor depois que soube das disposições testamentarias de teu pai, a mania Sebastica como contagio infernal o tem contaminado; quer quanto antes enlaçar-te com um monstro, porque he de sentimentos semelhantes aos seus; eu quero prevenir a minha, e a tua desgraça, um nó que se não desata, corta-se; esta violencia evita-se.



*Seb.* Como?

*Bent.* Fugindo á oppressão, e realizando as nossas nupcias; e que remedio se lhe daria? Elle atiraria coucês, pregaria com a cabelleira fóra; mas passado o primeiro furor, o mar em tempestade tambem acalma, e o tempo tudo amacia.

*Seb.* Ah amado Bento, a minha paixão engrossada por muitos annos me obrigaria; mas abandonar um pai, incorrer na sua indignação, desafiar as suas maldições, cobri-lo de luto e de opprobrio, dar um estampido em Lisboa.... eis-aqui obstaculos invenciveis; o amor, e o respeito filial me suspendem....

*Bent.* As novidades por estrôndosas que sejam durão só tres dias; nós vamos a tramar eternos laços, o fim he justo, he honesto, não he novo, e um similhante fim do matrimonio justifica os meios. Hes tu a primeira filha, que deixa um pai rabugento, sovina, e em cima de tudo isto, o que he ainda peor que tudo, Sebastianista? Que triste galé seria a tua acabar de um pai Sebastianista, e casar com outro Sebastianista, e andar de Profetas para Profetas, como de Herodes para Pilatos! Se tiveres filhos serão educados no Sebastianismo, e assim se irá perpetuando a raça interminavel Sebastica até á decima sexta geração, sem se atenuar tal prole! Atalha com um só passo tantas desgraças, berre o velho, e sejamos felizes.

*Seb.* He pai....

*Bent.* He Sebastianista.

*Seb.* E que he isso?

*Bent.* He ser tolo.

*Seb.* Mas deixallo, e casar-me contra sua vontade não he remedio, e querendo curar-lhe a tolice, ficaria inda mais asno, e mais pateta.

*Bent.* Mas he calo, he surra, não te maches com a ingratição, não vás nos braços do sebento Rozendo finir meus dias, e enlutar para sempre a tua belleza.

*Guim.* Não gritem tanto; V. m. tem razão, o Senhor tambem a tem; eu que não sou nada a seu pai, já o não posso aturar, e estou em casa por amor de V. m., senão já me tinha posto ao fresco.

*Seb.* Que triste alternativa! Se fecho os ouvidos aos suspiros de um amante, cahi no inferno de um Sebastianista, se sigo o amante, deixo o pai; o meu coração se divide, minha vontade de vacilla, as minhas supplicas não aproveitão.

*Guim.* Suma-se, Senhor Bento, sinto rumor, e V. m. recolha-se, he seu pai que sahe do gabinete com os dois ratazanas; ande, Senhor desça já, e devagar que elle tem ouvidos de ético, e certamente me racha se me apanha em alguma rataia.

## SCENA VI.

*Pantaleão, Louro, Nunes, e Guimar.*

*Pant.* Senhora Guimar, Senhora Serigaita, que bulha era esta? Essa sua lingua he o moio continuo. Tanto taramelar, e olho não vejo ninguem!

*Guim.* Era o Alonso que veio vasar. V. m. não sabe que he surdo, e que para lhe dizer qualquer cousa, he necessario abri-se a gente toda dos peitos? De tudo V. m. se espanta, e os dedos lhe parecem hospedes! Esteve ahí a grazinar que vira uma gemma d'ovo com um Rei pequenino, com um arrocho nas mãos, e que por tres dias de choco mais não picou a casca.

*Pant.* Insolente mexiriqueira! Podes chasquear com essas cousas? Ovos reaes pedem mais respeito, e são mysteriosos. O Senhor Alonso tambem se mette a demonstrador dos ovos, que trazem em si, e são causa de tantos prodigios.

*Guim.* Tambem elle disse que era freguez da casa, e que a dona lho mostrou, e que lá hia muita gente a quem ella o mostrava, e que havia cachação para lho verem.

*Nun.* Senhor Pantaleão, isso he cousa que tem dado brado, e Lisboa se amotinou; mas para nós já cessou o mysterio, porque temos presente a realidade, e poucas horas

faltão para que V. m. participe da maior ventura a que um mortal pôde ser levantado. O segredo, a circumspecção devem dirigir seus passos: apenas derem onze horas da noite, V. m. estará aqui á esquina de Santo Amaro, alli virá o aviso, eu, e o Senhor Louro passearemos na praia até á hora aprazada, e ou eu, ou elle traremos a noticia; o meu alvoroço he grande, e o seu contentamento será extremo.

*Pant.* Devo levar armas?

*Nun.* Hum Portuguez velho, e que vai fallar a outros Portuguezes ainda mais velhos, não deve apparecer sem a sua espada; e que tenha sabor antigo; nada destes alfinetes da moda; espada de brigar ao longe; copos redondos, e fundos, cruz, e guardas de crescer.

*Pant.* Tenho uma columbrinha com onze palmos, e vinte e oito pollegadas de folha Alemã, e ha tradição que fora de Lopo Barriga, e que bastantes estripára por toda a Mourama.

*Nun.* A genealogia he boa! Isso he que queremos, que o mais não he decencia, he parávilhice.

*Pant.* Pois, amigos, serei no posto: vou contar o dinheiro, e algum levarei de mais porque será preciso brindar a gente; o meu cabedal foi muito bem ganhado, e muito bem se emprega. A's onze em ponto. Em Santo Amaro. Ceos! Que prazer! Le-

vou o diabo Bonaparte. O Encoberto veio! E o authorzinho do livro — Os Sebastianistas? — Ah! Cão! a tua pelle servirá para um zabumba, o primeiro que sôe nos Exercitos do Encoberto; quando te esfolarem vivo, veremos então quem he mais tolo, se hes tu, ou somos nós? Amigos, até logo.

SCENA VII.

Louro, e Nunes.

*Nun.* Que estragos faz a demencia! O Sebastianismo he uma verdadeira doença! Quem arrancaria um real a este homem! Nós vamos ser senhores de bons tres mil cruzados ainda esta noite, e então á vista disto parece-te impossivel que houvesse quem fiasse prezuntos até á vinda do Encoberto, e que o Padeiro d'Alfama arrisque o pão até á mesma vinda?

*Lour.* Agora nada me parece difficiloso neste genero. A leveza que esta canalha tem em acfeditar! Tem a gela de pato, goella elastica, engolem tudo sem exame. Um homem, que acceita uma letra do Commissario do Encoberto, e apresentada por dois Vampiros incognitos, como nós somos, que se separa da sua querida birra, que deixa a casa ás onze da noite, e que se aventura a apparecer solitario na praia da Junqueira com tres mil cruzados em um sacco,

esperando por um bote, sem exame, sem escrupulo, e então uma harpia destas, cevada com carne de macacô pelos sertões do Maranhão, deixando antes tirar um olho da cara, que um real d'algibeira; que muito que creia o Bandarra, o Preto do Japão, as Madres Leocadia, Teresa Joaquina, e a batalha do Campo de S. Braz, e tudo quanto diz a Certidão, e o — A — pernas acima, e a trovoada das trovas assoalhadas pelos papas-jantares! Assentemos que um Sebastianista he o maior de todos os tolos. Amigo, vamos ao Freixo, e ceémos bem, que nunca sabe tão bem como quando se papa á custa alheia.



---

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

*Pantaleão, e Rozendo.*

*Roz.* AMIGO Pantaleão, eu não posso approvar a sua determinação. V. m. o homem mais prudente, o mais cauto, e até o mais rijo dos feichos que conheço, aventure-se a um tranze arriscado, sem inais averiguações, sendo aliás tão escrupuloso em negocios de nenhuma entidade! Conhece acaso os dois tratantes, que trouxerão a espantosa novidade, e a inda a mais espantosa letra do Commissario?

*Pant.* Conheço perfeitamente: são dois Bachareis formados ambos, crentes como eu sou, e V. m. tambem he, que esperão a morte de Bonaparte, a quem tem agora um odio figadal, e que virão já com seus mesmos olhos o Encoberto.

*Roz.* Todos o que dizem, e tem dito, que virão o Encoberto, mentem. Mentio o barbeiro de Carcavellos, por alcunha o Namorado,

que disse o tivera em sua casa, e curára da cutilada que trazia sobre a sobranceira esquerda. Mentio outro barbeiro de Setubal, que disse lhe dera de beber por uma borracha, vindo para Arzilla na tarde da batalha, e que vindo embuçado descobrio a cara para beber pois vinha esganado á sede. Mentio João Craveiro, que disse o víra em França, indo-se lá curar de alporcas. Mentio um Frei Anselmo de tal, que disse lhe dera em Sagres um registo da Senhora d'Arrabida. Mentio um militar da Villa de Peniche, que disse o acompanhára por uma rua sem travessas, e que repentinamente lhe fizera *vispere* sem entrar para casa alguma. Mentio Diogo de Souza, que disse lhe fallára uma noite de chuva no Campo de Santa Clara. Mentem todos os que dizem lhe fallarão em Veneza: e V. m. dá crédito a dois Cavalleiros andantes? Quer cahir em alguma logração? Por ventura foi supposta, ou inventada a historia da carta no bucho da pescada? Não era isto capaz de enganar um Santo?

*Pant.* Amigo Rozendo, a sua fé não he fé de veras. Diga-me V. m. se acaso sabe logica, porque he cousa que sempre ignorará quem se atreve a impugnar os Sebastianistas: O Encoberto ha de vir, ou não ha de vir? Ha de apparecer, ou não ha de apparecer?

*Roz.* Ha de vir, e ha de apparecer; agora quando....

*Pant.* Quando? Uma vez he a primeira.

V. m. não está em 1810? Não vê Portugal ajuntando a cabeça com os pés? Quem está annunciado nas Profecias para lho indireitar?

*Roz.* O Encoberto.

*Pant.* Pois se este he o anno em que ha de vir o Encoberto como se mostra pela força do consoante dez, e pés, quem lhe disse a V. m. que o Encoberto nao está entre Cabos, que não fallou aos Bachareis, homens de tão profunda Politica, que até adivinhão a futura desmembração do Reino de Zipangri, que não he a letra do Commissario geral da palha sacada sobre mim, e que finalmente eu não tenho communicação com o mesmo Commissario? Mais logica; meu amigo Rozendo, mais logica.

*Roz.* Ora pois o Ceo permitta que a sua logica não lhe tire uma boa maçada, natural consequencia destas permissas. Esta acquisição ainda he peor que a perda infallivel do seu dinheiro: he certo que um conto e duzentos não lhe faz a V. m. falta; mas duas, ou tres costellas estoiradas he alguma cousa; a vergonha, e a confusão ainda he mais. Diga-me, Senhor Pantaleão, pois o Encoberto que traz consigo uma armada, e tantos Exercitos, não traz caixa militar? Sem dinheiro que diabo de figura vem elle cá fazer? Os Exercitos do Encoberto são como os Exercitos de gafanhotos, que Bonaparte manda a regenerar, e proteger o mun-

do ? O Encoberto he homem, que mande adiante Commissarios a fazer requisições de sapatos, botas, camizas, e calções ? O Encoberto he algum milhafre como os Duques que cá vierão ?

*Pant.* Que ignorancia, que má logica he a da sua cabeça ! Quem duvida da caixa militar do Encoberto ? Mas por ventura não he dinheiro antigo que já não corre ? Em elle chegando não o mandará fundir ? Não se estão já abrindo cunhos assim como se abrem chapas da entregua do sceptro ?

*Roz.* Que miseria ! Meu bom amigo, Deos lhe dê boa hora, e a Parteira alegre. Eu estou a ponto de ser seu genro, além das razões d'amizade antiga ; mas apezar disto declaro que me não resolvo a acompanhallo. Serei um egoista ; mas o fardo numero um sempre o desejei conservar debaixo de coberta enxuta, e livre de avaria grossa.

*Pant.* Nem eu quereria que V. m. me acompanhasse, porque isso seria atrever-me a arriscar os segredos do Encoberto, que só a mim me serão communicados. A cousa está por dias, V. m. o verá, e os incredulos o pagarão. . . .

*Roz.* Sim, Senhor, eu me retirei, e por amizade lhe rezarei um credo em cruz ; e Deos o livre de mar, e fogo, e agoa da bomba.

## SCENA II

*Guimar, e Pantaleão.*

*Pant.* O' Guimar, traze-me cá a minha cabelleira redonda, o meu chapéo de crente, a minha columbrina de onze palmos, e vinte oito pollegadas, traze-me as luvas de anta, a golilha e . . . . deixa estar, não . . . . não tragas o collete de malha.

*Guim.* Ora vamos carregar com a feira da ladra em pezo. Que maluquice será esta? (*á parte*). V. m. vai fallar a alguma moça? Huma romaria ás dez horas da noite!

*Pant.* Anda tagarella; não te cales nunca; vai buscar o que te digo, e sacode-lhe bem as têas de aranha.

*Guim.* Pois V. m. quer ir fóra com effeito? Isto he caso novo! Vai brigar, Senhor? Em que diabrura o vierão metter aquelles dous lobisomes, que tanto batalhãrão com V. m.? Que figuras de salteadores! Que dous aventureiros! O mais alto não pode ter boas obras! Que cara! Que beiços! Eu contei-lhe alguns seis, ou sete! Que javardo! Que laivoso bicho! Pois o mais baixo! Parecia-me o que outro dia ouvi a um Poeta, que havia uma morte pallida, que batia com o pé ás portas das tabernas reles.

*Pant.* Que entermettida chocolateira hes tu! Faze o que te digo, e não te importe



a figura do Bacharel , cada um he como Deos o fez. Chama Sebastiana para me ajudar a compor.... Oh Encoberto! Oh Encoberto!... (*Passeando*).

E trará Infantes dós,  
Uno del nombre de Christo,  
Otro del nombre de Diós.

*Guim.* (Malucou de todo!) Eu vou, Senhor, eu vou buscar o trem. (Quem me dera que o pilhassem os Morcegos com o tal espeto columbrino.)

*Pant.* (*Passeando*).

Já se chega a grande éra  
Qu'a grande paz nós nomeia,  
Porque o rafeiro da serra  
Depois de um quarto de guerra,  
Se tancha na sua aldeia.

Este rafeiro he o Encoberto; talvez que á manhã a estas horas elle já esteja chantado na sua aldeia! Ah Bonaparte! e Ah tu tambem, malvado perturbador do socego Sebastico!

*Guim.* Ora aqui está a matalotáge. Que ferrugenta! Quem lhe leva o estoque? O talabarte está tão encorreado, que não ha forças humanas que o desentezem; eu vou deitallo de molho.



## SCENA III.

*Pantaleão, Guimar, e Sebastiana.*

*Seb.* Meu pai, que he isto; V. m. que me fecha as janellas com cadeados, que se recolhe com as gallinhas, que os dedos lhe parecem hospedes, que he todo traucas de ferro, que ain'a não vio Opera uma só noite, só para não se recolher tarde, que se levanta em sobresalto, cuidando que um gato que pula he um ladrão que lhe vai á burra, quer sahir de sua casa ás dez horas da noite com uma durindana destas? V. m. perdeu o juizo?

*Pant.* O alvoroço em que estou me suspende que não castigue a tua audacia! Cala-te atrevida: he chegado o Encoberto... e...

*Seb.* Audacia! He amor, he zelo, he cuidado de filha!...

*Pant.* São bichancros: anda, finge lá um fanequito..... Ora, Senhoras, eu quero as portas trancadas, as campainhas safas, os cães soltos do pateo, e vindos alli para o patamal: suas mercês espertas, eu pouco tardo; ponhão-me a tranca de empena áler-ta, e bata quem bater; eu farei sinal com a ponta da espada; bico calado, e nada de réplicas.... Toca a vestir: Guimar, põe-me a golilha, Sebastiana afaga essa cabelleira,

e aperta bem a fivella, a espada não lhe toquem, eu a cingirei. . . .

*Seb.* Ceos! Que será isto! Meu pai, suspenda-se, olhe que os seus annos não são para desafios, e de noite todos os gatos são pardos.

*Pant.* Moita, e vamos vestindo.

*Seb.* Aqui está a cabelleira. . . .

*Pant.* (Para Guimar que lhe põe a gorilla). Oh ladra, queres-me enforcar! alarga, que se me esbugalhão os olhos! . . . Dá cá a espada.

*Guim.* Ei-la aqui. E tem idade! péza que leva os braços abaixo!

*Pant.* Olha não te espétes com ella; fortes medos! Só você não tem medo dessas que andão abi de rojo pela rua dependuradas da cintura desses bonecrinhos! Esta cá não põe a ponteira no chão; he orizontal! Estou prompto: então, Guimar, que te pareço eu?

*Guim.* Hum perfeito, e chapado Sebastianista.

*Pant.* Não me envergonho de o ser; muita gente de gravata lavada o he, feliz daquelle que não tem perdido a fé, agora será recompensado. O confessor, que tanto me persuadio que o fosse, convencendo-me com o grande papel que fez, levando-me do confessionario para casa, onde mo embutio, talvez fique capellão mór; mas isto não he do caso. He verdade, já me hia varrendo, tudo me esqueço á vista da felicidade presente; o

Alonso que venha dormir esta noite cá para cima, não se apaguem por esta vez as luzes, eu voltarei, elle que vá abrir a porta.

*Seb.* Meu pai, suspenda-se, meu coração agoira desgraças; V. m. he conhecido por homem de chelpa; as caras daquelles malandrinos que cá vierão não annuncião cousa boa, isto he laço, he trempe, he rabiço, he caurim, eu tremo!

*Pant.* Tonta, tonta, se os homens me quizessem roubar, eu não lhes entregava o dinheiro? Não se podião sacudir com elle muito a seu salvo? Todos os homens da minha crença são homens honrados, e quem não crê no Encoberto he um patife.

*Seb.* Agora lhe poderão melhor, não só tirar o dinheiro, porém maçar-lhe o corpo muito á sua vontade.

*Pant.* Rapariga, ninguem deixa o certo pelo duvidoso, elles não adivinhavão que eu hia; mas isso não tem resposta: espera... são dez horas nas Necessidades... não me demoro mais... Talvez, talvez que á manhã entrando eu por estas portas dentro, e chamando por ti, diga: oh Dona Sebastiana! E póde ser que eu entre com uma Excelencia no corpo assim brincando!...

*Guim.* Talvez, talvez o não traga inteiro!

*Pant.* Cala a boca, marafona. Adeos: Deos te faça santa rapariga: portas fechadas, e Alonso para cima; oh Alonso, oh Alonso!

SCENA. IV.

*Alonso, e os Ditos.*

*Alons.* Boxa merce num me dexa dormir! num vasta o varril de dia! que chedómos me quer?

*Pant.* Que durmas esta noite atrás desta porta, e que apenas eu bater, que a destranques.

*Alons.* Bá nas-xoras de Diós: e boxa merceia chenôra Guimar, me dará uma isca e uma pinga de binho.

SCENA V.

*Guimar, e Sebastiana.*

*Guim.* Senhora, não se intristeça; que motivos teve para se consumir? O velho teve força de negocio, elle virá se quizer, he senhor da sua liberdade; a ventura he nossa, pois folgamos um instante sem aquelle percevejo no cachaço.

*Seb.* Queres tu que eu suffoque os sentimentos filiaes! Isso não pôde ser.

*Guim.* Pois elle não sahe fóra de dia? Tambem quiz sábir de noite; verdade seja que a figura comica em que elle vai he original, e se aquillo não he Sebastianice, que me rachem; mas eu ouço o assobio do Se-

nhor Bento; eu não lhe dou o escrito pela fresta, eu abro-lhe a porta; uma noite boa mette-se em casa, olhe que não teremos outra.

*Seb.* Eu tremo, Guimar, não abras, não o chames, e se o gallego acordar?

*Guim.* Quem? o Alonso? isso he pedra em poço; eu não lhe enchi já os couros de vinho? ronca como uma porca, podemos até bailar o Ril sem elle acordar; eu vou de pé ante pé.

SCENA VI.

*Bento, Sebastiana, e Guimar.*

*Bent.* Adorada Sebastiana, deixa que em liberdade te beije a candida mão: a suprema ventura de estar ao teu lado me embarga, e levanta as tres potencias d'alma, a voz titubêa, hoje se ultimarâ a nossa ventura, meus olhos se arrasão d'agoa, a noite se torna escura, eu me sinto....

*Guim.* (Coitadinho!...) (*A' parte*).

*Seb.* Eu tenho dado a conhecer o meu affecto, e a minha paixão; este lance decide da minha firmeza; mas as tuas promessas, o nosso futuro estado....

*Bent.* Sim, bella Sebastiana, o destino nos proporcionou hoje as circumstancias mais favoraveis aos vossos intentos, seria uma imprudencia desprezar esta venturosa occasião;



teu pai he inexoravel, o fatal Rozendo he o destinado para fazer a minha, e a tua desgraça, atalhemos já este terrivel mal; eu sei que teu pai não tornará mais a sabir de noite, sei que virá desenganado, moido, e roubado, eu não digo mais, não desperdicemos os preciosos instantes que a ventura nos dá, eu não quero outro dote mais que a tua belleza, outra opulencia mais que a tua mão; se o genio aveço de teu pai te desherdar, eu não sou desarremediado, a nossa sorte nao será a indigencia.

*Seb.* E como poderemos em um instante realizar tantos bens?

*Bent.* Fugindo.

*Guim.* A' Senhora, vá feito, para onde V. m. for vou eu tambem, são mãos perdidas, depois de V. m. casar, que lhe ha de fazer seu Pai? Ha de engolir em secco. Tomára eu poder com a burra, que a levava tambem.

*Seb.* Tu deliras, Guimar? Se eu me retirasse seria cegeira de amante; mas mexer na burra isso he vileza.

*Guim.* Pois fique a burra, e ajuntemos o fato.

*Seb.* Que dizes?

*Bent.* Amada Sebastiana, eu respeito o teu decoro, como as tuas virtudes, attendo para a tua situação; eu não intento commetter um rapto, determino sim depositar-te em casa de minha tia, e de lá com todos os po-



deres em direito necessarios apromptar as  
nossas nupcias.

*Guim.* Quem? Sua tia a Senhora Fortunata? Isso he uma Santa, e gosta tanto de compor as cousas, e de fazer as vontades! Eu vou fazer duas trouxas.

*Seb.* Que apertado lance! Os momentos passão, eu não me sei deliberar, nem tenho com quem consulte.

*Bent.* Consulta o teu amor, escuta o teu coração, elle decida; eu me sujeito ás suas deliberações: esta ida extraordinaria de teu pai no alto silencio da noite parece determinada pelo destino para a nossa honestissima fugida.

*Guim.* Pois isso tem duvida!

*Seb.* Em fim eu sigo o amante, o mundo tem mais juizo que meu pai, elle desculpará a minha fraqueza; eu se fico, de certo caso com um Sebastianista, e póde haver desgraça igual a esta desgraça!

*Guim.* Isso he verdade. Eu antes quizera casar com o Alonso ainda que Gallego, porque em fim he pé de boi, e tem dinheiro, do que com um Sebastianista ainda que fosse dono de uma fabrica.

*Seb.* Ceos!... Bento!...

*Bent.* Eu guardo silencio; mas se me não segues, com esta faca me tirarei a mim proprio as tripas todas, o meu sangue sahindo das veias resaltarà no teu peito, e me ficará neste pavimento o coração, o figado, e o deventre todo.

*Seb.* Suspende, Bento, tanta carnicaria: a sorte está lançada, eu... oh Ceos! eu vou.

*Guim.* Então vamos com effeito? Adeos, Senhor Pantaleão Velho, e adeos até á vinda do Encoberto. Eu vou ajuntar o fato. V. m. Senhor Bento, venha para o quintal, he melhor que façamos vispere por lá, do que destrancar outra vez as portas, e deixallas abertas; tambem isso sería muita asneira junta, e não he justo que quando o velho se recolha ache a casa barrida de gente, e mais de trastes. Senhora, nada de choramingas; isso não he proprio de uma mulher considerar as cousas, vamos, e depois consideraremos; eu estou arrebrandando por vir fazer uma visita a seu pai depois de V. m. estar casada... .

*Seb.* Pois vamos.

## SCENA VII.

( *Vista de Rio, e um bote com gente dentro, e Pantaleão passeando ao longo da Praia*). ( *Pouca luz* ).

*Pantaleão, e Nunes.*

*Pant.* As horas vão passando, o coração me pula desencadernadamente dentro no peito, eu tenho observado alguns sinzes no Ceo, uma grande estrella com uma grande cabelleira cahio para a parte das Ilhas de so-

tavento. Sobre o Castello de Almada appareceu uma cruz de diversas cores, e o Profeta diz:

Azul, negra, e encarnada  
He a cor do seu pendão.

No mez de Maio passado houve um magnifico sinal do Encoberto:

E as agoas corrêrão  
Por tres dias mui turvadas.

Eu vi chover sempre:

Haverá sinaes na terra,  
Haverá sinaes no ar.

Eu via sempre no fim do Diario — Parte dos sinaes. — Ouço uivar um cão alli para a parte do pateo das vaccas, e o Profeta diz:

Daqui se foi vigiando  
Sem nenhuma companhia;  
Pelas montanhas uivando  
Por buscar nova pousada,  
Achou boça arreganhada,  
Grandes unhas,  
Dente duro,  
De maduro,  
Vio a furo  
O inchago  
No catcho.

Mas eu vejo um vulto que se vem aproximando a mim! O diabo da espada pega na bainha, que a não arranco de todo... Quem vem lá da parte do Encoberto?...

*Nun.* Nunes, um seu venerador, e criado.

*Pant.* He tempo, Senhor Nunes?

*Nun.* E mais que tempo: o bote já deo fundo, e como estamos em baixa-mar alguma cousa se atolará; o Commissario não salta em terra, o Encoberto lho vedou antes que seja purgada das maldades que a cobrem, e antes do arrependimento dos incredulos á vista dos milagres do Encoberto: cheguemos manso, e V. m. adiante-se, e espere que lhe fallem: eu fico.

(*Pantaleão caminha até ao bote, Louro que finge de Commissario lhe dirá de dentro*).

*Lour.* Quiçá, Pantaleão Velho, que nunca vós attentastes por tamanha ventura como esta. Ora sus venhais embora, entre todos os que o Encoberto mais do peito ama, por elies lá de tão longe a todos lombriga; vós fostes o primeiro marcado para vos fazer mercê. Estais feito adiantado mór, com a Commenda de Sarilhos. Bofé que adregou com vosco; no primeiro dia que bramar, ireis para as portas de Alfofa, para lhe entregardes as chaves do Castello....

*Pant:* D'embaçado não posso fallar.... be.... be.... bé.... be.... jo.... a Vossa Alteza....

*Lour.* Não vos corraiz, Pantaleão Velho; olhai que o Encoberto não está aqui, e antes de sua Real entrada, depois de um quarto de guerra, não dá audiência a seus servidores. Quem vos falla he Vasco Porcalho, recebedor e maunposteiro das maunças das cavallarigas; socegai, que passado menhem,

vós vereis os meninos orfãos acavallo , e moscas por cordas. Olhai , attentai bem , aquella he a Não grande em que está o Encoberto , aquelle he o farol ; mais áquem estão as Galés mouriscas que elle traz atoadas , e estoutra he a Galé da Pionagem. Dizei-me , trazeis o sacco ?

*Pant.* Com o dinheiro , e peza-me que fosse tão pouco.

*Lour.* Não aprouve ao Enboberto descarregar em um só servidor todo o pezo da necessidade , elle o partilhou por muitos , a porção que vos tocou foi meã , e vos recomendo que tenhais os vossos grãos a bom recado ; pois vos diz o Preto do Japão — que nesta era se levantará o comestivo , — e vós podeis fazer grandes onzenas ; ora chegai-vos mais , que vos quero abraçar ; dai-me cá primeiro o saquitel.

*Pant.* Ai que me atollo !

*Lour.* Tomai tento , por minha vida , que puzestes o pé n'alguma Alforreca. Estaisestontado , cobrai animo , não arrieis , dai a mão a esse remeiro , firmai-vos , que mais soffreo por vós o Encoberto em Veneza.

*Pant.* Ai que me mergulhão ! Ai que me amanotão ! Ai que me esganão os gorgomilos ! Ah qui do Encoberto ! Argelinos , Moiros na praia !

*( Louro salta do bote , chama Nunes , conservando Pantaleão atracado nos braços ).*

*Lour.* O' Nunes, aju la cá, demos cabo deste papelão. (*Corre Nunes*).

*Nun.* E o sacco está em boa arrecadação?

*Lour.* Está empalmado; estripemos este Sebastianista, sacá-lhe a perueca, a farrusca já ahi está no lodo; relojo fóra;

(*Puntaleão urrando como suffocado, e os dous malhando com dous bambus*).

Você não se curava da mania d'outra sorte, e he obra de misericórdia ensinar os tolos.

*Pant.* Pois Senhores, isto não he letra que entre com sangue, e malhar por este feitio com uma chuva de taponas deste lote nunca foi ensinar; se querem que eu aprenda conservem-me a vida; a primeira lição não está mal paga com tres mil cruzados; e o meu relojo de Markam, e o mais de que os Senhores Bachareis forem servidos; não me matem, que estou em peccado.

*Nun.* Se você he um máo Christão, e além disto pateta; se você tem um Soberano legitimo, para que quer outro? E não era melhor que você mettesse na caixa dos donativos estes tres mil cruzados, de que nós daremos cabo, e mais que fosse em menos de uma semana? Que sandice he esta de esperar o Encoberto com esses sinaes-zinhos? Pois eu protesto que se verifique esta noite um delles, que diz — Haverá muita pancada. — (*Continua o carolo*).

*Pant.* Ai, que ella he mais basta em cima de mim do que cabello em cão! E por



háver dois ladrões mais; não se segue que não venha o Encoberto...)

*Nun.* Afoga, afoga; esgana de todo, que ainda ateima, ainda bole.

*Pant.* Ai que espicho! Ai que morro!

*Nun.* Levante o dedo para o ar; diga sô paparrotão; ha de ser mais Sebastianista? Ha de dar mais de comer ao João papajantares? Ha (de acreditar mais a Mãre Teresa Joaquina? Ha de andar com papelinhos sebentos do Profeta Coelho? Ha de pegar mais nó covilhete da gemma?

*Pant.* Aqui está o dedo para o ar; nunca mais Sebastianista; leve o diabo o Bandarra, má fim tenha o Mouro de Granada; pingado seja o Preto do Japão, desgargalado seja o Donato de Monserrate...

*Lour.* Saca-lhe a casaca, e deixa ir esse diabo. Ouvio, sô amigo, vá pelo caminho do do bucho da pescada descalço á penha, e nunca mais Sebastianista; e adeos que nós cá vamos para a Ilha encoberta.

*Pant.* Boa viagem! E o que dão aos calcabares! Como se levão! Ai minhas costelas! Não me posso bolir do trazeiro....

#### SCENA VIII.

(*Pantaleão caminha um pouco coxeando, e bate á porta*).

*Pant.* Venho do Inferno! Se me vejo dentro, e ainda estiver luz accesa, queimo os

vinte e dois volumes das Profecias, e em  
luzindo o buraco vou comprar o livro — Os  
Sebastianistas — Oh Alonso, Oh Alonso,  
abre, diabo, que sou eu, Alonso, O Guimar,  
vocês estão mortos como o Encoberto, ou  
forão-se metter no sumidouro da excomun-  
gada Ilha?

SICENA IX.

Alonso, e Pantaleão.

Alons. Que xê demos he ixo! boça mer-  
ceia tem calma, bem em mangas de ca-  
mija?

Pant. Milagre he ainda trazer eu a pelle  
e o fôssor.

Alons. Boxa merceia! xafurdou no ester-  
co, bem enlabuxado?

Pant. Que he de Guimar? Oh Guimar!  
Tu acordas, dragão, onde está esta ch'ocola-  
teira?

Alons. Num xêi, he eu só oubi ahi uma  
mexida, e parece-me que che me está bá-  
runtando, que beio sabi o Senhor Vento, e  
que che forão, e que ch'ião ber as ch'entra-  
das do Senhor São Sebastião.

Pant. Estou perdido, estou condemna-  
do; maldito seja o Frei João da Barroca, o  
Caciz Abel Mullei, o Padre Leandro, e  
mais o Bocarro! Afundada seja a Ilha en-  
coberta! Cegos sejam os que tem passado  
Certidões que a virão; eu não orei men-  
nas passarolas que vierão a Santarém. Alon-  
so, e a burra foi-se

*Alons.* Chinda, entonce lhe deitei palha.

*Pant.* Não he essa diabolaria e obusni

*Alons.* Antoneses (num) bi. —

*Pant.* Onde está, minha filha, ladrão?

*Alons.* Chéla, num ficou comigna

*Pant.* E los cães ladrarão?

*Alons.* Num oubi.

*Pant.* E a ladra da cozinheira?

*Alons.* Chundaba, ahi com duas troxas adiante.

*Pant.* Velho desgraçado, nem ao menos te deixarão uma corda para te enforcares.

*Alons.* Aqui che está a minha, num faga boxa mercê de keremnia.

*Pant.* Dá cá a luz... Ai de mim, homem como ficou a casa! Parece que esteve aqui aboletado o Maneta! Ah Pantaleão! Ah pastola, tens os queixos amarrados, as costelas falsas amolgadas, o fio do lombo pizado, e moido como sal, as pás como salada, estás roubado, deshonrado, fugio-te a filha, a casa está uma verdadeira roupa de Francezes; que te resta? A morte! Oh morte, anda cá depressa!

SCENA X.

*Roxendo, Pantaleão, e Alons.*

*Rox.* Sim, amigo, a morte logo vem, e em quanto tarda.

*Pant.* Põem dois do um sobre outro,

E põe-lhe outro á direita,

Põe outro como o primeiro,  
 Ah! tens a conta feita.

Põe in tres thezouras abertas,  
 Diante dum Linhol direito,  
 E põe mais seis vezes cinco,  
 Com mais hum vai satisfeito.

*Pant.* Se V. m. Senhor Rozendo, se vira  
 como eu me vi, atacado em lódo; moído  
 a soco puro; roubado até á camisa, feito  
 um pinto em água salgada; escalavrado, é  
 zurzido a pão; e chegando a esta casa a vis-  
 se com privilegio de quartel Francez; minha  
 filha em polvorosa; ainda para me apertear  
 mais me repetiria as malditas das trovas?

*Roz.* Sua filha em polvorosa! Isso ago-  
 ra he mais comprido; como assim?

*Alons.* Num Senhor; e ha che foice com  
 o Senhor Vento a uma função?

*Roz.* Ah, Senhor Pantaleão, Senhor Pan-  
 taleão, eu tambem mereço esta desgraça pe-  
 las minhas condescendências com as suas  
 parvoices: declaro agora que nem sou  
 nem serei nunca Sebastianista: filia com V.  
 mio ao elleiro do seu cabedal; e de sua filha;  
 agora que tudo se gorou; sempre lhe digê  
 que he um pateta, um louco varrido. Que  
 cousas são Profecias desses mandriões? O  
 ourives de Braga, os bixancros da Madre  
 Teresa Joaquina? Que cousa são as infames  
 trovas? Tão poucas vezes tem ellas sido quei-  
 madas pela mão do algoz no meio daquelle  
 Terreiro do Paço? Qual he o homem de si-  
 so que dê credito a semelhantes pravoçadas?

Abi tem as suas esperanças, as suas manhãs de névoa, os seus cavallos de madeira, os seus olhos, ahi tem a sua deshonra eterna, ahi está o digno fructo das suas conferencias do alto de Santa Catharina, torne para lá, e ponha-se de boca aberta para a barra.

*Pant.* Desabafe comigo, tudo he menos que ver-me sem o meu diuheiro, e sem minha filha; não me insulte na minha desventura; a minha teima acabou; eu detesto, e abrenuncio tantos fantasmas, verdadeira bruxaria, e embelêco; conheço, ainda que tarde, quem sejam os Sebastianistas, peiores são os que os defendem, porque querem metter os cães na moula para certos fins: eu vou apurar as letras, se he que más não codilhárão, e dar comigo nos Sertões do Piauí, e Cuiabá; antes com Tapuias, que com Sebastianistas... Mas a burra cá está, a chave no seu lugar, e as letras na carteira.

*Roz.* E sua filha em casa daquella santa mulher; eu vi tudo, eu espreitei tudo, e a estas horas já casada, porque aquillo he cousa que se faz do pé para a mão. Eu tenho a viagem justa, bolacha a bordo, agoada feita, as capoeiras cheias, os do dinheiro a risco logrados, e eu por aqui me sigo, e antes appareça o diabo á Não-tá-India, do que eu veja mais um Sebastianista.



## SCENA XI.

*Sebastiana, Bento, Guimarães, Pantaleão,  
Rozendo, e Alonço.*

*Seb.* ( *De joelhos* ). Meu pai, perdão, misericórdia, amor! Aqui estou a seus pés; lembre-se de sua filha; a minha ingratidão não destróe os direitos da natureza; eu estou casada, o mundo não murmura; o meu esposo he um guarda livros. . . .

*Roz.* ( *E talvez que guarda-joias; que vo-  
cês não haviam ir com as mãos abanando* ).  
( *A' parte* ).

*Seb.* Está a ponto de se estabelecer, não ha desigualdade, o seu sangue não fica infamado, eu quiz evitar um Sebastianista, se pequei aqui estou a seus pés, e não me levanto sem absolvição, ou a sua benção, ou a morte.

*Pant.* A palavra Sebastianista te salvou das garras do meu furor; o Ceo me curou o espirito á minha custa, e os cirurgiões me curarão o corpo tambem á minha custa, e te alcança o perdão; a minha maldição cabiria em cima de teu esposo, se desse nessa manqueira. A lição que tive foi cara, o que eu podia aprender por tres tostões, (1) aprendi por tres mil cruzados, e uma sova que me não deixou um só osso no espinhaço, que não esteja amolgado.

*Bent.* Senhor meu sogro, eu excedi os limites; mas a paixão me arrastou.

---

(1). Era o preço do folheto. — Os Sebastianistas. —



*Pant.* Senhor meu genro, como não quiz de minha casa mais que minha filha, e eu acho a burra em seu logar, fique perdoado, eu o admitto, e lhe dou um oitavo nos meus interesses: o golpe que acabou de receber me atrazou muito, he necessario tento, e prumo, Senhor Rozendo, eu lhe perdôo o engano em que me conservou sempre, vista a sua ultima declaração de não ter sido, nem ser Sebastianista; eu estou desenganado, e pelo meu dinheiro: essa rapariga, que eu conservo em casa de pequena, he de Thomar, e de muito boa gente, se quizerem algum dote haverá....

*Guim.* Quem eu? Quero com unhas e dentes.

*Roz.* E eu tambem, porque estou entrando em dias; e olhe, Senhor Pantaleão, que não são os de Jeremias.

*Pant.* Nunca mais esses desaforos: casem, vivão felizes; eu não permittiria que casasse com Alonso, porque então pareceria isto um Entremez, sendo aliàs uma verdade.

*Alons.* Eu estou cajado na terra, e chantes que o num fora, num me faz conta a xenhora, he muito espartinba....

*Pant.* Vamos descansar. Ensopa-me dois lanços em vinho, que a piza não foi bagatella, e apenas luzir o buraco farás uma fogueira no quintal, e em cima della toda a minha colleção dos vinte e dois volumes de Profecias; este fim devem ellas ter, e este mesmo merecião todos os Sebastianistas.

F I M.

# O VICIO SEM MASCARA,

OU

O FILOSOFO DA MODA.

PEGUENO DRAMA

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.



**LISBOA :**

Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

*Rua Nova do Carmo, N.º 39 — D.*

—  
1841.

THE HISTORY OF THE

REIGN OF

CHARLES THE FIRST

BY

JOHN BURNET

OF

THE UNIVERSITY OF OXFORD

IN TWO VOLUMES

THE SECOND

VOLUME

LONDON

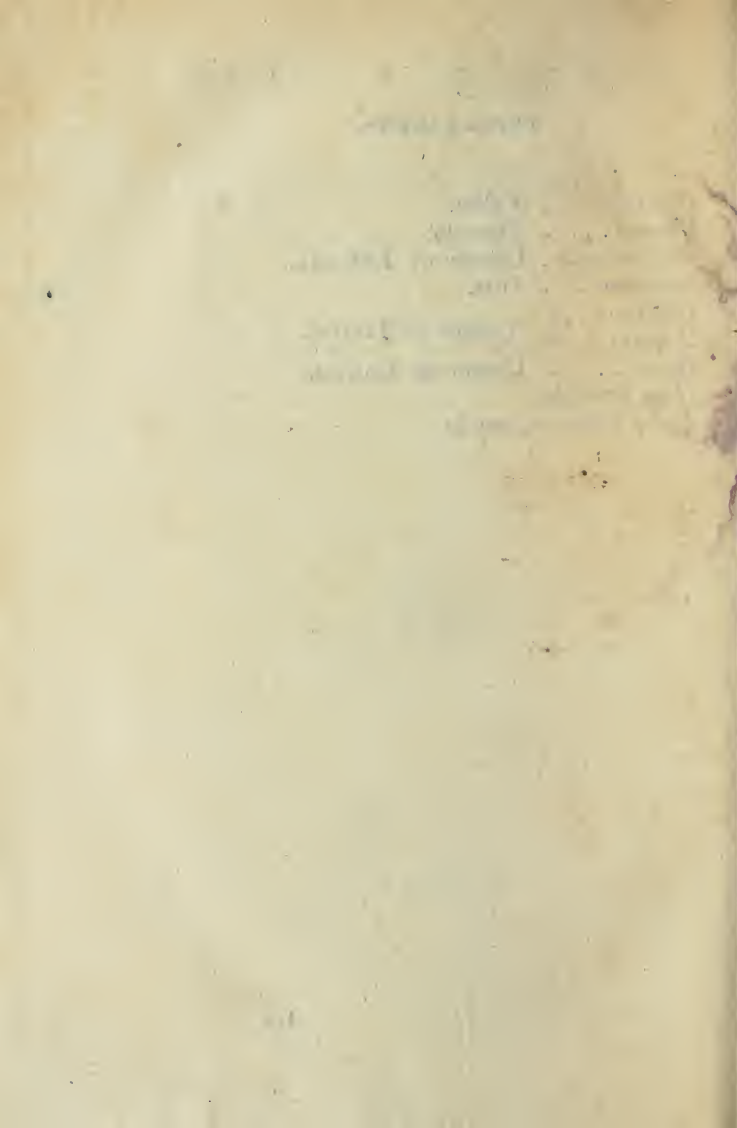
Printed by R. B. A. G.

1704

111

PERSONAGENS.

*Eufrazia* . . . . Velha.  
*Pitaval* . . . . Filosofo.  
*Clarimunda* . . Creada de Eufrazia.  
*Severiano* . . . Juiz.  
*Labierno* . . }  
*Patenio* . . } Amigos de Pitaval.  
*Balão* . . . . Creado de Eufrazia.  
*Hum Tabelião*.  
*Turba Esbirral*, muda.



ACTO UNICO.

*Representem uma Salla decente.*

SCENA I.

*Eufrazia só.*

*Euf.* Testamento de mão comúa! ... essa era fina! Antes da consumição do matrimonio! Isso era sangrar-se em saúde! E se eu tiver ainda filhos destas quartas nupcias como espero, pois eu ainda não estou com os pés para a cova! Do meu terceiro marido me ficarão quatro cazais, e elle me deixou huma Capella de livre nomeação; he verdade que as paredes das officinas do Casal do meio ficarão por sua morte bastantemente aruinadas, mas ainda se podem calafetar. A Capella essa está intacta, o dinheiro de contado tem bolor de estar guardado; se eu faço o testamento, cuida logo em me enterrar... Nada, nada. Casar primeiro, e prometter sempre, e sempre deferir o testamento; com este engodo elle me fará muitas meiguices, levar-me-ha á Opera, ás funcções que eu quizer, a ver se me enrabixa com o testamento, e veremos qual dos dois fica logrado.

SCENA II.

*Eufrazia, e Clarimunda.*

*Clar.* Eu não sei o que vmc. espera deste



rapazinho; he verdade que tem hum ar agradavel; dizem que he hum talento chapadissimo; bem sei que elle a póde fazer feliz, e governar-lhe bem os Cazaes, augmentar-lhe com bemfeitorias a Capella; mas tambem póde ser que a sua conducta seja mais hypocrisia que virtude. Os dois papelões que o acompanhão, parecem-me politicos de Caffé, brinco na orelha, cigarro obrigado; calças com reforço, e guarnição, e sobre tudo ouço dizer que são Poetas, boa laia de gente; dize-me com quem vives, dirte-hei as manhas que tens . . . .

*Euf.* Que importa tudo isso, se eu nunca fizer o testamento de mão comúa, e a Caza se for conservando como se conserva em administração? O Juiz não he para graças, e não he capaz de deixar comer hum panno de palha que seja de tolãa.

*Clar.* Olhe, Sn.<sup>ra</sup>, nem elle, nem os dois acolitos são capazes de lhe comer um panno de palha; agora se lhe podérem chupar, e lamber athe ao ultimo real, eu creio que a livrarão de encargos.

*Euf.* Disso os livrarei eu . . . Vai ver, que estão batendo; se for Pitaval que entre; queira o Céu traga os dois amigos que gosto de os ouvir discorrer. Ah! isto aqui não he a Cartuxa, gosto de ver gente, de tratar com gente, de ser vista da gente em quanto a gente tem idade para tratar com a gente.

*Clar.* Tanta gente! E muita gente junta não se salva.

*Euf.* Já te disse que eu não fiz voto de clausura, nem vivo no dezerto. Ainda tenho atractivos. As rugas tambem se disfarção, e para que serve a grande, e pefeitissima arte do rebôco? A alma da gente não se faz velha; eu tenho espirito; os dentes ninguem ha-de dizer que não são meus, bons tostões me custarão com a metade de hum queixo ao natural; importou-me tudo em quatro moedas: este defeito do pescoço tambem se disfarça; então para que são os vestidos enforcados? Ora vai ver quem he, que eu vou para dentro compôr-me, e descasquear-me toda. [*Sahe.*]

SCENA III.

*Balaõ, e Clarimunda.*

*Clar.* [*Abrindo a porta.*] Que he isto Balaõ? tu dezertaste? Em que te mettes? Tu não estavas na Linha?

*Bal.* Qual dezertar! Venho com licença dos meus superiores, aqui a trago neste canudo. Vim buscar meias-fardetas; depois de amanhã aballo para um ataque; sempre quiz vir refrescar memorias; lembrou-me que comí o pão nesta Casa dez annos antes que me deitassem a mão, e tambem ainda não perdi da memoria esses bigodes. . . . Vmc. está de tremer! As saudades do seu Balaõ não a tem apertado muito. Isto são cazais de Pombos, Sn.<sup>ra</sup> Clarimunda, e os freguezes

aqui nesta Casa são como cabêllos em cãõ : o triste Balão a ouvir por lá zunir as balas aqui por estas orelhas, e talvez que por cá alguem me mettesse os caens na moita . . . .

*Clar.* Alto lá, Snr. Balão, Vmc. adianta-se muito ; não conhece a rigêza do meu peito ! Isto cá he á prova de batarias ; eu jurei-lhe amor, e não me venha arrotando authoridades Militares . . . .

*Bal.* Hum Soldado he decizivo. Quer Vmc. vir comigo ? Sabe que mais, Vmc. he esbelta, bem estreada do corpo, tem hum gesto arruminado ; vá feito, vista-se em trages de homem, venha assentar praça no meu corpo, andaremos juntos, e levaremos huma vida-airada em quanto não vem duas balas, huma para mim, outra para Vmc., eu caio, e fico morto, Vmc. tambem cahe, e fica morta alli ao pé de mim ; ficâmos estirados, e dahi ao depois de morrermos no campo da honra vem enterrar-nos, e quando lhe tirarem a farda para a cozerem em hum sacco, vêem que he mulher. . . todos ficão pasmados, e dizem, forte amor de sobrinha ! Isto era huma Rapagariga de truz. Ha vida como esta no Mundo !

*Clar.* Que lhe preste ! Por ora não estou resolvida, mas se me resolvêsse, eu tinha lá geito para marchar, e para manejar a almanjarra tão grossa, e tão comprida de huma Espingarda ? . . . . Quem me havia ensinar o manejo.

*Bal.* Cá o bixo, que estou para ser pro-

movido a Anspeçada em tendo mais dez annos de serviço !

*Clar.* Vivão os seus augmentos, Snr. Balão ! he preciso que eu os celebre já ; ora empine , e prepare essas orelhas , e acompanhe . . . . [*Canta , e aqui tem lugar huma musica de marcha.*]

SCENA IV.

*Eufrazia , e os Ditos.*

*Euf.* Oh Snr. ! . . . . Seja bem apparecido , e logo a cantar ! Bela vida militar ! O que lhe gabo, Snr.<sup>a</sup> Clarimunda, he a sua paxorra ; não perde pitada ; sem me dar parte que tinhamos este precioso aboletado , desfecha huma tempestade de guinchos por este feitio ! . . Ora, Snr. Balão, despeje-me a Salla que eu espero visitas ; Vmc. sabe os cantos á Casa , e lá na Cozinha talvez que ache alguma cousa com que possa fazer o manejo de dente sem voz. Entende-me ?

*Bal.* Perfeitissimamente , e para um saque dessa natureza sempre cá está o guerreiro prompto. A's armas ! Lá me chamão , com licença.

SCENA V.

*Eufrazia , e Clarimunda.*

*Euf.* Tu hes alguma cousa estouvada ; mas em fim descubro em ti algum zelo pela mi-

nha felicidade, sempre te quero ouvir neste importante negocio que trago entre mãos Tu sabes que tive tres maridos, estão enterados, não sei se fui eu, se fôrão os Medicos, que derão cabo delles; com agoas passadas não móem moinhos, eu acho-me vigorosa . . . .

*Clar.* Eu assisti ao enterro dos tres; quer saber se estou resolvida ao enterro do quarto? Hé esse o negocio?

*Euf.* Appélo eu! Pois o mesmo he cazar comigo que ter meio caminho andado para o Cemiterio?

*Clar.* Não hé meio caminho, he todo o caminho. Eu não sei se isto procede dos seus humores; em passando o primeiro mez começa logo os miseraveis com huma tôcinha sêca, depois vai-se-lhe afinando o nariz, somem-se-lhe os olhos, cáhe-lhe o cabêllo, adelgáção-se-lhe as pernas, apparecem-lhe varios glôbos no pescoço, arrêão-se-lhe as campainhas, escarrinho de sangue, e cova te valha!

*Euf.* Pois sim, cova te valha, e então por isso fica o Mundo sem homens?

*Clar.* Olhe cá, se Vmc. for ateimando a viver, e a cazar, depressa ficará o Mundo sem essa fazenda.

*Euf.* Mas se elles querem....

*Clar.* Vem huns com o cheiro na fazenda que os outròs deixão.

*Euf.* Venhão elles seja a que cheiro for; se tu podes passar sem marido, eu não pos-



so, quero quem me ampare, e quem me administre a fazenda, e tenho resolvido cazar com Pitaval.

*Clar.* Eu sou sua Creada, não sou sua tutora; mas faça-me a mercê de me dizer em que se occupa este Patamal, ou este Pitaval, que Officio tem?

*Euf.* He Filosofo....

*Clar.* Filosofo! Isso he hum Officio de lote? E os dois que andão com elle, que Officio tem?

*Euf.* Tu não o sabes? Fazem versos nos Botequins, jogão, passêão, vestem, calção, e tudo da sua natural industria.

*Clar.* Isso he que se chama servir a Patria. Mas deixêmos essas cousas, isso pertence lá ao Limoeiro; se Vmc. quer cazar com o tal Patamal, ou Pitaval, porque não caza? Vmc. hé Senhora de si, e parece-me que já não existe na fórma da Lei, porque me parece que tem mais de dezeseis annos!

*Euf.* Alguma couzinha mais, mas muito pouco. Eu era a primeira vez cazada pelo terremoto grande.

*Clar.* Sim por ahi hade andar; pois então cáze, dê-nos hum dia de alegria, para nos dar dahi a hum mez outro de luto.

*Euf.* Elle quer que antes de me dar a terna mão de Esposo, eu faça o testamento de mão comúa, e depois se fará a Escriptura para as nossas faustas nupcias; hoje he o dia destinado para se lavrar o testamento, e elle



não tarda com as testemunhas, e o Tabela. Oh Clarimunda, eu estarei em meu juizo perfeito?

*Clar.* Assim, assim... mas isso logo se vê... lá estão batendo... Se forem elles?

*Euf.* Abre-lhe a porta, essa he boa! Elle não hade ser dono da Casa? Eu retiro-me, e depois vém-me chamar. [*Sahe!*]

*Clar.* Vá com Deos... São elles! Que corja! parecem-me tres perfeitissimos ladrões!

SCENA VI.

*Pitaval, Labieno, Patenio, e Clarimunda.*

*Pit.* Clarimunda, a idéa inata que eu tenho do teu merecimento sempre me encanta.

*Lab.* Em quanto no Mundo girar a verdade nos Periodicos, será louvada a sua beleza.

*Pat.* Em quanto álem das agoas do soberbo Atlantico....

*Clar.* Que he isto! Vmcs. vem do Izidro? Ou acabão de tomar Caffé?

*Pit.* A minha independencia cede á força dos teus atractivos; a Filosofia não tem valor para resistir....

*Clar.* Isso he com minha ama; não he comigo. Com licença, eu a vou chamar.

SCENA VII.

*Os tres.*

*Pat.* .... Do Sol tres cursos passárão,  
E sete cursos da Lua,  
Nunca, oh Marcia, a raiva tua  
Meus suspiros abrandárão.  
Meus olhos te consagrárão  
De affecto hum taçalho assim...  
Mas os fados.... ai de mim !....  
Marcias só querem dinheiro,  
E de pobres só dão cheiro  
Poetas de Botequim !

*Lab.* Da America feliz Cantão ditoso  
Muitos thesouros no seu seio encerra,  
Se de lá surde hum Mono dadivoso  
He logo vencedor, de Amor na guerra ;  
Logo lhe arruma hum Ananáz cheiroso,  
E a corja dos rivaes vence, e desterra,  
Fica na rua o apollineo louro,  
Versos não fallão onde falla o ouro.

*Pit.* Isso são sentenças dignas de hum Licurgo e de hum Solon, por isso eu amigos seguindo a minha filosofia, não arrastro a aza se não a Velhas sexagenarias, e serpentinhas, cahem como tordos, e por huma consequencia digna da minha alta filosofia, das premissas de quatro afagos tiro da algibeira ás Velhas cabedal com que posso sustentar as moças.

*Os dois.* Vmc. estudou Logica, e não he como a Logica das nossas tristes cabeças.

*Pit.* Pois amigos, com essa honrada Lo-

gica venho eu armar hoje aqui hum testamento de mão comúa a ver se posso empalmar os Casaes desta Velha, e dar cabo della, bem entendido sem a esparrella do Casamento, e espero que Vocês me ajudem, porque terão rasca.

*Os dois.* Sem escrupulo.

Por hum Caffé no dito testamento

Daremos logo hum falso juramento.

*Pit.* E o mais não he ser filosofo.... Ahi vem a furia.

### SCENA VIII.

*Eufrazia e os Ditos.*

*Euf.* Felizes, Senhor Pitaval! Para lhe obedecer, meus Senhores. Eu não vim logo a seus pés a gozar da sua amavel companhia por estar alguma couza incommodada emquadra de indispensaveis necessidades.

*Pit.* Pensões da natureza, assim o pede a economia fisica do corpo organico feminil.

*Pat.* [Que me dizes á tartaruga? Ella está em termos de não escapar esta Quaresma!.... [*A' parte a Lab.*]

*Euf.* Então, Snr. Pitaval! O negocio da nossa união eterna fica na especulação sómente, ou reduz-se a huma effectiva, e constante pratica?

*Pit.* Isso depende da sua vontade; eu já lhe expuz os preliminares da dupla alliança; huma vez que se troquem, procederemos logo á sua conclusão.

*Lab.* Quer dizer o Sr. Pitaval que`feito, approvedo, e sellado o Testamento se cuidará logo nos banhos.

*Euf.* Queira o Céu que não sejam mergulhos!

*Pat.* Nós para isso somos convocados, para garantes, e testemunhas, visto o Sr. Pitaval ter já mandado a sege para o Tabelaão, e depois

Batendo as azas Cupido,  
Vindo do Inferno, ou do Céu,  
Entre as unhas d'Hymineo  
Deixe o bello par unido.

*Euf.* Bravo! Bonito! Muito obrigada!

*Lab.* ... E tirando do carcaz  
Doirada séta estridente,  
Fará na antiga serpente  
Filhos como Satanaz.

*Euf.* Isso agora he graça sua! Não admitto lisonjas.

*Pit.* Tratemos cousas sérias: o Tabelaão está fallado; não tarda aqui. A Snr.<sup>a</sup> D. Eufrazia está disposta?

*Euf.* Com as cordas d'alma. Mas parece-me agouro antes de enlaçarmos as ternas mãos tratármos de couzas que cheirão a defuntos.

*Pit.* São precauções da boa filosofia; os meus carinhos merecem alguma recompensa: a fama dos meus excessos hé já publica, e em quanto durão as diligencias, ou meu Pai oppozér alguns obstaculos, se o destino determinar augmentar o numero das Parcas

com a Snr.<sup>a</sup> D. Eufrazia... não he justo que o seu amante , e futuro Esposo fique defraudado...

*Euf.* Boa he a cautella.... o amor, e fogo em que me abrazo a tudo me obriga... Mas eu sinto rodar sege, será o Tabelaão ! Com licença. O' Clarimunda !... Clarimunda !... Ahi vem a rapariga, que abra a porta, que prepare a meza, e a escrivaninha : eu venho já : todas as minhas interiores entranhas se me comovêraõ ! Este lance he de muito aperto.. Com licença... Clarimunda !.. (*Sahe.*)

SCENA IX.

*Clarimunda, e os Ditos.*

*Clar.* Aqui está Clarimunda , sobre as azas de Cupido.

*Lab.* Lá vai...

Desses dois olhos as settas  
Despedes com tanto orgulho,  
Que atravessão o bandulho  
De dois lambizas Poetas :  
Ficâmos como patetas  
Todos de queixo cahido,  
Se hum suspiro enternecido  
Sem dinheiro vai voando  
Vem logo recambiando  
Sobre as azas de Cupido.

*Clar.* Pois quem he pobre não tem vicios , meus Senhores. Deixem-me hir preparando

as cousas necessarias para o Auto e corpo de delicto; mas eu não posso só com esta bizarma da Banca, e o Sr. Balão ainda que hospede não deve levar tão boa vida. O' Balão!...

SCENA X.

*Balão, e os Ditos.*

*Bal.* Aqui venho pelos ares... Respeitabilissimos Srs... Que dois Pifanos para o meu Regimento! Como lhe estaria bem a farda! Ainda os não achárão?...

*Lab.* Assim se insultão os filhos da Musa?...

*Bal.* Filhos da... (Ora minha ama sempre gostou destes papelões!) (*Pegando na meza e olhando para elles, á parte.*)

*Clar.* Cála-te Balão, que os Srs. são Poetas?

*Bal.* Pois então que vão para a Caza dos orates, ou Lazareto com elles, que isso he gente apéstada; se eu encontrasse alguns por huma charneca, a baioneta tinha que trabalhar.

*Pit.* Amigos, he ter paciencia, isto he gente sem principios filosoficos da tolerancia; elle tem má cara, e bem podem prometter hum Soneto de cêra ao Pai Apóllo para sahirem daqui com vida.

*Clar.* Tu não te acomodará's Balão? Olha a zanga que havias tomar em hum instante!

*Bal.* Oh diabo! Pois quem não hade in-



quizar com estas duas caras! (*Chegando para elles.*) Tú cuidas que não conheço os dois estafermos do Botequim?

*Clar.* Retira-te, que ahí chegou a sege. (*Sahe Balão.*)

*Pit.* He o Tabelaão. Chame a Senhora. (*Clarimunda abre a porta.*)

SCENA XI.

*Os tres, o Tabelaão, e Eufrazia.*

*Tab.* Os Senhores desculpem a minha demora, que estive pegando humas folhas em hum Testamento para se levar á alcova de hum moribundo que o devia assignar...

*Pit.* Aqui temos objecto da mesma natureza; a Senhora quer passar a quartas nupcias comigo, e segundo as nossas estipulações quer anticipar-se com Testamento de mão comúa para o que dér e vier. Os Senhores são as testemunhas...

*Tab.* A cara he boa, e bem se vê a sua alta probidade, julgo que terão occupação publica?...

*Os dois.* Poetas...

*Tab.* O' lá isso he huma cousa de grande momento em a Republica; e a sua assistencia?

*Os dois.* (*Pasmados hum para o outro.*).. No Bilhar...

*Tab.* Está bom, está bom, tem todas as qualidades para fazerem fé em juizo quando

seja preciso. Vamos a isso que eu tenho alguma pressa, e o Testamento tem cabeça-lho grande antes que comecêmos a lançar as verbas, e a senhora talvez queira algum Codicilo... (*Sentando-se todos á roda da meza.*)

*Bal.* (Ora ahi vai o testamento da Velha! Olha que cortiço! Não a logirão! Isso he passaro de bico revolto!... (*De hum canto, á parte.*) (Verão o que sahe daquella tartarugá! Que posta me deixará ella a mim?... (*O Tabelião escreve.*)

*Euf.* Está feito o cabeçudo, Sr. Licenciado?

*Tab.* Sim, Sr.<sup>a</sup>, póde determinar... (*Lê.*) Por minha morte constituo meu Herdeiro universal o Sr. Pitaval...

*Euf.* Não Sr., eu não queria assim...

*Tab.* Pois diga.

*Euf.* Por minha morte deixo ao Sr. Pitaval huma Quinta em Caparica, que confina pelo nascente com outra Quinta, e pelo poente com huma Horta.

*Tab.* E como se chama a Quinta?

*Euf.* A Quinta da Logração...

*Tab.* Vamos...

*Euf.* Deixo-lhe hum Olival na Penha, humas Marinhas em Setubal, cinco Hortas em Chélas, hum Pomar de caroço em Colares; deixo quando morrer estas Cazasem que móro com laudemio de quarentena; deixo-lhe hum Casal em Pernes com suas pertenças...

*Bal.* (*Do canto, á parte.*) (Eu tambem dei-

xo tudo aquillo quando morrer... Que taes estão os Legados pios! Leve-lhe o Diabo o Testamento!

*Euf.* Deixo-lhe hum Moinho em Cheira-Ventos: deixo-lhe huma Liziria defronte de Alhandra, e de bens livres deixo-lhe para ver a Batalha do Campo de S. Braz..

*Pit.* Basta.. Isto parece-me mangação.. Porque me não deixa tambem os Arcos das Agoas-Livres, e o Cruzeiro de Arroios? Deixo, deixo. Isso deixão todos!...

*Euf.* Ah! meu pequerrucho; pois então não me entende! Pois eu que enterrei tres, deixar-me-hia lograr pelo meu menino! Meu filho, cazemos, vivâmos, e em testamento quando a doença fôr perigosa fallarêmos.

*Lab.* Amigo Pitaval, a Logica não foi boa, as premissas não erão solidas, e a consequencia fallhou.

*Tab.* Com isso não tenho nada; o meu trabalho, e incomodo com lucros cessantes, e danos emergentes...

*Euf.* Quem lhe encommendou o sermão que lho pague, eu só pagarei as Escripturas do nosso matrimonio quando o Sr. Pitaval determine as competentes arrhas..

*Pit.* Eu procurarei a Sr.<sup>a</sup> segunda feira..

*Tab.* (*Sahindo.*) Isto he casa de ladrões, e de velhacos!...

SCENA XII.

*Eufrazia, Clarimunda, e os Ditos.*

*Euf.* Oh Clarimunda! vem serenar esta borrasca; o Sr. Pitaval ficou muito triste, elle tem culpa com a insupportavel demora das nossas nupcias; dêmos este passo, e tudo se fará.

*Pit.* Sim, Sr.<sup>a</sup>, quero fazer-lhe a vontade.. (Tu mo pagarás cascata do Inferno.)  
(*A' parte.*)

*Clar.* Então que me querem?

*Euf.* Que cantes o nosso Epitalamio sobre motivo de Lundum, composto aqui pelo Sr. Patenio, que he muito sentimental como são todas as suas peças.

*Clar.* Veremos se me lembra... Ora ahi vai a outra letra que he de hum devoto particular.

De amor a chamma voráz,  
Que humano peito traspassa,  
Tanto fére esbelta moça,  
Como fére huma Carcaça:

Já c'o os pés na sepultura,  
Já c'o o rosto bolorento,  
Péde-lhe o corpo folia,  
Quer fadango, e cazamento.

Manhosa, e sagaz,  
Não cahe na esparrella,  
Se cazar com ella  
Promette hum rapaz.

E creia o que eu digo  
Senhor Pitaval,  
Sem dar mão de Esposo,  
Não chucha hum real.

*Todos.* Bravo.

*Pit.* Bravo, e bravo. Senhora D. Eufrazia, eu vou cuidar nas arrhas, e escripturas; mas antes queria ter aqui huma conferencia com estes meus amigos, se me dér licença.

*Euf.* Essa he fina! todos nos retirâmos. Ora veja se acaba com isso, e se ámanhã he o dia... (*Sahem.*)

SCENA XIII.

*Pitaval, Patenio, e Labenio.*

*Pit.* Amigos, quando não vale o occulto estratagemas, vale a força descoberta; vocês tem percebido que o meu intento era cardar esta velha com o engôdo do casamento; mas isto he fortaleza inconquistavel ao artificio; repelio o ataque com huma tactica sublime. Eu sou Filosofo, e assento por hum principio digno da moderna illuminada Filosofia do Pritanêo central, que as cousas não mudão de essencia, ainda que violentamente se arranquem das mãos do seu legitimo possuidor. Segundo o Systema Continental, o direito da propriedade he dado agora pelo direito da força; quem mais póde empalmar mais legitimamente possue. Esta Velha he rica, e conserva o dinheiro tão em-



papelado, tão livre das injurias do ar, que se rí das constipações; cada marido que enterra he huma burra que augmenta: tenho determinado promover a sua circulação, pois o dinheiro he o sangue da sociedade, e nunca este sangue gira tão bem, como quando he espalhado pelas mãos da Filosofia. Eu vou chamar á luz do dia os ferrolhados cartuxos, fazer brilhar com a refração dos raios do Sol aquelles diamantes sepultados em perpetua noite. Tu, Patenio, hês o meu braço direito, e tu, Labieno, o meu braço esquerdo. Os despojos desta illustre victoria serão divididos com a mais escrupulosa igualdade. Esta caza não tem defensão; duas mulheres, e huma dellas tartaruga, ficarão mudas apenas ouvirem sahir do bico de huma faca a palavra filosofica — *Ponha para ali . . .* Nós sahimos para fóra, e daqui a duas horas, com a confiança que me dá o amor, venho, e finjo que me esqueceu cá alguma cousa, a porta de certo se me abre, em eu entrando está a praça escalada, a brexa praticavel; vocês entram, cada hum se apodéra de huma, lenço na bôca, mãos atraz, chaves apanhadas, burras abertas, cartuxos restituídos á sua liberdade; as nossas algibeiras, até agora finas como o circulo polar, ficarão quentes como a Zona torrida, e se a Velha grunhir, antecipar-lhe-hemos dois mezes mais a sua viagem para o Cemiterio. Eis-aqui huma daquellas cousas a que a moderna filosofia chama golpes de mão.



*Pat.* Oh profundo! oh altissimo filosofo Pitaval!

Teu nome espalharei por toda a parte,  
Igualas hum francez no engenho e arte!

*Lab.* Se os fructos gozas do fatal despojo  
Deos te livre, e a nós do Caes do tojo,  
Onde junto a tres páos já sem remedio  
Cantem gatos pingados o Epicédio!

Mas em fim, trutas não se pescão a bragas enchutas. Eu persuado-me, que destas premissas, por muito boa e moderna Logica, se tirará a legitima consequencia da nossa fortuna; o menor numero deve ceder ao maior; nós somos tres, e a Velha he huma. Viva a Filosofia!

*Pit.* Despeçamo-nos em francez já que isto está por horas. Serviteur, Monsieur.

#### SCENA XIV.

*Balão, Eufrazia, e Clarimunda.*

*Euf.* Qué-de esta gente? Desconfiou o meu Pitaval! Ah! elle torna! Arrufou-se, mas o amor o apertará de saudades.

*Bal.* Sabe que mais! foi o Céu quem aqui me trouxe. Eu acabo agora neste instante de ouvir hum Proclamação franceza... Bravo Exercito de Gironda, sou contente de vós.

*Clar.* Que dizes tu, Balão?

*Bal.* Que digo eu Balão? Que quando suas mercês se retirarão, e deixarão aqui ficar os tres respeitaveis Filósofos, e Poetas,

eu fiquei além naquelle canto; ouvi que argumentavão em Filosofia, e fizeram humas conclusões em que assentárão que daqui a duas horas davão hum assalto geral; o Sr. Pitaval se deve introduzir nesta Casa para a proteger, e depois facilitar a entrada aos dois Poetas para consumarem a obra da protecção.

*Euf.* Ainda te não entendo...

*Bal.* Digo que os tres amigos são tres refinadissimos ladrões, e que daqui a nada assaltão esta Casa para a roubar, o que elles disserão he em francez, e o que eu digo he em bom Portuguez...

*Euf.* Oh Céu! Que remedio!...

*Clar.* Nunca me enganei com elles!...

*Bal.* O remedio he o que eu lhe vou dar. Marcho n'hum pulo a avisar o Juiz Administrador, venho com elle, e não faltarão gozos que o acompanhem; pelo caminho eu lhe descobrirei os planos do inimigo; eu, e mais elle ficaremos naquelle quarto de emboscada; vms. não se dêem por achadas; abrão a porta. Aqui está Balão; ainda que viesse o Exercito do Baltico, e o Anjo da Victoria, tudo aqui ficava; os tres amigos hão de passar pelas armas, ou eu não heide ser Balão. Não se assarapantem; deixem-se amarrear, que então lhe cahirei em cima com o corpo do meu commando; eu já conto com tres prisioneiros de grande patente...

*Euf.* Deos te encaminhe! Tenho o coração como huma pulga! Ah! maroto, estas érao

as nupcias promettidas! Não era Eufrazia, éráo as burras a quem tú andavas batendo a orelha; que me dizes, Clarimunda?

*Clar.* Que o Filosofo, e os dois Poetas éráo tres aceadissimos ladrões! O vicio nelles he sem mascara, e em fim a vida de tres ociosos effectivos de Bilhar, e Botequim dá na vida de tres descaradissimos ladrões; veja a que boa gente franqueava a sua casa!

*Euf.* Crédo! Eu me benzo! Se a gente cegasse com a negra palavra—Cazamento!...

*Clar.* Ah! vem o Balão com gente.

*Euf.* Abre já, que estou tremendo!

SCENA XV.

*Severiano, Balão, Eufrazia, Clarimunda e Aguaxis.*

*Sever.* Por isto, Sr.<sup>a</sup> D. Eufrazia, andava eu esperando ha muito tempo. Nunca lhe quiz perguntar quem era o tratante que a engodava; e quem éráo os companheiros d'armas que o seguião.

*Bal.* Assim que eu os vi logo disse que éráo ladrões; não tratemos agora de falar nas vidas alheias. Chega a postos! V. S.<sup>a</sup> tenha bondade de se retirar áquelle quarto com este asseado piquetc... Que gente, que carinhas! Vocês também serão da sucia?... Eu fico acolá para fazer hum reconhecimento no campo, e suas mercês duas, aqui he que as quero; em batendo abrão, que he

o inimigo... Turenas, Vilarés, e Eugénios, em que eu tenho ouvido falar no acampamento, sem lhes ver nunca os bigodes, venhão aprender de mim o valor, e a disciplina.... Com estas duas joias chamo o inimigo para o centro, tenho nos flancos aquelles bravos de capote que se me parecem com huns que cá vierão de capote branco: eu aqui por este lado conforme a natureza do terreno posso cortar-lhe a rectaguarda... Isto aqui não admite Cavallaria; não póde manobrar, mas caio-lhe nas ancas com o corpo da rezerva: Vim, vi, e venci.... Batem na porta.... moita tudo... A'brão... (*Retira-se.*)

SCENA XVI.

*Pitaval, Labieno, Patenio, Eufrazia e Clarimunda.*

*Pit.* Meu Idolo, perdôe o incommodo; não sei se por engano me ficou cá o meu relojo, e não posso ficar sem elle para as horas dos meus estudos filosoficos: pelo amor, e confiança que me dá me resolvi a tornar atraz....

*Euf.* Ora essas satisfações não são de amante! Esta casa não he sua?.... Sim, bem entendo, foi o indiscreto ciúme que o atormenta; quiz ver se eu estava em companhia.... pois engana-se; a minha fidelidade he a toda prova...

*Pit.* (*Chega-se para a abraçar.*) Meu uni-

co thesouro ... he verdade que eu me senti roído dessa vibora ; vem a meus bracos.....

*Agarrando-a com força.*)

*Euf.* Que he isto Pitaval !... Tu esganas-me?...

*Pit.* Ah grandissima serpente! Tartaruga! Cascata infernal ! já , já para alli as chaves da burra , mais...

*Pat.* (*E Labieno segurando Clarimunda.*) E a Sr.<sup>a</sup> formosissima Clarimunda , tenha a bondade de não tugar , nem mugir...

*Euf.* (*Como engasgada.*) Ah ladrão ! Ladrão ! Estas são as arrhas para o meu casamento?...

*Pit.* As chaves da burra....

*Euf.* Aqui estão n'algibeira, ladrão !

## SCENA XVII.

*Severiano , Balão , os Ditos , e Esbirros.*

*Bal.* O sexto , o decimo , o quinto Corpo cá para fóra já !.... attaca !.... flanquea..... marcha mais a rectaguarda... (*Empurrando os Esbirros.*)

*Sev.* Que vejo!... meu Sobrinho !...

*Bal.* Cá no campo não ha parentes.

*Sev.* Céos ! He esta a educação que tives-te ! Estes os exemplos que viste na tua familia ? Estes os fructos do teu estudo ? Estes os principios de moral que te fizeram beber com o leite ? Indigno ! Monstro ! Estas companhias te pervertêrão ; a tua indole não he



mal formada ; mas que se póde esperar desses domicilios da ociosidade , donde pela crápula se dá o primeiro passo para a libertinagem ! Estes dois glosadores de outeiro são os teus mestres ; estes te impellem para a tua ruina. Não , não considerarei o sangue que te gira nas veias ; tu serás victima da vingança , e da justiça publica ; hirás findar teus aviltados dias no mais remoto presidio de Africa , e servirás de exemplo á depravação da inconsiderada mocidade deste seculo . . . Senhora desaffronte-se ; a Providencia lhe quiz abrir os olhos , escolhendo o instrumento deste honradissimo Soldado ; eis-aqui hum digno defensor da Patria , e nelle póde mais a probidade natural sem cultura do que toda a cuidadosa educação deste monstro indigno...

*Pit.* Meu Tio ! perdão....

*Pat.* Senhor , nós não sabiamos para que vinhamos...

*Lab.* O Senhor nos disse que lhe tinha cá ficado o relojo.

*Sev.* A justiça o saberá , e dará emprego á sua ociosidade. Levem-me estes scelerados da minha presença... Cadêa... (*Sahem os Esbirros com os tres.*) E Vmc. Sr.<sup>a</sup> D. Eufrazia ; lembre-se que he tres vezes viuva , que a sua leviandade he mais escandalosa pela sua muita idade...

*Euf.* Muita idade!... A minha Certidão reza....

*Sev.* A Certidão que lhe diz que tem se-



tenta e cinco, tambem lhe diz que tenha juizo, que viva com honestidade. Eu sou destinado, não só para vigiar os seus bens, mas a sua pessoa. Este Soldado que a salvou he hum digno herdeiro seu; e já que esta Rapariga a tem aturado tanto, mereça alguma recompensa; e devem entrar pelo matrimonio na posse dos seus bens: para estes he que deve ser o seu testamento; hum a salvou, outra a aturou.

*Euf.* Eu por mim cazem.. Aquelle ingrato!

*Bal.* Eu tenho licença do meu chefe; vá feito!

*Clar.* Ah Balão! o que era graça foi devéras: aquí tens esta mão.

*Euf.* Anda Balão, dá-lha... eu envejo a sua sorte. São meus herdeiros!

*Clar:* (Cantando.)

Vou contigo meu Balão

Já voandó para o Céu,

Eia aperta-me esta mão

Sobre as aras do Hymineo.

*Bal.* Eu juro constante

De ser teu amante.

*Ambos.* Eu juro etc.

*Bal.* He só meu thesouro,

E eu juro de ama-la

Em quanto huma bala

Não me entra no couro.

*Clar.* Eu te juro, ó meu Balão,

Até seguir-té na guerra,

Defendendo a Lusa terra

Cahir coitigo no chão.

*Ambós:* Ah! vamos ao campo  
E vamos viver,  
Alli saberemos  
Amar, e vencer.

F I M.







